



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

DIÁC. JOAQUIM DA COSTA FERREIRA

O Diaconado

**Perspetiva histórica e renovação, com uma proposta para a
arquidiocese de Braga**

**Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Joaquim Félix de Carvalho**

**Braga
2021**

«Mesmo quando nos sentimos de mãos vazias devemos saber que pelo menos podemos dar ao outro essas mãos vazias para o acolher. Disponibilizarmo-nos para receber o outro é uma forma de dar.»

Vasco Pinto de Magalhães, *Onde há crise, há esperança.*



Diácono Prócoro com S. João Evangelista

AGRADECIMENTOS

A Deus, o dom da vida e de todas as experiências que me foram permitidas. De um modo especial, a de servir pelo ministério diaconal.

Ao professor Doutor Joaquim Carvalho Félix, pela orientação dedicada, sábia e amiga, na motivação e na compreensão em todo este processo. Muito obrigado, fica gravado no meu coração. Aos meus professores da Universidade Católica Portuguesa pelo dom da pedagogia humanizadora na dádiva dos conteúdos, e na abertura ao diálogo.

Ao seminarista Luís Martins, pela generosidade sem limites na disponibilidade e abertura às minhas dúvidas.

Aos meus pais, Domingos e Ana, pelo amor gratuito que me permitiu a vida, e a generosidade sem medida de providenciarem o meu crescer. À minha avó, Emília, pela loucura com que me amou e cuidou. Murmúrios que penetraram o meu ser.

Ao capitão capelão Zacarias dos Santos Nascimento, pelo interesse descomprometido, no conselho, na ternura de prevenir, e na partilha sigilosa do ser militar.

Aos meus irmãos quão importantes no processo de desenvolvimento humano.

Aos meus companheiros de trabalho o valor sapiencial das experiências humanas.

À minha esposa Maria Teresa o dom da gratuidade no amor incondicional de esposa e mãe.

Às minhas filhas Lígia e Priscila pela diligência no afeto, no apoio ao estudo e pela vigília permanente no cuidado. Aos meus genros Ricardo e Pedro pelas palavras, os gestos e a resiliência na partilha e na comunhão familiar.

Aos amigos, Monsenhor padre José Vaz Pinto e sua irmã Amélia Vaz Pinto, pela generosidade na partilha das nossas vidas.

Aos meus párocos, com especial relevo para o padre Fernando Apolinário Marques pelo acompanhamento espiritual, afetivo e humano.

A todos os companheiros e amigos desta universidade pela amizade e momentos de partilha.

RESUMO

Esta dissertação aborda o diaconado permanente numa perspetiva histórica, bíblica, teológica e eclesiológica. A análise assenta numa metodologia sistemática e enquadra-se na hierarquia do magistério da Igreja. Este trabalho tem como principal objetivo esclarecer a identidade eclesial e histórica do diaconado. Em segundo lugar, analisam-se as mutações no ministério diaconal como adequação da Igreja às efemérides históricas e sociais. Por último, estuda-se a identidade teológica e espiritual do diaconado permanente, configurado em Jesus Cristo servo. Numa perspetiva mais estrita contrasta-se o diaconado permanente em Braga com o de outras dioceses - em foco estão fatores que influenciam a qualidade do diácono permanente numa estrutura sólida e identitária.

Palavras-chave: Jesus Cristo; diácono; diaconia; espírito; ministério; renovação.

ABSTRACT

This dissertation approaches the permanent diaconate from a biblical, theological and ecclesiological historical perspective. The analysis is based on a systematic methodology and fits into the Church's mastership hierarchy. The main objective of this work is to clarify the ecclesial and historical identity of the diaconate. Secondly, the changes in the diaconal ministry are analyzed as the Church's adaptation to historical and social ephemeris. Finally, the theological and spiritual identity of the permanent diaconate, configured in Jesus Christ the servant, is studied. From a stricter perspective, the permanent diaconate in Braga is contrasted with that of other dioceses - in focus are factors that influence the quality of the permanent deacon in a solid and identitary structure.

Keywords: Jesus Christ; deacon; deaconry; spirit; magistry; renovation.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	7
RESUMO	9
ABSTRACT	9
SIGLÁRIO	15
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1. FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA E HISTÓRICA	19
1.1. Fundamentos Bíblicos	19
1.1.1. Constituição hierárquica	19
1.1.2. Eleição dos Doze Apóstolos	20
1.1.3. O grupo dos Sete em Atos 6, 1-7	23
1.1.4. O Ministério do diácono: serviço ou diaconia	28
1.1.5. A diaconia das mulheres	30
1.2. Percurso histórico	33
1.2.1. Breve itinerário do diaconado permanente	34
1.2.2. O diaconado nos séculos I e II	34
1.2.3. O diaconado nos séculos III e IV	38
1.2.4. O diaconado no século V	44
1.2.5. Que futuro para o diaconado a partir do século V?	47
1.2.6. O diaconado na perspetiva do Concílio de Trento	49
1.2.7. A fossilização do diaconado	51
1.2.8. Renovação do diaconado permanente	53
1.3. Conclusão	55

CAPÍTULO 2. REFLEXÃO TEOLÓGICA E ECLESIOLÓGICA	59
2.1. A natureza do ministério	59
2.1.1. A encarnação, mistério anunciado e mediado por Maria	60
2.1.2. O Ministério diaconal	61
2.1.3. Sacramentalidade do diácono	63
2.1.4. O caráter diaconal	66
2.2. Ecclesiológia do ministério	67
2.2.1. Modelo de Comunhão	67
2.2.2. Dimensão ecclesiológica	68
2.2.3. Ministério na Liturgia Eucarística	71
2.2.4. Pneumatologia	72
2.3. A vida do diácono na comunidade	73
2.3.1. Ministério diaconal e a vida matrimonial	74
2.3.2. Espiritualidade do diácono	77
2.3.3. O Ministério do diácono pela Palavra	81
2.3.4. O ministério da Caridade	82
2.4. Conclusão	83
CAPÍTULO 3. PROPOSTA DE RENOVAÇÃO DO DIACONADO PERMANENTE DESENHADA A PARTIR DA SITUAÇÃO DA IGREJA EM BRAGA	85
3.1. Análise comparativa das dioceses	87
3.1.1. Diocese de Aveiro	87
3.1.2. Patriarcado de Lisboa	91
3.1.3. Diocese do Porto	95
3.1.4. Arquidiocese de Paris	100
3.2. Perspetiva histórica do diaconado em Braga	105

3.3. Análise SWOT da realidade bracarense	110
3.3.1. Forças	110
3.3.2. Fraquezas	111
3.3.3. Oportunidades	112
3.3.4. Ameaças	113
3.3.5. Conclusão	113
3.4. Movimentos espirituais que refletiram sobre o diaconado em Braga	116
3.5. Situação atual do diaconado permanente em Braga	119
3.6. Como augurar uma nova perspectiva?	121
3.6.1 Enunciação da proposta de renovação do diaconado em Braga	123
3.6.2. A admissão dos candidatos	124
3.6.3. O ano propedêutico	126
3.6.4. Formação inicial	126
3.6.5. Formação pastoral	127
CONCLUSÃO	129
BIBLIOGRAFIA	133

SIGLÁRIO

Documentos do Magistério

<i>AAS</i>	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
<i>AG</i>	Decreto Conciliar <i>Ad Gentes</i> (7 de dezembro de 1965)
<i>AP</i>	Carta Apostólica <i>Ad Pascendum</i> (15 de agosto de 1972)
<i>RH</i>	Carta Encíclica <i>Redemptor Hominis</i> (14 de março 1979)
<i>CCE</i>	<i>Catechismus Ecclesiae Catholicae</i> (15 de agosto de 1997)
<i>CIC</i>	<i>Codex Iuris Canonici</i> (25 de janeiro de 1983)
<i>DCE</i>	<i>Deus Caritas Est</i> (25 de dezembro de 2005)
<i>EG</i>	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> (24 de novembro de 2013).
<i>GS</i>	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> (7 de dezembro de 1965)
<i>LG</i>	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i> (19 de novembro de 1964).
<i>PG</i>	Patrologia Grega (J-P. Migne)
<i>PL</i>	Patrologia Latina (J-P. Migne)
<i>SC</i>	Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i> (4 de dezembro de 1963)
<i>SD</i>	Carta Apostólica <i>Sacrum Diaconatus Ordinem</i> (18 de junho de 1967)
<i>SCh</i>	<i>Sources Chrétiennes (Institut des Sources Chrétiennes)</i>
<i>UR</i>	Decreto <i>Unitatis Redintegratio</i> (21 de novembro de 1964)

Livros da Sagrada Escritura

<i>Gn</i>	Livro do Génesis
<i>Is</i>	Livro do Profeta Isaías
<i>Mt</i>	Evangelho de S. Mateus
<i>Mc</i>	Evangelho de S. Marcos
<i>Lc</i>	Evangelho de S. Lucas

Jo	Evangelho de S. João
At	Atos dos Apóstolos
Rm	Carta aos Romanos
1Cor	Primeira Carta aos Coríntios
Gl	Carta aos Gálatas
Fl	Carta aos Filipenses
1Tm	Primeira Carta a Timóteo
Flm	Carta a Filémon
1Pe	Primeira Carta de Pedro

Outras abreviaturas e siglas:

a.C	Antes de Cristo
cân.	Cânone
CCC	Centro Cultural Católico (Porto)
Cf.	Está conforme com...
d.C	Depois de Cristo
Etc.	Etcétera
ISCRA	Instituto Superior de Ciências Religiosas de Aveiro
IPSS's	Instituições Particulares de Solidariedade Social
Séc.	Século
<i>SWOT</i>	Acrónimo de <i>Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats</i>
UCP	Universidade Católica Portuguesa
UC's	Unidades Curriculares

INTRODUÇÃO

O diaconado como realidade eclesial, só por si, levanta-nos questões muito originais, como seja a identidade e sua originalidade. Interpelações que nos remetem para a ordem do sentido que vem Jesus Cristo: «Não vim para ser servido, mas para servir» (Mt 20, 28). Uma perícopie que traduz a objetividade do sentido em sua especificidade. A fonte são os fundamentos bíblicos como a Sagrada Escritura, a tradição paulina, a teologia de Lucas expressa nos *Atos dos Apóstolos*, assim como a era pós Apostólica e Patrística. O diaconado permanente configura-se num ministério indefinido, que tem vindo a integrar a estrutura hierárquica da Igreja embora com flutuações ocorridas no percurso histórico da mesma e suas mutações. Movidos por esta intuição, ainda, sob a auréola do misterioso que o envolve, propomo-nos abordá-lo de um modo sistemático no decorrer de três capítulos.

O primeiro capítulo tratará da fundamentação bíblica com maior destaque para a constituição hierárquica, pela constituição dos Sete, apresentada em At 6, 1-7 em ambiente apostólico. Historicamente o diaconado desenvolve-se em concomitância com a adesão ao cristianismo e aos serviços associados à administração dos sacramentos e à assistência aos mais necessitados. Este processo decorre, com particular ênfase, na era pós Apostólica e Patrística atingindo o seu auge nos séculos III e IV. Séculos atribulados pela azáfama causada com o evento político que determinou a liberdade religiosa no Império Romano. Um marco histórico que assinala o fim da perseguição aos cristãos. Faremos também alusão à flutuação do diaconado, movimento paralelo a uma Igreja livre e em expansão. Um devir marcado por acontecimentos históricos como: a Revolução Francesa, o Concílio de Trento, o Concílio Vaticano I e o Concílio Vaticano II, acontecimentos marcantes na história do diaconado permanente.

O segundo capítulo incidirá, essencialmente, sobre a reflexão teológica e eclesiológica acerca do diaconado permanente. Uma reflexão em que o modelo por excelência é Cristo pela sua doação total a Deus Pai e pelo serviço ao bem da humanidade e numa atitude de servo. A identidade teológica do diácono advém da espiritualidade imbuída na exortação de Jesus Cristo: «Dei-vos o exemplo para que, assim como Eu vos fiz, também vós o façais» (Jo 13, 15). É nesta dinâmica espiritual que se dá resposta à exortação de Jesus Cristo. Uma resposta materializada numa eclesiologia do presente e em atitude de comunhão espiritual. Uma comunhão refletida no corpo de Jesus: Cabeça e Servo numa trilogia ministerial: Palavra,

Liturgia e Caridade. O diácono medeia o olhar terno e compassivo da Igreja sobre os pobres. Um olhar refletido na constituição pastoral *Gaudium et Spes* ao afirmar «que a razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus» (GS, 19).

O terceiro capítulo estudará o diaconado permanente não só na condição de renovado pelo Concílio Vaticano II, mas também quanto à exposição ao risco da novidade. Dois conceitos que nos inquietam: renovação e risco. Renovação porque há uma história marcada pela mutação e atentado quanto à sua forma. Risco, porque está sujeito a uma navegação nova e também estranha pela natureza dos conteúdos e da forma. Razão que suscita um trabalho esclarecedor e alicerçado em quatro momentos de análise: forças, fraquezas, oportunidades e ameaças como discernimento sobre o diaconado permanente na Arquidiocese de Braga. Motivações bastantes para elaborar uma análise, baseada no estudo de um número concreto de dioceses.

O foco é tomarmos consciência das diferenças e semelhanças sobre a formação para o diaconado permanente. Conhecimento que nos permitirá penetrar na realidade do diaconado permanente na Arquidiocese de Braga e trabalhar em conformidade com o resultado obtido. Objeto de princípio para uma formação sólida e identitária do diaconado permanente que responda às normas da Igreja, no seu todo, e às necessidades pastorais em concreto, da Arquidiocese de Braga.¹

¹Joaquim da Costa Ferreira, diácono permanente, ordenado na cripta do Sameiro a 9 de julho de 2017 pela proteção divina: «Quem sou eu, Senhor, e que é a minha casa, para que me faça chegar onde estou?» (1 Cr 17, 16). Perícope que ressoa hoje com a conclusão desta tese. É apresentado o meu Curriculum Vitae: <https://europa.eu/europass/eportfolio/api/eprofile/shared-profile/e5607384-0397-4cd9-8128-c45dc367526f?view=html>.

CAPÍTULO 1. FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA E HISTÓRICA

1.1. Fundamentos Bíblicos

O princípio fundante do diácono está na iniciativa de Deus em vista à salvação da humanidade pelo chamamento de Abraão: «deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai e vai para a terra que eu te indicar» (Gn 12,1). É-lhe indicada uma terra como sinal de bênção para ele e para seu povo. Um paralelismo que nos ajuda a compreender toda a pneumatologia que precedeu a vinda de Jesus que se diz o Reino de Deus. Rejeitado pelos Judeus, convidou discípulos até formar o pequeno grupo dos Doze. Número que pela sua simbologia faz paralelo com as doze tribos do Antigo Testamento e numa relação íntima com o projeto de Deus. Um projeto assumido por Jesus e continuado na diaconia pela divinização do homem pela palavra, pelo exemplo e pela oração. Uma dádiva de amor que culminou no alto da cruz.

1.1.1. Constituição hierárquica

A constituição hierárquica na Igreja dá-se pela misericórdia infinita do Pai no envio de seu Filho, no chamamento por Jesus para a missão, no serviço pela evangelização no anúncio do Reino de Deus junto dos homens por Jesus. O serviço é comum a todo o Povo de Deus e exercido na base da humildade e do amor pelos outros e não pela força do poder: «se alguém quer ser o primeiro entre vós, seja o vosso escravo» (Mt 20, 27). Assim, ao meditarmos na hierarquia da Igreja ganhamos consciência de que a Santíssima Trindade é a sua origem primeira: Deus Pai, por interposição de Maria Santíssima, envia seu único e eterno Mediador entre os homens: Jesus Cristo.

A missão começa n'Ele para que, por Ele, possamos chegar ao Pai. Uma missão que se constitui no serviço e numa perspectiva de promover o Reino de Deus, Reino de amor, de paz e harmonia entre os homens. Um Jesus que viveu, defendeu, proclamou, a glória do Pai ao mesmo tempo que fez discípulos: «depois disso, designou setenta e dois e enviou, dois a dois, adiante de si, a toda a cidade e localidade para onde ele próprio devia ir» (Lc 10, 1). Jesus partilha, deste modo, o ministério do ensino em comunhão com os discípulos, não só pela Palavra, mas também pela manifestação de Deus neles na cura dos doentes. Jesus exorta os discípulos: «curai os doentes que nela houver e dizei-lhes: o Reino de Deus já está próximo de

vós» (Lc 10, 9). Depois de uma formação catequética chega a hora de Jesus escolher, entre os discípulos, os dozes que receberão o poder de continuar a sua obra. Momento em que Jesus partilhará com os discípulos o legado que o Pai lhe confiou transmitindo-lhes o poder de servir pela ação do Espírito Santo.

Jesus partilha, deste modo, o ministério do ensino através do anúncio, e em comunhão com os discípulos, não só pela Palavra, mas também pela manifestação de Deus neles na cura dos doentes. Uma manifestação que é frequente naqueles que O seguem, ou seja, a revelação é um evento espiritual recorrente naqueles que se entregam à oração. Uma fonte para discernimento em função de uma missão evangélica sob a ação do Espírito Santo: Governo da Igreja.

1.1.2. Eleição dos Doze Apóstolos

O número doze remete-nos para o Antigo Testamento ao associar-nos às Doze Tribos de Israel. Atualiza-nos a presença de Deus revelada e manifestada na condução do seu Povo à terra prometida. Uma presença histórica e simbólica na eleição dos Doze, que acontece num ambiente familiar e intimista de alcance escatológico: «já pouco tempo vou ficar convosco, pois irei para aquele que me enviou» (Jo 7, 33). O sobressalto instala-se no seio dos Apóstolos. Talvez por medo de ficarem órfãos, pois Jesus era a sua segurança. «A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna!» (Jo 6, 68).

A escolha dos Doze faz parte dos três Evangelhos Sinóticos. Semelhantes na narrativa e nos pontos de vista dos evangelistas, mas com algumas diferenças. Diferenças que constituem a especificidade de cada um no modo de relatar a memória dos factos. Marcos retrata-nos Jesus num movimento espiritual e intimista com seus discípulos numa proposta de eleição: «Jesus subiu depois a um monte, chamou os que Ele queria e foram ter com Ele. Estabeleceu Doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar» (Mc 3, 3-14). Esta perícopie, contém os três conceitos fundamentais que determinam o modo de ser de Jesus em estabelecer os seus: subir, chamar e estabelecer. Subir é uma palavra que pela natureza do Evangelho nos coloca numa perspetiva transcendental. É frequente nos Evangelhos, mas sempre numa intuição ontológica do encontro com o Pai. Remete-nos para a oração como

modo de estar com o Pai, um ato que precede a relação com os irmãos, ou seja, numa perspetiva horizontal.

Os doze, segundo Mc 3,14, são uma criação de Jesus com o fim de estarem com ele, de pregarem o que ele prega e realizarem o que ele realiza: *kai epoièsen dódeka* («e fê-los doze», que é mais do que «escolheu» ou «elegu»), *ina ôsin met'autou* («para estarem com ele», que é mais do que ser discípulo à maneira dos discípulos dos rabis, uma vez que a expressão exige equivalência de identidade e fusão de personalidade funcional), *kai ina apostéllè autous Kèryssein* («e para os enviar a pregar», precisamente o que ele prega e anuncia, isto é o Reino de Deus), *kai echein exousia ekballein ta daímonia* «que consiste em expulsar os demónios», interpretando o *kai* copulativo como epexeagético). O Reino de Deus consiste em passar o domínio do velho *eon* carregado de demónios para o novo *eon* apenas de Deus e, portanto, sem demónios. Os demónios funcionam dentro das estruturas míticas como actantes que se opõem ao novo *eon* do Reino de Deus. Os doze são operadores com Jesus desta conjugação (novo *eon*). Para isto é que os doze são *criados* e por isso é que eles têm de *estar* com Jesus. É também por tudo isto que Jesus proclama acerca dos doze: «em verdade vos digo, a vós que me seguistes: na regeneração (*en tê paliggenesia*), quando o Filho do Homem se sentar no trono de glória, sentar-vos-eis também em doze tronos, para julgardes as doze tribos de Israel» (Mt 19,29 e Lc 22,30).

Pela leitura dos Atos, os Doze são *instituíveis*, pois com a morte de Judas ele é substituído por Matias (At 1, 15-26), mas com a morte de Tiago (At 12, 2) não há qualquer substituição.²

«Estar comigo» remete-nos para uma realidade intemporal e cristológica, ou seja, viver na sua graça, modo de ser na sua intimidade. Esta é a lógica de ser e estar em Jesus que é afeto, proximidade e amor: «Permanecei em mim, que Eu permanecerei em vós.» (Jo 15, 4). Subir ao monte abre-nos o horizonte escatológico da caminhada existencial e espiritual em ordem ao transcendental. A subida em Jesus Cristo implica acompanhamento, colaboração e aproximação àqueles que se fazem próximos. Os Doze, quando em missão, encarnam Jesus na sua vontade e na lógica de fazer como Ele.

O empenho, o sacrifício e a entrega são as raízes da fé, doação divina, raízes que nos focam em Jesus Cristo, exemplo vivo de que não há salvação sem encarnação. Realidade que se diz naqueles que acreditam e tornam presente e eficaz a passagem de Deus pelas suas vidas. «Crescer na fé implica, pois, uma aprendizagem do que verdadeiramente somos e das nossas relações aos humanos que nos são próximos»³. Mateus, no seu Evangelho, ao falar da

² Joaquim Carreira das Neves, *Testemunhos Neotestamentários sobre os Ministérios na Igreja*, em *Igreja e Ministérios*, Semana de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa: Rei dos Livros, s.d.), 61.

³ João Manuel Duque, *No Corpo do Tempo* (Braga: Frente e Verso, 2021), 141.

Igreja como «*Ecclesia*», ou seja, Assembleia, realça uma nova característica na escolha dos Doze por Jesus Cristo: «Jesus deu-lhes autoridade sobre os espíritos impuros, para que expulsassem e curassem a doença e toda a enfermidade» (Mt 10, 1).

Depois de refletirmos acerca dos evangelhos de Marcos e Mateus ficamos com a ideia de uma ligação estreita entre eles. Marcos e Mateus «ambos testemunham Jesus como um mestre que ensina e anuncia o Reino de Deus, “núcleo central da pregação de Jesus”, embora o de Mateus com uma visão mais alargada que Marcos, narrando a história de Jesus a partir da perspectiva pós-pascal ao fazer a ponte entre Jesus histórico e o Cristo querigmático. Inserindo o Jesus histórico na vida da comunidade».⁴ No texto de Marcos não se trata de um chamamento salvífico, mas ministerial, pois são chamados para serem enviados a pregar. A chamada e a missão constituem uma unidade, pois os chamados devem ser enviados a pregar e anunciar a Boa Nova.

Lucas difere de Marcos e de Mateus ao acrescentar algo mais à atitude de Jesus, aquando da eleição dos Doze, pela categorização dos movimentos: «naqueles dias, Jesus foi para o monte fazer oração, passou a noite a orar a Deus, e quando nasceu o dia, convocou os discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu o nome de Apóstolos» (Lc 6, 12-13). Lucas elege a oração como relação existencial entre Jesus e o Pai. O lugar da oração é um momento de encontro entre Jesus e o Pai que se diz na petição, intercessão ou louvor. Este diálogo expressa a condição humana ao seu criador. Este é o modo de Jesus dizer-se em toda a sua plenitude, no seu próprio modo de ser, quando nos exorta a fazer como Ele: «dei-vos exemplo para que, assim como eu fiz, vós façais também» (Jo 13, 15).

Pela primeira vez em Lucas é escrita a palavra Apóstolo, palavra originária do grego *ἀπόστολο* que significa enviado. É pela morte e ressurreição de Jesus que novos e decisivos acontecimentos se deram na vida dos Apóstolos. O acontecimento do Pentecostes uniu o Jesus histórico à realidade do Ressuscitado. Este, fá-lo presente na vida dos discípulos pela fé, abole a separação dos povos simbolizada em Babel, pela diversidade das línguas. A presença de diversas nações não foi obstáculo ao entendimento e compreensão da Palavra de Deus anunciada por Pedro. A promessa de Jesus aos Apóstolos, sinal de permanência no meio de nós, é marcada pelo milagre da reunião das línguas, paradigma da unidade universal. Acontecimento que atualiza as palavras, os gestos, o projeto de Deus imerso na consciência

⁴ Pedro Guimarães, *A Comunicação da Igreja é um Encontro: A redescoberta da comunidade cristã como lugar de encontro na sociedade da informação* (Apelação: Paulus Editora, 2021), 35.

dos discípulos e que conduz a missão da Igreja pela fé: «A paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós» (Jo 20, 21).

Todos os exegetas, hoje estão de acordo em fazer uma distinção entre os doze e os Apóstolos, fazendo remontar aqueles ao Jesus histórico da Galileia, ao passo que a missão dos últimos seria mais de conteúdo missionário. Sendo assim, há três expressões: «os doze», «os Apóstolos», e «os doze Apóstolos» que, embora identificadas por Lucas, devem ser distintas. A expressão «os doze Apóstolos» corresponderá a uma época pós-apostólica. Após a morte do grupo dos doze, fez-se a junção destas duas entidades: os doze e os Apóstolos. Quanto à origem da palavra «ἀπόστολος» há quem queira ir buscá-la à noção hebraica de *shaliah*, «enviado», «delegado oficial» ou «plenipotenciário», ainda que os outros, dando-lhe uma significação missionária, vão buscar o seu emprego às comunidades de Antioquia. Resumindo poder-se-á dizer que a noção dos doze inclui: 1– o ministério dos doze, remonta a Jesus de Nazaré; 2– estes foram testemunhas privilegiadas da Ressurreição de Jesus; 3– o seu ministério e a sua missão é essencialmente missionário. Quanto aos Apóstolos, poder-se-á dizer: 1– que a sua origem deve ter partido de um centro missionário de Antioquia; 2– sua missão é também missionária, de anúncio da Boa Nova; 3– em breve, devido aos Apóstolos judaizantes, a missão dos doze e dos Apóstolos se identificou: testemunhar a Ressurreição de Jesus Cristo.⁵

Testemunho marcado pela narrativa dos evangelistas e pela força do Espírito Santo, que atualiza a obra de Jesus no meio de nós pelo anúncio do Reino de Deus a toda a humanidade. Um magistério da natureza do serviço e para o serviço, que levou os Apóstolos à exaustão pelo testemunho da própria vida, uma atitude que refletia a mística apostólica, como fonte de inspiração para a missão. Deste modo as dificuldades dos Apóstolos eram configuradas à vida de Jesus pelo testemunho e com base nele. Assim como Jesus escolheu Doze para expandir a Boa Nova, também os Apóstolos desafiaram a comunidade a escolher os Sete, para o serviço das mesas. Uma tarefa que iria personalizar os dois ministérios deixados por Jesus aos discípulos. Palavra e Serviço.

1.1.3. O grupo dos Sete em Atos 6, 1-7

Lucas, através do livro dos *Atos dos Apóstolos*, abre-nos o horizonte para as grandes dinâmicas pastorais, eclesiológicas e teológicas. Uma atividade em constante processo de inculturação na difusão da Boa Nova de Jesus proclamada pelos Apóstolos. Processo que ajuda a compreender a complexidade das comunidades primitivas, devido às diferenças

⁵ Manuel Ferreira de Araújo, *O Ministério do Diácono Permanente* (Porto: Comissão Episcopal do Clero, Seminários e Vocações, 1990), 15.

culturais e sociais. Uma dificuldade acrescida pela origem dos seus membros. Uma realidade que explica os desentendimentos entre eles. «Ambos provenientes do mundo hebraico “os nativos de língua hebraica e os da diáspora de língua grega”, como se pode ver em Atos 6,1 ao narrar a queixa dos helenistas em relação aos hebreus»⁶. Imagem de uma Igreja em trabalho de parto cujo objetivo consistia na expansão do Reino de Deus pela via do anúncio. Lucas, pelos movimentos descritos neste texto, enaltece o espírito amoroso e solidário das comunidades cristãs sob o paradigma cristológico. «O proselitismo, moderadamente na Palestina, mas muito ativamente na diáspora, atraíam-se as almas para o culto do verdadeiro Deus»⁷.

De salientar que as comunidades primitivas tinham como preocupação pastoral imitar a vida de Jesus, vida de entrega e de amor. A origem das dificuldades das comunidades está nas viúvas helenistas. Estas denunciam a discriminação como fator de descontentamento ao denunciar que estavam esquecidas no serviço quotidiano. Narrativa de Atos 6,1 «porque as suas viúvas eram esquecidas no serviço diário». Na tentativa de entender a posição das viúvas helenistas necessitamos de uma resposta à seguinte questão: qual a função que desempenhavam estas mulheres para exporem o sentimento de abandono? Que sentimentos as moviam? Estaremos perante pessoas pobres e nesse caso necessitadas, ou mulheres consagradas a Deus? Serão as esposas dos helenistas que acabamos de mencionar? Neste caso, seria de esperar a expressão «suas mulheres».

Perante estas interrogações e depois de procurarmos outras fontes, encontramos uma resposta que consideramos razoável «A opinião dos exegetas é hoje unânime, trata-se das “mulheres diáconos” da comunidade»⁸. A importância das mulheres foi muito relevante a começar por Nossa Senhora nas bodas de Canaã e a sua antecipação à crise do vinho; preocupada dirigiu-se a Jesus nestes termos: «eles não têm vinho» (Jo 2, 1-11). uma atitude maternal que a fez modelo de todas as mães. Também Madalena expressou a sua dedicação a Jesus quando pela aurora da manhã se deslocou ao túmulo e surpreendida pelo desvio da

⁶ Daniel Rops, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires* (S. Paulo: Quadrante, 1988), 34.

⁷ Rops, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, 34.

⁸ Giancarlo Pani, «As “mulheres diácono” na era Apostólica e sub-apostólica», *Civiltà Cattolica*, acessado a 23 de setembro de 2021, <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/571017-as-mulheres-diacono-na-era-apostolica-e-subapostolica-artigo-de-giancarlo-pani>.

pedra correu para informar os Apóstolos. O autor enfatiza a importância das mulheres no anúncio de Jesus:

indicando que as mulheres marginalizadas no judaísmo, «incorporam-se plenamente no movimento de Jesus e tomam parte no discipulado de iguais, onde ocupam um papel central (...) A atividade das mulheres foi determinante para a extensão do movimento de Jesus fora do círculo judaico». Esta é uma das notas da comunidade, a nota da igualdade fundamental, não havendo judeu, nem grego, nem escravo e homem livre, nem homem e mulher: Todos são um em Cristo.⁹

Os *Atos dos Apóstolos* são um exemplo de unidade, mas também de continuidade do projeto divino iniciado por Pedro, quando do discurso, no dia do Pentecostes e continuado por Paulo aos pagãos. A força do Espírito Santo abre as portas ao serviço do anúncio em que a força e a resiliência no modo de inculturação geraram a unidade. Unidade que expressa comunhão e que começa a entender-se numa só palavra «ecclesia». A unidade conquista-se no amor que doamos aos outros, de modo desinteressado e unificador. Um amor oblato, como dádiva de si mesmo, e dom do Espírito. Foi perante a dificuldade entre os discípulos na comunidade, e animados por este movimento, que os Apóstolos convocaram a assembleia plenária para falar da importância da palavra: «não convém que nós descuidemos a Palavra de Deus por causa do serviço das mesas» (At 6, 2).

Os Apóstolos apresentam esta premissa como «servidores da Palavra» (Lc 1, 2), argumento que especifica a sua missão e ao mesmo tempo a inquietação com o serviço das mesas que crescia. Sentimentos profundos de amor e de obediência à exortação do mestre que insistiu que se fizesse como Ele fez. Os Apóstolos de modo paralelo procedem com as comunidades. Neste caso particular, através de um apelo para que entre eles procurassem homens de boa vontade para o serviço às mesas: «Irmãos, é melhor procurardes entre vós sete homens de boa reputação, cheios Espírito e de sabedoria; confiar-lhes-emos essa tarefa.» (At 6, 3).

Referimos, que os Apóstolos tinham encarnado o modo de ser de Jesus. Agora, efetivamente, não só pela sequência dos acontecimentos, mas também no agir perante as dificuldades da comunidade confirma-se a sua determinação. Uma determinação justificada pela simetria cristológica e eclesiológica tanto na oração como na ação. «Quanto a nós, continuaremos a assegurar a oração e o serviço da Palavra» (At 6, 4). As questões

⁹ José da Silva Lima, *Teologia Prática Fundamental: Fazei Vós, Também* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009), 313.

relacionadas com os alimentos, a logística, recursos humanos, ficam a cargo da comunidade. A comunidade considerou a proposta dos Apóstolos, acolheu-a e procedeu à escolha dos Sete: Estevão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia» (At 6, 5). Apresentados aos Apóstolos, estes, procederam como Jesus fez, oraram e impuseram-lhes as mãos, símbolo da transmissão do Espírito Santo. De referir que «o grupo dos Doze “dirige” a comunidade de Jerusalém e dos arredores até cerca do ano 43»¹⁰. Uma realidade que confirma a vantagem do bispo sobre a comunidade e sobre as tarefas sociais: hospitalidade, cuidado das viúvas e órfãos.

A assistência social é delegada aos homens das mesas. Esta passagem dos *Atos dos Apóstolos* ajuda-nos a identificar o magistério da Ordem constituído pelo próprio Jesus ao ordenar os Apóstolos e, num segundo momento, os Apóstolos pela imposição das mãos sobre os Sete. Ficamos, deste modo, a conhecer a natureza de dois ministérios na pastoral da Igreja: Palavra e o serviço da Caridade. O texto dos *Atos dos Apóstolos* termina assim: «A Palavra de Deus crescia, e o número dos discípulos aumentava consideravelmente em Jerusalém; uma multidão de sacerdotes obedecia à fé» (At 6, 7). A obediência à fé dita como paradigma da nossa liberdade em Cristo. O Papa Bento XVI na encíclica «*Deus Caritas Est*» comenta os *Atos dos Apóstolos* numa perspetiva pastoral mais alargada e de âmbito comunitário nas três dimensões do magistério da Igreja.

O serviço social que tinham de cumprir era concreto sem dúvida alguma, mas ao mesmo tempo era também um serviço espiritual; tratava-se, na verdade, de um ofício verdadeiramente espiritual, que realizava um dever essencial da Igreja, o do amor bem ordenado ao próximo. Com a formação deste organismo dos Sete, a «diaconia» — o serviço do amor ao próximo exercido comunitariamente e de modo ordenado — ficará instaurada na estrutura fundamental da própria Igreja, o ministério da Palavra e da oração aos Apóstolos (DCE, 21).

Não se verifica, como nos Apóstolos, a alteração do termo «serviço» mesmo depois da imposição das mãos. O termo mantém-se, ao contrário da imposição das mãos por Jesus sobre os discípulos. Um pormenor, que não fugiu à perceção de Lucas quando refere com exatidão: «quando nasceu o dia, convocou os discípulos e escolheu Doze dentre eles, aos quais deu o nome de *Apóstolos*» (Lc 6, 12-13). John Collins adverte-nos para o fato de Lucas ser um escritor experimentado e conhecedor do grego; razão da aplicação do termo *diakon*, a raiz

¹⁰ Carlos A. Moreira Azevedo, *Estruturação dos Ministérios na Igreja Antiga*, em *Igreja e Ministérios*, Semana de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa: Rei dos Livros, s.d.), 83.

distintiva do serviço. Todavia, mantém o termo serviço de um modo abstrato como acabámos de compreender e confirmado pelo autor: «como escritor, Lucas utiliza com habilidade e bom sentido a língua grega, mostra que está totalmente familiarizado com todas as acessões que as palavras com raiz “*diakon*” têm na língua, religião e cultura gregas».¹¹ A designação «serviço» une os Apóstolos e os discípulos como narra o evangelho de Mateus: «o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate pela multidão» (Mt 20, 28).

Também o Concílio de *Trullo* ao pronunciar-se acerca do grupo dos Sete refere: «Os sete, observava, não eram nem diáconos, nem presbíteros, nem bispos, trata-se de pessoas encarregadas de administrar comuns necessidades da comunidade de então (...) são um exemplo de caridade»¹² Refletindo ainda sobre a ação do Espírito Santo, elegemos o excerto da revista dos alunos da Faculdade de Teologia para, em conjunto, avaliarmos, mais profundamente, como um diferendo na comunidade pode trazer vantagens muito grandes para a pastoral sabendo que o Espírito atua de muitos modos.

Estêvão e Filipe nunca são vistos a servir às mesas, mas, pelo contrário, dedicados ao ministério próprio dos Apóstolos, o ministério da Palavra (6, 4). Possivelmente, Lucas quereria sublinhar a ideia de que a pregação do Evangelho não está restringida a nenhum grupo, mas que é a missão de todo e qualquer cristão, sem exceção.

O texto fala apenas de um dos que foram instituídos, Estêvão que era para os Sete o que Pedro era para os Doze. Esperar-se-ia que os Sete aparecessem no seu trabalho de servir às mesas das viúvas dos helenistas, mas, em lado nenhum tal é dito. Portanto, todo o relevo que se dá a Estêvão acaba por ajudar a destacar este texto dos que o envolvem, o que se percebe, visto que Estêvão é o chefe do grupo.¹³

Pelo desenvolvimento dos *Atos dos Apóstolos* em 6, 1-7 compreendemos quão penetrante é a ação do Espírito Santo no fazer-se da Igreja, quão infusa no entendimento e no amor dos homens pela unidade em Jesus; quão operante na unificação dos diferendos das comunidades e na condução dos homens no testemunho em Jesus : «se, por um lado, foi eleito pelos Apóstolos para servir, por outro, foi eleito por Deus para testemunhar Cristo

¹¹ John N. Collins, *Los diáconos y la Iglesia: Conexiones entre lo antiguo y lo nuevo*, trad. Constantino Ruiz-Garrido (Barcelona: Editorial Herder, 2004), 72.

¹² Comissão Teológica Internacional, *Diaconado Evolução e Perspetivas* (Lisboa: Editora Rei dos Livros, 2003), 45-46.

¹³ João José Gonçalves Martins Alves, «Estêvão: Do Serviço ao Testemunho», *Cenáculo 2*, n. 215 (dezembro de 2020): 73.

ressuscitado».¹⁴ Este foi o acontecimento de relevo, o Espírito Santo conduziu-os para horizontes novos e estratégicos nas comunidades: Estevão para o anúncio da Palavra e Filipe para administração dos sacramentos. «Nos *Atos dos Apóstolos*, a vida da Igreja é descrita com insistência como a vida de um Povo de Deus na diversidade e na unidade».¹⁵

1.1.4. O Ministério do diácono: serviço ou diaconia

Embora digamos que Jesus trouxe do céu à terra a Igreja de Deus em missão. Urge refletirmos na sua anterioridade e entrar nela por meio de uma visita a Isaías: «tu és o meu servo eu te escolhi e não rejeitei» (Isaías 41, 9). Este versículo introduz-nos numa realidade amorosa de Deus quando nos chama para uma missão específica no processo de humanização que nos conduzirá à divinização. Processo que se desenvolve através de metamorfoses não só físicas, como processo de maturação animal, mas também ontológica como seres dotados de liberdade e responsabilidade, dimensões da nossa consciência.

O Novo Testamento é uma continuidade do AT. Embora dotado de uma Boa Nova, “mensagem do Pai” anunciada por Jesus. Mensagem também ela envolta num processo de transfiguração de Jesus no meio dos homens ao assumir a condição de servo ou δίακονος. Termo da família do verbo servir *διακονέω* e alusivo ao serviço como configuração de Jesus ao serviço dos homens humanizando-os, mas também ao serviço do Pai divinizando-os na perspetiva do Reino de Deus.

O «diáconos» aparece-nos desde o princípio como coadjutor dos Apóstolos e, portanto, dos bispos na administração da comunidade. Serviam às mesas, recebiam as ofertas, assistiam aos enfermos, às viúvas e aos pobres, liam o Evangelho, serviam na administração da Eucaristia, levavam-na aos ausentes, e, em caso de necessidade, por incumbência do bispo, batizavam e pregavam; visitavam os confessores nos cárceres, escreviam as atas dos mártires, pelo que foram também chamados «matirarii», exerciam vigilância no cemitério. A sua principal ocupação foi a administração dos bens da cristandade.¹⁶

O termo grego *διάκονοι*, ministros de Deus ou diáconos, enquadra-se na relação entre bispos e presbíteros. Perguntamos, então, como pensar os diáconos na sua missão pastoral? «O termo grego, na verdade, que se traduz *ministerium* não é diaconia, mas *υπηρεσία*, além

¹⁴ Alves, «Estevão: Do Serviço ao Testemunho», 85.

¹⁵ Pontificia Comisión Bíblica, «Unidad y Diversidad en la Iglesia» em *Enquiridion Bíblico, Documentos de la Iglesia sobre la Sagrada Escritura* (Madrid: BAC, 2010), 1149.

¹⁶ Osvaldo Tosti, «Introdução», em *Didaké*, Coleção Patrística 1, (Lisboa: Edições Paulistas, 1960), 48.

disso, esta hipótese é a única consistente com o resto do texto: *ut faciat quae jubet ei*. O diácono é referido neste texto como o servo do bispo, e esta é a razão pela qual durante a oração consecratória só ele impõe as mãos sobre o diácono no momento da ordenação». ¹⁷ A palavra diaconia conota-se com a ideia de agir na dependência de outrem, não a desvincula do seu valor transcendente e da tradução como ministério ou atividade que se manifesta no seio do Povo de Deus: «uma só, com efeito, é a carne do Senhor Jesus Cristo, um só o Cálice, símbolo da unidade do seu sangue, um só o altar, um só o bispo, como colégio dos presbíteros e com os diáconos, meus irmãos, para que tudo o que fazeis, seja feito segundo Deus». ¹⁸

A diaconia configura-se no magistério da Igreja pela transfiguração de Jesus Cristo no sacramento da ordem na sua tripla diaconia: Palavra, Liturgia e Caridade. Magistério que Inácio de Antioquia nos exorta a seguir na concórdia de Deus: «por isso vos peço que estejais dispostos a fazer todas as coisas na concórdia de Deus, sob a presidência do bispo, que ocupa o lugar de Deus, dos presbíteros, que representam o colégio dos Apóstolos, e dos diáconos, que são muito caros para mim, aos quais foi confiado o serviço de Jesus Cristo. (...) uni-vos ao bispo e aos chefes como sinal e ensinamento de incorruptibilidade». ¹⁹ Estes apelos de Inácio de Antioquia conduzem-nos a uma equação sempre presente no serviço que se diz: no dever e obediência pela fé em Jesus Cristo.

A diaconia é muito mais do que um mero serviço, «ela é o local onde se experimenta a presença de Deus como Salvador e Redentor, tal como se tornou manifesta a presença de Deus através do ato salvífico de Jesus. Por isso mesmo, a atividade diaconal faz sempre parte do mandato missionário da Igreja». ²⁰ Percorrido este caminho, estamos em condições de dizer que diaconia em termos etimológicos configura a Igreja na pessoa de Jesus Cristo, ou seja, a Igreja é diaconia e a diaconia é Igreja. Uma Igreja para servir, curando as feridas de nossos irmãos e deste modo aproximar a humanidade da realidade divina que se diz no Reino de Deus que se quer instalar no nosso coração. Uma Igreja universal como sacramento de Cristo. Sacramento manifesto em Cristo Servo, pelo ministério diaconal, junto dos mais necessitados.

¹⁷ Roger Beraudy, «Comité National du Diaconat 1993: Note sur la Structure des Ministeres Ordonnes», acedido a 1 de maio de 2017, <https://diaconat.catholique.fr/wp-content/uploads/sites/5/2017/02/Note-sur-la-structure-des-ministeres-ordonnes-Roger-BERAUDY.pdf>.

¹⁸ Inácio de Antioquia, *Carta aos Filadelfenses*, 4, PG 5, 699-700C.

¹⁹ Inácio de Antioquia, *Carta aos Magnésios*, 6,1-2, PG 5,764B.

²⁰ George Augustin, *Eu Sou Uma Missão: Testemunho Cristão da Vida* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2019), 119.

As referências neotestamentárias ao ministério diaconal, pois reduzem-se a duas, uma na saudação da carta aos de Filipos e outra na descrição das qualidades morais em Timóteo. Nas duas passagens as menções aos diáconos aparecem imediatamente depois dos bispos e dos presbíteros, o que indica que não se fala de um ministério em si independente, mas subordinado e auxiliar daqueles. Trata-se verdadeiramente de um ministério eclesial em função dos bispos-presbíteros, mas, para além disto os textos bíblicos não permitem afirmar nada mais sobre a sua natureza.²¹

Ficamos então esclarecidos que foi na pastoral de Paulo, mais concretamente pelas suas cartas, que confirmamos a atribuição do termo Diaconia, como serviço na pastoral, mas também o reconhecimento da presença hierárquica dos diáconos na Igreja: «Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com seus bispos e diáconos: a vós a graça e paz de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo!» (Fl 1, 1-2). Esta perícopé, em certo modo, encaminha-nos para a lógica da sinodalidade.

1.1.5. A diaconia das mulheres

A diaconia é a representação da vida recebida no batismo, é a essência do cristão em sua trilogia: sacerdote, profeta e rei. O cristão está convocado à diaconia²², ou seja, partilhar os seus dons com os dons dos irmãos, para assim se associar às dinâmicas do Reino de Deus: viver no amor e para o amor. Sendo assim, a diaconia não se estabelece em categorias estanques no seu magistério, mas numa atitude de ação, ou seja, de envolvimento na vida comunitária. Um magistério que emerge em comunhão e se desenvolve em comunhão, a diaconia é a impressão digital do cristão no mundo em que a «única palavra grega correta para a representar é “ágape”, amor».²³ Assim se explica que na Igreja primitiva tenham participado profetas, doutores, presbíteros, diáconos e diaconisas. Estas porque se associavam aos proselitistas, mais tarde às comunidades e com ações muito específicas, relevância dada por

²¹ Ramón Arnau, *Orden y Ministerios* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristãos, 1995), 60.

²² «O significado básico de *diakonía* na Igreja primitiva não é o “serviço à mesa”, mas uma atividade tipo intermediário (segundo o resultado de uma investigação de COLLINS, 193s, 253-263). Se é certo que a raiz *diacon* – expressa uma atividade feita pelo homem e sob a autoridade do outro, então o conceito de *diakonía* aproxima-se muitíssimo do “apostolado”, já que o apóstolo é precisamente um “enviado”, isto é, aquele que fala por mandato e sob a autoridade de *Kyrios*. Por isso Paulo não duvida em juntar os dois termos de apóstolo e de servo (*doúlos*) de Cristo (Rm 1, 1), nem em qualificar todo o seu apostolado entre os pagãos como uma *diakonía* (Rm 11, 3)». Manfred Hauke, «O Diaconado», em *Dicionário de Ecclesiologia*, coord. José R. Vilar (Madrid: Biblioteca de Autores Cristãos, 2016), 292.

²³ Collins, *Los diáconos y la Iglesia*, 169.

Paulo nas suas cartas. Assim, compreendemos não poder haver uma «autêntica Igreja de Cristo onde não há serviço, onde não há ministério, onde não há diaconia».²⁴

No que concerne às diaconisas, é um tema presente na Igreja que nos merece atenção e tanto mais relevante quanto à atenção que desperta, quando nos projetamos para o Oriente. No Oriente prevê-se uma ordenação real, em oposição ao Ocidente. A realidade do Ocidente, pelo menos até ao século V, não é exata quanto à existência de mulheres diaconisas.²⁵ A assistência na celebração do batismo era exercida por viúvas. A participação das mulheres no serviço da Igreja «como servidoras», nos primeiros tempos, data dos anos 50-60 junto das comunidades cristãs. Atributo, que designava aqueles e aquelas que colaboraram com os Apóstolos na pastoral e suas diaconias.

Neste caso particular, as diaconisas²⁶ distinguiram-se no exercício da caridade junto às outras mulheres da comunidade: «instruíam e preparavam as mulheres para o batismo, quando na administração deste sacramento, em que o ministro costumava fazer a primeira unção sobre a testa da catecúmena. Cabia às diaconisas a tarefa de ungir o resto do corpo; eram também as diaconisas que ajudavam as mulheres a descer na piscina batismal; as mesmas levavam de novo à presença do bispo as neófitas revestidas, da veste batismal, a fim de serem crismadas».²⁷

Na Carta de Paulo aos Romanos, a presença das mulheres na comunidade é evidente. O serviço que prestam na dedicação aos irmãos, no seu zelo pelas comunidades, faz com que Paulo o recomende a outras comunidades. Uma dádiva que, ainda hoje, é manifesta nas comunidades onde as mulheres se oferecem até ao seu limite num exercício de doação aos

²⁴ Júlio Cesar Bendinelli, *Diaconia da Palavra: O ministério e a missão do diácono permanente* (S. Paulo: Paulus, 2010), 22.

²⁵ «No ocidente, nos primeiros séculos, não se mencionam as diaconisas. Alguns sínodos locais em Gália (séculos IV-VI) falam contra um serviço diaconal de mulheres, entendido como equivalente ao diaconado masculino (“levitas”). O Papa Gelásio (494) postula-se contra “o serviço de mulheres nos sagrados altares” (Decreto *Necessaria Rerum*, 26, s.l: A. THIEL, 376-377). Em alguns pontificais medievais aparecem orações de consagração dos diáconos. As fórmulas provêm exclusivamente de um contexto monástico; nem sequer constituem uma ordenação menor, mas o reconhecimento de uma forma de estado religioso». Hauke, «O Diaconado», *Dicionário de Ecclesiologia*, 301.

²⁶ «Há notícias de mulheres solteiras ou viúvas que, na Igreja dos primeiros séculos desempenham certas funções dos diáconos que não ficavam bem serem prestadas por homens, nomeadamente em cuidados a doentes e em ritos batismais (imersão e unções) quando feitos a mulheres. A Instituição de diaconisas, não lhes conferia qualquer poder de ordem sacramental. Aliás, esta instituição foi desaparecendo com o fim do batismo por imersão e a generalização do Batismo das crianças. Há quem veja nas diaconisas a origem das comunidades de virgens consagradas, que deram mais tarde origem às congregações religiosas femininas». Manuel Franco Falcão, «Diaconisas» em *Enciclopédia Católica Popular*, (Prior Velho: Paulinas, 2004), 132.

²⁷ Estêvão Bettencourt, «Quem eram as diaconisas da Igreja Antiga?», acessado a 11 de janeiro de 2021, <https://cooperadoresdaverdade.com/quem-eram-as-diaconisas-da-igreja-antiga/>.

irmãos e à Igreja de Cristo. «Recomendo-vos a nossa irmã Febe, que também é diaconisa na Igreja de Cencréias: recebi-a no Senhor, de um modo digno dos santos e assisti-a nas atividades em que precisar de vós, pois também ela tem sido uma protetora para muitos e para mim pessoalmente» (Rm 16, 1-2). Os critérios definidos para a admissão das mulheres ao serviço são explícitos em Timóteo: «após ter dado instruções para os bispos e os diáconos, refere-se às “mulheres”, que devem ser “respeitáveis”, sóbrias, fiéis em todas as coisas» (Tm 3, 11). Todas estas sinergias pastorais atravessaram os séculos II e III, mas o século IV emergiu sob a áurea das mudanças e algumas de cunho estrutural. Época em que surgiram indícios de dissolução das diaconisas, embora a sua presença se confirme ainda no século VIII,²⁸ em Roma.

O primeiro documento que aponta a existência das diaconisas e o ministério como algo específico e reconhecido é a *Didascalia Apostolorum* (no início do século III).

Portanto, o bispo seleccione, dos operários de justiça, ajudantes que cooperarão por toda a vida. Aqueles que te agradam, entre todo o povo, serão escolhidos e os constituirão diáconos. Se é homem, se ocupará de muitas coisas necessárias; se é mulher, se ocupará do serviço das mulheres (...) Mas, em muitas outras coisas é necessário o ministério de uma diaconisa. Antes de mais nada, quando as mulheres descem às águas [baptismais], sejam unguidas pelo óleo da unção da [mulher] diácono. Se depois não se encontrar presente uma mulher, e, especialmente, uma que seja diácono, é necessário que seja o «batizante» a ungir a «batizada» (...) Portanto, (...) será a diaconisa (...) a ungir as mulheres. Seja, porém, o homem a pronunciar sobre eles a invocação dos Nomes Divinos na água. Quando aquela que é batizada sai da água, seja acolhida pela diaconisa, a qual a instruirá e a educará a zelar pelo inquebrantável batismo, na castidade e na santidade. Por isso, dizemos que é extremamente necessário e requerido o ministério de uma diaconisa (...) De fato, no caso dos pagãos, onde existem mulheres crentes, é necessária uma diaconisa para entrar e visitar aquelas que estão doentes, para atendê-las no que for preciso e lave aquelas que começam a se recuperar das doenças.²⁹

Segundo as *Constituições Apostólicas* «a diaconisa não abençoa e não faz nada do que fazem os presbíteros e diáconos, mas guarda as portas e assiste aos presbíteros no momento do batismo das mulheres, por razões de decência».³⁰ Esta foi a primeira ocupação para as mulheres que se ofereciam para o serviço. No entanto, outras fontes dizem algo mais a seu respeito.

²⁸ Comissão Teológica Internacional, *Diaconado Evolução e Perspetivas*, 48.

²⁹ Luciano Rocha Pinto, «O ministério das diaconisas: ensaio histórico-teológico sobre a diaconia das mulheres no primeiro milênio» *Coletânea* 17, n. 33, Rio de Janeiro (jan/jun 2018): 129-30, DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v17i33-2018-7>, acessado a 12 de janeiro de 2021, <http://www.revistacoletanea.com.br/index.php/coletanea/article/view/141/111>.

³⁰ Comissão Teológica Internacional, *Diaconado Evolução e Perspetivas*, 38.

as viúvas desempenhavam uma forma de ensino moral e espiritual dentro dos limites fixados pelos Padres e pela hierarquia, isto é, sobre a justiça, o comportamento ético e a fé, mas excluindo a catequese e a teologia, porque não eram competentes para explicar a Palavra de Deus, por influência das cartas paulinas (Didascália III, 5,3-6). Condenam-se outras atividades, o que permite deduzir que antes do século III chegaram a exercer funções administrativas e litúrgicas.³¹

Uma das práticas consistia, também, na caridade para com os pobres e doentes do sexo feminino, «as diaconisas tratavam dos pobres e dos doentes do sexo feminino; visitavam os cárceres e os domicílios indigentes».³² Por diaconia entenda-se o serviço, como um dom recebido no batismo, dom da profecia e do amor em Jesus Cristo. Todavia, não possuímos nenhum dado concreto que nos permita afirmar que as diaconisas tenham sido admitidas ao sacramento da ordem. Consideramos deste modo, um termo que incide mais no serviço em geral que propriamente na diaconia como ministério. «O Romano Pontífice disse aos jornalistas que não se conseguiu comprovar a existência de ordenação de mulheres na Igreja primitiva, logo, esta realidade não irá acontecer».³³ Tendo esta notícia como fundamento podemos concluir, que por enquanto, não é manifesto que se volte a falar de diaconisas num tempo próximo.

1.2. Percurso histórico

Pensar o diaconado em termos históricos é um modo hermenêutico de pensar a história da Igreja. Uma e outra desenvolvem-se em flutuações paralelas e sob a ação dos mesmos factos, contingências culturais e sócio-religiosas. Movimentos que nos primeiros três séculos constituíram a Igreja num agrupamento de santos de Deus, ou seja, de todos aqueles que se entregam a Jesus Cristo e que por essa razão se batizam e se apoiam, entre si, como irmãos. A vida social é constituída em comunidades, comunga-se dos mesmos bens e, desse modo, em solidariedade permanente. O modo de ser da Igreja está no convite a imitar Jesus Cristo. Uns dedicam-se à Palavra, outros aos serviços que eram prestados quer aos homens, quer às mulheres; aqui emerge a referência diaconal, em função dos serviços atribuídos a cada um.

³¹ Azevedo, *Estruturação dos Ministérios na Igreja Antiga*, 95.

³² Estêvão Bettencourt, «Quem eram as diaconisas da Igreja Antiga?»

³³ Vanderlúcio Souza, «Ordenação de Diaconisas está descartada por enquanto, diz Papa Francisco em entrevista», acedido a 12 de janeiro de 2021, <https://blogs.opovo.com.br/ancoradouro/2019/05/07/ordenacao-de-diaconisas-esta-descartada-diz-papa-francisco-em-entrevista/>.

1.2.1. Breve itinerário do diaconado permanente

Os primeiros três séculos são fundamentalmente orientados para o serviço aos mais desfavorecidos, especialmente órfãos e viúvas. Uma espiritualidade explícita nas cartas de Paulo, Timóteo e Atos dos Apóstolos. A configuração em Jesus Cristo é um testemunho claro tanto do anúncio da Palavra como no serviço aos mais desfavorecidos. São os instrumentos que ajudam a descrucificar aqueles que são vítimas da injustiça social, do isolamento e da marginalização. Um processo exigente, pois convoca a sair da mediocridade, da tradição estanque, e abrir caminho a uma evangelização periférica, própria de uma Igreja em saída, que se realiza na busca dos que estão mais longe, no sentido de os trazer ao conhecimento do Reino de Deus. É claro que o padrão de vida pastoral dos diáconos até ao século IV estava configurado a uma pastoral sujeita a perseguição, mas de um compromisso desmedido ao seguimento de Jesus, e aberto às contingências do caminho: «Não leveis bolsa, nem alforge, nem sandálias; e não vos detenhais a saudar ninguém pelo caminho». (Lc 10, 4).

1.2.2. O diaconado nos séculos I e II

Paulo na carta aos Filipenses refere-se, pela primeira vez, aos diáconos: «Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os Santos em Cristo Jesus, que estão em Filipos, com seus bispos e diáconos» (Fil 1, 1). Esta alusão de Paulo aos diáconos ajuda-nos a compreender a expansão do cristianismo e a conseqüente necessidade de acolher e instruir homens para o anúncio da Palavra e a assistência às viúvas e aos pobres. Ministérios compreendidos à luz da experiência missionária de Clemente de Roma:

Os Apóstolos receberam para nós a Boa-nova pelo Senhor Jesus Cristo; Jesus, o Cristo, foi enviado por Deus. Portanto Cristo vem de Deus, os Apóstolos vêm de Cristo, as duas coisas saíram em bela ordem da vontade de Deus. Receberam, pois instruções e, cheios de certeza pela ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, consolidados pela Palavra de Deus, com a plena certeza do Espírito Santo, partiram a anunciar a Boa Nova e que o Reino de Deus havia de vir. Pregavam nos campos e nas cidades e estabeleciam as suas primícias, apreciavam-nas pelo Espírito Santo para delas fazerem os bispos e os diáconos dos futuros crentes. Nisto nada havia de novo; pois que desde há muito tempo

a Escritura falava dos bispos e dos diáconos; algures está com efeito escrito: «Estabelecerei os seus bispos na justiça e os seus diáconos na fé».³⁴

Também os Padres Apostólicos, em finais do século I e inícios do século II, conservam esta organização binária, insistindo nas qualidades subjacentes à eleição. «Procurai, pois, bispos e diáconos dignos do Senhor, homens benignos, desinteressados, verdadeiros e seguros, pois que também eles exercem, junto de vós, o cargo de profetas e doutores».³⁵ A narrativa deste excerto, denota não só a preocupação dos Padres Apostólicos quanto à valorização e ao conhecimento da Sagrada Escritura, mas também inclui uma exortação ao modo de viver da Igreja em saída. Para isso, exorta-se à procura de homens com qualidades, apelo bem patente em 1Tm 3, 8-12. Acrescentando que já são profetas e sacerdotes pelo batismo. Respira-se uma união fraterna entre os bispos e os diáconos no apelo à pastoral do anúncio ao crescente número de convertidos. Há um sentimento “despertador” para o serviço como resposta à exortação de Jesus: «como eu vos fiz façais vós também» (Jo 13, 15). O carisma está na relação estreita e comprometida ao serviço, um dom específico do ministério. Para os Padres Apostólicos, a união é um traço característico da fé em Jesus Cristo, mas também uma característica única das comunidades cristãs, diferença reveladora do amor entre eles; exemplo muito forte para os gentios que exclamavam: como eles se amam! Vivido pelos cristãos que o fazem por amor d’Aquele que morreu e ressuscitou para a salvação de todos.

A Tradição Apostólica definida como carisma sacerdotal reflete-se, também, em Policarpo de Esmirna quando adverte os diáconos para a sua conduta na Igreja: «de igual forma, que os diáconos sejam irrepreensíveis diante da justiça d’Ele. São servidores de Deus e de Cristo, e não dos homens: nem calúnia, nem duplicidade, nem amor ao dinheiro; sejam castos em todas as coisas, compassivos, zelosos, andando segundo a verdade do Senhor, que se tornou servidor de todos».³⁶ Persistentes na exortação à retidão e ao exemplo dos diáconos. Que mensagem, para os diáconos? Certamente um mimetismo herdado de Jesus na exortação a estar vigilante. Este olhar de pastor consciencializa os ouvintes para a importância da partilha e para experiência humana na vida pastoral. Um olhar que hoje se faz pela via da formação não só humana, mas também espiritual e catequética: «Só a partir da doutrina do episcopado é possível, portanto esclarecer a das outras ordens, especialmente a do diaconado

³⁴ Clemente de Roma, *Carta aos Coríntios I*, 42, 1-5, PG 1, 292B.

³⁵ Anónimo, «*Didaqué*», em Secretariado Nacional da Liturgia, *Os Diáconos na Igreja: Fontes e Documentos* (Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2020), 115.

³⁶ Policarpo de Esmirna, *Carta aos Filipenses 5*, PG 5, 1009B.

que na Igreja do primeiro milênio, como vimos, era entendida como ordem *ad ministerium Episcopi*». ³⁷

A *Didaqué* não faz referência aos presbíteros, porque a sua organização eclesiástica primitiva considerava cinco categorias de agentes pastorais: «o apóstolo, o profeta, o doutor, os bispos e os diáconos e, de cada um deles, são indicadas as funções e atribuições». ³⁸ Inácio de Antioquia discípulo de João e sucessor de Pedro em Antioquia, já nos finais do século I, dá testemunho pela primeira vez do magistério da Igreja nos três graus da ordem, modelo que chegou até aos nossos dias e aqui expresso: «do mesmo modo, todos respeitem os diáconos como a Jesus Cristo, assim como ao bispo, que é a imagem do Pai, e os presbíteros que representam o senado de Deus e assembleia dos Apóstolos. Sem eles, não se pode falar de Igreja». ³⁹ Os presbíteros vêm para completá-los, sem quebrar a sua associação. É a primeira vez que falamos dos presbíteros, por isso é o momento oportuno para discorrermos sobre o seu ministério na Igreja primitiva.

A *Didaqué* aborda este passo hierárquico no magistério da Igreja esclarecendo este conhecimento tardio dos presbíteros no magistério e na Igreja primitiva: «na idade apostólica e imediatamente pós apostólica, os dois termos “*episcopos*” e “*presbíteros*” eram sinónimos e indicavam o sacerdote em oposição aos diáconos, ministros». ⁴⁰ Percebemos, deste modo, o lugar do diácono dentro do sacramento da Ordem, por um lado, na relação com o bispo que o associa ao seu ofício, e por outro aos presbíteros que estão em vez do bispo. O que expressa, a unidade do ministério sacerdotal. Todavia, todos juntos, não cumprem, enfim, a única e mesma obra comum de governo de Cristo.

No sacramentário de Verona, o presbiterado é apresentado, não sem alguma ênfase, como o segundo dos dois graus sacerdotais. As tipologias do Antigo Testamento às quais o texto faz referência são aquelas às quais o espírito de Moisés, derramado sobre 70 homens prudentes, e os do espírito de Arão, dos quais os filhos receberam uma parte. Essas referências, portanto, atestam à sua maneira que os padres participam do ministério do bispo, sem, no entanto, estarem em pé de igualdade com ele. Enquanto o bispo é o *summus pontifex*, e seu ofício, o *summum sacerdotium*, o sacerdote, é apenas um padre da segunda categoria. ⁴¹

³⁷ Dario Vitali, *El Diaconado: Nuevas perspectivas* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristãos, 2021), 121.

³⁸ Tosti, «Introdução», em *Didaké*, 43.

³⁹ Inácio de Antioquia, *Carta aos Tralianos*, 3, 1, PG 5, 780B.

⁴⁰ Tosti, «Introdução», em *Didaké*, 47.

⁴¹ Beraudy, «Comité National du Diaconat 1993».

Compreendendo Cristo, o *κύριος* que se diz no episcopado e presbitério; símbolos de Cristo Cabeça, que é o Cristo Servo. O diácono configura a presença real, no seio da Igreja de Cristo Servo. Cada um traz à luz o que permanece implícito no outro, deste modo o mistério e ministério da Ordem só têm significado na inter-relação presbítero / diácono. O magistério totaliza-se na sua trilogia ministerial: bispos, presbíteros e diáconos, aos quais Inácio de Antioquia exorta a manifestarem-se na obediência cristã: «seguí todos o bispo, como Jesus Cristo segue o Pai; segui o colégio dos presbíteros como aos Apóstolos; quanto aos diáconos respeitai-os como à lei de Deus.» Abordamos já o ministério do diácono, na dimensão da Palavra e do serviço. O ministério da Liturgia eucarística é apresentado por Justino (†165) nestes termos:

Em seguida, leva-se pão, um vaso de água, e de vinho com água àquele que preside à assembleia dos irmãos... uma vez terminadas as orações e a ação de graças, todo o povo presente exprime o seu acordo respondendo *âmen*... Quando o presidente da assembleia terminou a oração de ação de graças (eucaristia) e o povo deu a sua resposta, aqueles que entre nós são chamados diáconos (*oi Kaloumenoi par hemin diakonoi*) dão a participar, a cada um dos assistentes, o pão e o vinho misturado com água sobre os quais foi dita a oração de ação de graças (eucaristia), e levam-na aos ausentes.⁴²

Pela narrativa, a Eucaristia possui a estrutura de hoje: a assembleia dos irmãos, o pão e o vinho, as orações, a participação dos diáconos e a ação de graças. Os séculos I e II foram importantes para a definição dos sacramentos e da constituição hierárquica da Ordem em seus três graus. Uma hierarquia estruturada não só para uma Liturgia eucarística e sacramental, mas também eclesiológica e pastoral a exemplo de Jesus Cristo Cabeça e servo. Uma pastoral sistemática de iniciação, acolhimento, acompanhamento, mas também de gestação como conclui Paulo: «por isso mesmo que vos enviei Timóteo, meu filho querido e fiel no Senhor» (1Cor 4, 17).

Inácio de Antioquia, no início do século II, insiste no discipulado em Cristo acentuando a sua gênese como mote para a perseverança e para o universalismo cristão: «contudo, tornando-nos seus discípulos, abraçamos a vida segundo o cristianismo (...) não foi o cristianismo que acreditou no judaísmo, mas o judaísmo que acreditou no cristianismo, pois nele se reuniu toda a língua que acredita em Deus».⁴³ O diácono acompanhava, assim, o ritmo de crescimento na fé e no esclarecimento do seu ministério. Atingia, deste modo, relevância

⁴² Justino, *Apologia I*, 65, PG 6, 428AB.

⁴³ Inácio de Antioquia, *Carta aos Magnésios*, 10,1, PG 5, 769B.

na pastoral da Igreja. Uma pastoral mediada pelo bispo, e também objeto de sua preocupação. Uma preocupação expressa, de modo particular em Policarpo, nestes termos: «Os diáconos sejam irrepreensíveis diante da justiça de Deus. Servidores de Deus e não dos homens que não caluniem, nem sejam dúplices nem amantes do dinheiro. Sejam castos em todas as coisas, misericordiosos, zelosos, andando segundo a verdade do Senhor, que se tornou servidor de todos».⁴⁴

1.2.3. O diaconado nos séculos III e IV

Embora a pastoral para com os mais necessitados fosse intensa, não evitava contudo, o olhar adverso do império Romano. Adivinhava-se tempos muito duros para os cristãos: «ao longo do século III, através ainda de muito sangue e sofrimento prepara-se, nas profundezas da história, o triunfo de Cristo que terá no século IV a sua plena e completa realização».⁴⁵ Profetismo concretizado por Diocleciano quando proclama o extermínio da seita cristã. Um anúncio publicado na primeira das numerosas cartas circulares que se distribuíram pelo império Romano. Uma causa de sofrimento para os cristãos ao contemplarem a destruição dos seus lugares litúrgicos, ou seja, mais uma chaga aberta no Corpo de Cristo. Uma chaga também no corpo de cada cristão que respondia pelo testemunho ao desafio de Jesus: «Tu amas-me?» (Jo 21, 15-19). Só esse amor permite a difusão da fé, ou seja, o anúncio de Cristo ao mundo sem medos e sem receios.

As perseguições perturbam as relações sociais e pastorais, de que os diáconos também serão vítimas. Recordamos o martírio do diácono Lourenço em função da sua dádiva aos pobres. Todas estas manifestações acontecem por volta do primeiro quarto do século III, e com um fim: esmagar o cristianismo. Uma tentativa frustrada, pois a força do Espírito trabalhava no coração dos crentes e a resistência cristã foi mais forte que a crueldade de Diocleciano. A *Didascália dos Apóstolos* faz um apelo forte aos diáconos:

Assim, pois, importa que também vós, Diáconos, façais do mesmo modo; pelo que, se a necessidade vos vier a colocar na situação de dever dar mesmo a vida pelo vosso irmão, no exercício do vosso ministério, a deis ... Se, portanto, o Senhor do céu e da terra se fez nosso servidor e tudo sofreu e suportou por nós, dado que somos seus imitadores e nos coube em sorte o próprio lugar de Cristo, não deveremos nós, ainda mais, fazer isso pelos irmãos? (AP).

⁴⁴ Policarpo, *Carta aos filipenses e Martírio do Santo*, V, II, PG 5, 1018B.

⁴⁵ Rops, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, 296.

O diácono percebe-se como resposta! Resposta ao chamamento para a vinha do Senhor, e investido num espírito crístico: «quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas, quem perder a sua vida por minha causa, há de encontrá-la» (Mt 16, 25). O diácono é percebido desde o princípio, como coadjutor dos Apóstolos na administração da comunidade, um modo de servir, ilustrado em Atos 6, 3, que nos relega para uma relação muito profunda à vida das comunidades, suas necessidades e cuidados associados. Nomeamos, ainda, outras diaconias como receber as ofertas, assistir aos enfermos, às viúvas e aos pobres; ler o Evangelho, servir na administração da Eucaristia, levar a comunhão aos ausentes, e, em caso de necessidade e por incumbência do bispo, batizar e pregar como a carta de Paulo a Filémon descreve: «Dou graças ao meu Deus, lembrando-me sempre de ti nas minhas orações, por ouvir falar do teu amor e da tua fé: fé no Senhor Jesus Cristo e amor para com todos os santos» (Flm 1, 4-5).

O número dos diáconos era de sete, fruto da decisão do Papa Fabiano, que dividiu a cidade em sete regiões com fins administrativos, entregando cada uma delas a um diácono. Esta medida foi implantada no sentido de fidelidade ao relato de Lucas em Atos 6, 1-7 que trata da ordenação dos sete diáconos pela imposição das mãos dos Apóstolos, sendo que «Ireneu de Lyon é o primeiro autor conhecido que difundiu esta opinião em fins do século II».

46

A cidade torna-se o lugar ideal para a ação diaconal em favor dos pobres. Estes, concentrados nos grandes centros, vivem desprovidos de ajuda material, mas também de educação. Perante uma sociedade assim constituída «o diaconado converteu-se num ministério de tal importância nos séculos III e IV que ameaçavam as funções dos sacerdotes e às vezes as do próprio bispo, em particular na administração dos bens, que conferia, sobretudo ao arqui-diácono, um enorme poder».⁴⁷ Todo este fulgor da ação diaconal dependia da concentração de diversos serviços. Situação que começou a incomodar algumas consciências, e ao mesmo tempo a perturbar outros agentes da pastoral.

Na *Didascália* (séc. III) encontra-se uma certa supremacia dos diáconos sobre os presbíteros, pois que estes são comparados a Cristo, enquanto os presbíteros são apenas comparados aos Apóstolos. Mas por outro lado, os presbíteros são apresentados como senadores da Igreja e os sucessores do bispo: o seu lugar é à volta do altar e do trono episcopal. Os diáconos, por sua vez, são

⁴⁶ Collins, *Os Diáconos y la Iglesia*, 141.

⁴⁷ Vitali, *El Diaconado*, 104.

designados no lugar de «terceiros», o que sugere provavelmente que vêm depois do bispo e dos presbíteros.⁴⁸

Clemente de Alexandria e Orígenes são unânimes nos apontamentos depreciativos em relação aos diáconos: «frequentemente, os diáconos são objeto da crítica de Orígenes porque tocados de modo particular pelo espírito de cobiça. Devido à sua função caritativa, eram eles que estavam sobretudo em contacto com o dinheiro».⁴⁹ Na verdade, os diáconos acumulavam mais um ministério que ameaçava não só o discernimento, mas também a oração, eram-lhe atribuídos os ministérios da liturgia, pois, raramente um membro do presbitério presidia à Eucaristia.

O século IV vai dar origem a uma nova dinastia no que diz respeito ao modelo de Igreja, pelas profundas mudanças na estrutura social, e de um modo ainda mais acentuado na estrutura eclesial. A liberdade religiosa, dada por Constantino aos cristãos, levou as estruturas da Igreja a reinventarem uma nova realidade. O ministério dos diáconos começa por ser o primeiro a conjugar-se às novas circunstâncias pela excentricidade do ministério dos diversos serviços. Era considerado elemento essencial da hierarquia na Igreja local. O primeiro servidor é o bispo, os diáconos colaboram neste ministério por nomeação do seu bispo.

Os padres também, claro está, mas até ao século IV, eles fá-lo-ão como «conselheiros» do bispo, no seio do presbitério do qual ele é cabeça. Eles «co-presidirão» à Igreja local de que o bispo é o pastor, e concelebrarão com ele a sua Eucaristia – sendo aqui, a concelebração, a consequência de sua estreita associação no governo pastoral. A partir do séc. IV, os padres continuarão a fazê-lo, mas na qualidade de presidentes de comunidades, em comunhão com o bispo e, por ele, com as outras comunidades de que têm encargo (as futuras «paróquias») e outras Igrejas locais presididas pelos seus colegas no episcopado (suas futuras «dioceses»)⁵⁰.

Deste modo, justifica-se que os bispos se multiplicassem para fazer face ao aumento de Igrejas. Todavia, não são os bispos que vão preencher os lugares dessas novas igrejas para presidir à Eucaristia, mas sim aos presbíteros. Nomeação que irá gerar mal-estar nos diáconos. Estes interrogam-se: Se até aqui apenas concelebravam; porque são nomeados para essas igrejas? A resposta vertia-se em duas direções: primeiro na resposta pastoral à adesão maciça ao cristianismo, segundo na partilha dos quadros da Igreja com a administração territorial de Roma. Os sinais dos tempos revelam a manifestação de Deus ao mundo, assim como uma permanente ligação ao Evangelho: «permaneei em mim e eu permanecerei em vós» (Jo 15,

⁴⁸ Comissão Teológica Internacional, *Diaconado Evolução e Perspetivas*, 28.

⁴⁹ Comissão Teológica Internacional, *Diaconado Evolução e Perspetivas*, 27-28.

⁵⁰ Alphonse Borras, *O diaconado sob o risco da sua novidade* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2007), 64.

4). Esta nova realidade da Igreja traduziu-se numa presença mais ativa na sociedade civil e, por isso, mais dinâmica evangelicamente.

O clero passa a ser servidor do estado, usufruindo daí grandes privilégios de ordem material; os bispos do séc. IV começam a ser administradores e doutores – ensinar, pregar e explicar a Sagrada Escritura; os diáconos, por seu lado, aliados ao bispo, tornam-se os grandes administradores dos bens materiais da Igreja, alcançando, assim, forte influência não só em relação aos presbíteros como até ao próprio bispo, o que vai gerar um certo mal-estar entre presbíteros e diáconos.⁵¹

Os acontecimentos sucedem-se muito rapidamente; as perseguições terminam, mas começa-se um tempo de constante sobressalto, não só quanto à divulgação do Evangelho, mas também pastoralmente em constante ansiedade: «a narrativa deste período inscreve-se nas duas faces de um díptico; de um lado, o desabrochar, a expansão, a conquista e o impulso vital contra os quais nada prevalece; do outro, o sintoma múltiplo de uma doença que não se considera mortal, mas para a qual o homem não tem remédio. Há um mundo que nasce e cresce cheio de esperança, e outro que se prepara para morrer».⁵²

Todo este devir acontece de um modo vertiginoso: as igrejas rurais multiplicam-se ao ritmo da adesão ao cristianismo. Em simultâneo vive-se uma considerável desorganização do presbitério e menor consciência clerical. Os diáconos reagem à nova realidade reclamando a igualdade aos presbíteros, mas também a graça de presidir à Eucaristia. «Esta tendência para invadir o campo da competência dos presbíteros, manifestada igualmente na pretensão a presidir à eucaristia (mesmo se apenas a título excepcional) é contrariada pelo Concílio de Nicéia em 325 (cân. 18)».⁵³ Uma situação paralela a Atos 6, 1 onde aconteceu o desentendimento entre helenistas e hebreus. São estes momentos que convocam à oração e ao discernimento, de modo a abrir novos horizontes. Também aqui, pela *Didascália dos Apóstolos*, os diáconos são exortados a participarem nas soluções e a deixarem que o bispo resolva o que eles não podem: «o diácono deve contar tudo ao bispo, como Cristo ao seu Pai; o que ele puder resolver, resolva-o, e que o bispo julgue o resto.

«O diácono deve ser o ouvido, a boca, o coração e alma do bispo, porque se ambos estiverem de acordo, na vossa unanimidade a Igreja encontrará a paz».⁵⁴ Aquele alerta,

⁵¹ Araújo, *O Ministério do Diaconado Permanente*, 44-45.

⁵² Rops, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, 297.

⁵³ Comissão Teológica Internacional, «*Diaconado Evolução e Perspetivas*», em Secretariado Nacional da Liturgia, *Os Diáconos Na Igreja, fontes e Documentos*, 459.

⁵⁴ Anónimo, «*Didascália dos Apóstolos*», em Secretariado Nacional da Liturgia, *Os Diáconos na Igreja, Fontes e Documentos*, 117.

convoca à comunhão e alarga os horizontes para o discernimento dos diáconos. Cipriano alude ao entendimento dos diáconos acerca do seu chamamento e à pertença inequívoca ao Senhor que os escolheu.

Os diáconos não se devem esquecer de que o próprio Senhor escolheu os Apóstolos, ou seja, os bispos e os chefes da Igreja, enquanto os diáconos foram os Apóstolos que, após a ascensão do Senhor, os instituíram para serem os ministros do seu episcopado e da Igreja. Assim como nós não podemos empreender o que quer que seja contra Deus que fez os bispos, também eles não podem empreender contra nós que os fizemos diáconos.⁵⁵

Jerónimo na sua carta 46 mostra-se surpreendido por um diácono antepor os diáconos aos presbíteros, no serviço da comunhão. É difícil colocarmo-nos no tempo e no espaço para compreender bem esta situação, ficamos pelo espanto confessado de Jerónimo: «ouvi dizer que um indivíduo chegou a tal ponto de loucura que antepôs os diáconos aos presbíteros (...) o que havia de dar se a este ministro dedicado às mesas e às viúvas, para se julgar ao mesmo nível ou acima daqueles cujas orações fazem a consagração do Corpo e do sangue de Cristo?». ⁵⁶

A Igreja vive poeticamente na interação com o Povo de Deus, onde ensina e discerne, exprime e solicitamente convoca à conversão em Jesus Cristo. «Igreja “em Cristo é como que um sacramento, ou sinal, e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano”; e disto é Ele a fonte! Ele mesmo! Ele o Redentor!» (RH, 7). Sustentados por esta fé, acreditamos que o caminho é feito de inquietações, de sofrimentos e de esperança na obra do Senhor que opera tudo em todos. Dele vem a capacitação para a vida pastoral.

A presença do diácono na liturgia, o excessivo envolvimento com as tarefas comunitárias, a relação próxima com os bens desgastaram a identidade do diácono perante as comunidades. Realidade que conduziu à denúncia dos excessos. Motivo que levou Orígenes a fazer uma admoestação pública aos diáconos. «Diáconos que não administram bem as mesas do dinheiro da Igreja, ou seja, dos pobres, mas cometem sempre fraudes a seu respeito. Juntam riquezas para si mesmos, desviando o dinheiro dos pobres». ⁵⁷ Uma crise que acontece num tempo de mudança. Contingência que não desculpando as ações, pode servir de justificação pelo excesso de ocupações, embora as ocupações não possam ser pretexto para

⁵⁵ Cipriano de Cartago, *Epístola III*, apêndice IV, PL 4, 1036C.

⁵⁶ Jerónimo, *Epístola CXLVI ad Evangelium*, 1, PL 22, 1193.

⁵⁷ Orígenes de Alexandria, *Comentário a Mateus*, Interpretação antiga, 16, 8, PG 13, 1451B.

falta de oração: «quanto a nós, entregar-nos-emos assiduamente à oração e ao serviço da Palavra». (At 6, 4).

O século IV marca o fim da formação do diaconado como grau da hierarquia eclesial, situada depois do bispo e dos presbíteros, com um papel bem definido. Ligado à missão e à pessoa do bispo, este papel englobava três funções: o serviço litúrgico, o serviço de pregar o Evangelho e ensinar a catequese, assim como uma vasta atividade social respeitante às obras de caridade e à atividade administrativa segundo as diretrizes do bispo.⁵⁸

Os diáconos são instituídos pelos Apóstolos como servidores da Igreja de Deus. Quando há desvios é razoável que se manifeste a indignação como aconteceu com Inácio de Antioquia: «Não são, com efeito, ministros dos alimentos e bebidas, mas ministros da Igreja de Cristo».⁵⁹ Continuando terminou a exortar ao cumprimento e à obediência em Cristo «obedecei todos ao bispo como Jesus Cristo obedece ao Pai».⁶⁰ A Igreja acumula, assim, a experiência devida à formação humana.

A fraqueza humana é constitutiva da Igreja, Jesus podia ter escolhido homens de renome para a missão que tinha em mãos, todavia escolheu homens humildes como os pescadores. Paulo experimentou esta realidade e comunica-a com valentia: «quando estou fraco é que eu sou forte» (2Cor 12, 10). Resumimos assim que toda esta experiência da Igreja em torno do acontecimento da liberdade constantiniana abriu as portas a um novo mundo eclesiológico, fez emergir novas estruturas pastorais e iniciou uma Igreja de Cristandade.

«A partir do século IV, o número de cristãos cresce de forma descontrolada e a comunidade cristã não pode ser contida na Igreja de Latrão para a Eucaristia. Florescem então outros lugares de culto, com diferentes títulos, que dão origem às paróquias».⁶¹ Este fluxo, de novos lugares de culto, requer ministros de Deus para conduzir o seu povo rumo ao Reino anunciado e instituído por Jesus Cristo. Também aqui os desejos dos diáconos coincidem com os dos presbíteros.

Estamos perante mais uma etapa da pastoral na Igreja primitiva, já vivida em Atos 6, 1 e paralela a esta pela natureza das dificuldades. Enquanto em Atos 6, 1-7 as mulheres reclamam o serviço de iguais para iguais, agora reclama-se a oportunidade de participar na

⁵⁸ Comissão Teológica Internacional, «*O Diácono Evolução e Perspetivas*» em Secretariado Nacional da Liturgia, *Os Diáconos na Igreja, Fontes e Documentos*, 462.

⁵⁹ Inácio de Antioquia, *Carta aos Tralianos*, II, PG 5, 779A.

⁶⁰ Inácio de Antioquia, *Carta aos Esmirniotas*. VIII, PG 5, 831B.

⁶¹ Lima, *Teologia Prática Fundamental*, 320.

celebração da Eucaristia como símbolo da morte e ressurreição de Jesus Cristo, centro da vida cristã.

O século IV foi de facto um marco estanque na história do diaconado. Uma propositiva, porque as coisas, a partir daqui, serão diferentes. Se o diácono era responsável pela recolha dos bens que apresentava no momento da oblação, agora converte-se em ministro da liturgia. «O poderoso ministro dos pobres que estava junto ao bispo na celebração eucarística só conservou o hábito, não o poder».⁶² Depois desta mutação, o diácono é configurado ao modelo de Igreja que começa a emergir. O diaconado dominava os serviços e atuava nas situações de suplência; agora o modelo de Igreja da cristandade reduz-lo a uma presença residual. Os dois momentos estão desarticulados e alienados pela concentração de funções eclesiais à volta do altar: «Cerca de 378, a obra anónima *Ambrosiaster*, composta em Roma, testemunha a tensão que persiste entre diaconado e presbiterado».⁶³

A hierarquia começa a definir-se enquanto os diáconos perdem visibilidade. Os serviços, no seu cômputo geral, passam para os conventos. As comunidades organizam-se em paróquias presididas pelo sacerdote, uma nova realidade correspondente à exigência da reestruturação pastoral e circunscrita a uma área geográfica determinada. O século V é decisivo para o novo modelo de Igreja reconfigurada na Cristandade, um modelo que substitui o ministério diaconal pela obra das congregações e mosteiros assim como pelos hospitais.

1.2.4. O diaconado no século V

O século V é o século da definição dos ministérios do presbítero e do diácono, fenómeno emergente da conjuntura da Igreja, Povo de Deus, e sensível à multiplicação dos cristãos. Estes, fortalecidos pela graça do Espírito Santo, pretendem não só o acesso aos lugares de culto, mas também aos ensinamentos dos ministros de Cristo. Todavia, esta nova configuração eclesial conduziu a uma subtração dos serviços que eram relevantes e que estavam associados ao ministério dos diáconos, em comunhão com o bispo. Uma realidade que explica as rivalidades entre diáconos e presbíteros, pelas tarefas de suplência episcopal. Rivalidade que se projetava também à própria sucessão do bispo.

⁶² Vitali, *El Diaconado*, 109.

⁶³ Comissão Teológica Internacional, *Diaconado Evolução e Perspetivas*, 44.

O Concílio de Calcedónia (451) sanciona esta evolução no cânone 26, ao aconselhar que cada bispo deve determinar esse encargo a um ecónomo «tirado do seu próprio clero»⁶⁴ e não necessariamente de entre os diáconos. No entanto, os ministérios saíam da esfera dos diáconos de um modo precipitado, «até mesmo a assistência aos pobres é assegurada, muitas vezes pelos conventos».⁶⁵ Contudo, enquanto o Concílio sanciona, as tradições promovem o diaconado: segundo a Tradição Apostólica 13, «a mão não será imposta ao subdiácono, mas ele será designado para seguir o diácono».⁶⁶ Perante tão rápida transformação eclesial, e escassez de quadros para fazer face à máquina civil preenchida pela hierarquia da Igreja, também os «*porteiros*» são chamados a participar nas funções anteriormente confiadas aos diáconos. Os novos ministros inferiores provêm da fragmentação das funções dos diáconos. Os bispos, não podendo multiplicar-se, fazem-se representar pelos presbíteros nas paróquias às quais presidem espiritualmente com os presbíteros.

Progressivamente, «as orações da ordenação dos presbíteros adaptam-se. Em consequência, eles serão doravante chamados *sacerdotes*, mas de segunda linha *secundi meriti*».⁶⁷ O termo *secundi meriti* vem introduzir, pela primeira vez, o segundo grau do sacramento da Ordem, e define a ação do sacerdote perante o bispo. Aos diáconos é subtraída a gestão dos bens da comunidade e processa-se a excardinação do diaconado permanente com base em três causas: primeiro na contiguidade de seu número; segundo na solicitude pública dos quadros da Igreja para a administração pública; terceiro a resposta do clero ao expansionismo pastoral em Roma. Paralelamente, promove-se uma resposta de suplência aos ministérios deixados pelos diáconos, por ordens menores e pelos próprios sacerdotes. Os bispos e sacerdotes que viviam o ministério em conjunto, com a abertura da Igreja à pastoral das periferias, passaram a fazê-lo pela comunhão espiritual.

Perante a aplicação prática do pensamento de Pseudo Dionísio pelos finais do século V, tanto no Oriente como no Ocidente, «a hierarquia eclesiástica comporta duas tríades: na primeira, distingue a ordem dos hierarcas ou bispos, na segunda a ordem dos presbíteros e a ordem dos “liturgos” ou ministros. Esta, compreende as ordens eclesiásticas que vão do diácono ao porteiro. O diácono já não tem qualquer especificidade em relação às outras ordens que são inferiores ao presbítero».⁶⁸ A transferência de tarefas era inevitável atendendo

⁶⁴ Giuseppe Alberigo (dir.), *Les Conciles Oecumeniques II: Os Decretos* (Paris: Cerf, 1994), 225.

⁶⁵ Comissão Teológica Internacional, *Diaconado Evolução e Perspetivas*, 45.

⁶⁶ Hipólito de Roma, *Tradição Apostólica*, 13, *SCh* 11, 69.

⁶⁷ Borrás, *O diaconado sob o risco da sua novidade*, 63.

⁶⁸ Comissão Teológica Internacional, *Diaconado Evolução e Perspetivas*, 44.

à nova estrutura ministerial e eclesial, obviamente, no âmbito do diaconado permanente. Procedimento refletido na ação pastoral da Igreja que perdeu força pela envolvimento das comunidades cristãs em ações de constrangimento.

O Concílio de Laodicéia ao identificar tais ações impediu os subdiáconos de invadir as funções litúrgicas dos diáconos, ao aconselhá-los a contentar-se com a guarda das portas. A nova categorização dos sacerdotes, dentro do sacramento da Ordem, proporcionou-lhes a tutoria do ministério dos diáconos permanentes. Estes são relegados para «as tarefas marginais e subsidiárias na liturgia, onde eles repetem gestos que perderam o vínculo com um ministério digno de manifestar o rosto de uma Igreja misericordiosa e complacente com seus pobres».

Os diáconos e os presbíteros, pelas tarefas de suplência episcopal, projetavam-se em igualdade de circunstâncias à sucessão do bispo. Os dois ministérios viam a ascendência em condições de igualdade à dita sucessão, sabendo que a ordenação se fazia «*per saltum*»: um diácono ou subdiácono podia aceder diretamente ao episcopado sem passar pelo presbiterado, assim como também não era necessário passar pelo diaconado para chegar ao presbiterado. «O subdiaconado era a única passagem obrigatória no *cursus* antes do acesso aos graus superiores». ⁶⁹ As funções eram atribuídas em ordem à preparação de cada um ou das necessidades das comunidades. Por regra, atribuídas pelo bispo de quem o diácono era dependente pela natureza do ministério.

Deste modo, a Igreja premiou a dedicação de alguns diáconos elevando-os à honra dos altares, immortalizando as suas memórias e os seus testemunhos. No decorrer desta dissertação fizemos já referência ao diácono Lourenço mártir. Invocamos mais três, de entre os 91 diáconos canonizados, numa atitude de reconhecimento e louvor pelo exemplo que nos deixaram.

S. Marino, foi legado do Papa Adriano II (867-872) ao VIII Concílio Ecuménico, em Constantinopla (869-870), que condenou os erros teológicos do heresiarca Fócio e dos seus seguidores.

Diácono Hilário (S. Leão I, o Grande, Papa) que por mais de dez anos foi o conselheiro teológico dos papas S. Celestino I (422-432) e São Sisto III (432-440).

⁶⁹ Comissão Teológica Internacional, *Diaconado Evolução e Perspetivas*, 45.

Diacono Atanásio de Alexandria (295-373), mais tarde Patriarca de Alexandria, foi amigo e biógrafo de Santo Antão, o Patriarca dos monges do Oriente.⁷⁰

1.2.5. Que futuro para o diaconado a partir do século V?

A liberdade concedida por Constantino, em termos de prática religiosa, proporcionou à ação apostólica uma nova categorização, ou seja, uma religião lícita. Um acontecimento só possível pela abnegação, o sofrimento e o testemunho de uma fé perseverante. Ideal que fez de muitos mártires testemunhas vivas de Jesus Cristo.

Ora, se o cristianismo se converte numa *religio licita* e logo na religião oficial do império, o chefe de um império cristão, em virtude do princípio da personalidade corporativa, ele, o próprio imperador converte-se, e não por acaso é chamado o «décimo terceiro apóstolo». Esta mudança de situação, mais tarde, forçou os ministros da Igreja a entrar no espaço confinado do templo, o que levou a um rápido declive do diaconado.⁷¹

Deste modo, toda a Igreja se vai configurando a uma nova realidade: os ministros da Igreja começam a ter um espaço reservado para o culto, «o templo» onde os cristãos se reúnem para celebrarem a eucaristia e louvarem ao Senhor. Esta nova realidade precipita a ação dos diaconos para um rápido declive. Os presbíteros, não só conquistam a centralidade na vida da Igreja, mas também o governo direto das comunidades. O esvaziamento da figura dos diaconos torna-se irreversível ao serem relegados para um ministério inferior. O diácono ordenado no âmbito das ordens maiores, esvazia-se da maioria das suas funções, agora confiadas a ordens menores. As ordens menores assumiram parte dos trabalhos, até então, à responsabilidade dos diaconos. A nova estrutura eclesial responde ao enquadramento de novas Igrejas e mosteiros que emergiram, fruto do corporativismo entre estado e Igreja. Cooperação que se prolongará pela Idade Média. O diácono verá o seu ministério a ser partilhado pelos habitantes dos mosteiros, concretamente por religiosos e religiosas enquanto ele se vai reduzindo à sua insignificância.

A história reporta-nos que, entre os séculos V e VII, os diaconos não mais prestigiaram essa dupla missão. O ministério foi apossado por novos personagens: o aspecto patrimonial tomado pelos subdiaconos e o aspecto caritativo pelos monges. Agora a sociedade

⁷⁰ Cf. Aury Azélio Brunetti, *Diaconato Permanente, visão histórica e situação atual* (S. Paulo: Edições Paulinas, 1986), 53-56.

⁷¹ Vitali, *El Diaconado*, 104.

civil assume a sua parte e colabora com as instituições no combate à pobreza. Carlos Magno em sintonia com as instituições da Igreja, pelos apoios dados, determinava, de forma involuntária, a vida do diaconado como ministério do serviço na pastoral da Igreja. procedimento que levou à transferência dos ministérios diaconais para a alçada dos leigos, religiosos e religiosas em todas as dimensões da caridade. A história da Igreja das Gálias justifica este processo como um exercício de suplência dos ministérios diaconais pelo *príncipe cristão*. Sempre que este está na Igreja e não acima dela. Todas estas manifestações situam o desaparecimento do diaconato, em grau permanente, por volta do século IX, ou seja, para o Ocidente, na época dos carolíngios. O diácono fica no anonimato sob a figuração da compaixão e na misericórdia para com os pobres.

No Oriente, os diáconos continuam a formar uma ordem permanente de clérigos no final do século IX. No Ocidente, formam-se apenas para as necessidades litúrgicas. «A regra é ordenação *per gradum* pelo menos no Sacro Império. O documento de referência é o Pontifical *Romano-Germânico* composto em Mogúncia por volta de 950».⁷² Contudo, a tradição dos séculos precedentes, nos *Ordines Romani*, mantém-se sem rutura. Não obstante estas alterações, os diáconos como todas as ordens a partir do subdiaconado, ficam submetidos às alterações dos Concílios de Latrão I (1123), cân. 7, e de Latrão II (1139), cân. 6. Estes concílios privam do seu cargo os clérigos que, a partir do subdiaconado inclusive, se casem. «Latrão II, can.7 decide que a dar-se o casamento será nulo».⁷³ Também um pontifical bávaro da primeira metade do século IX, ignora o serviço das diaconisas.⁷⁴ Teodoro Balsamon no final do século XII faz a sua exegese sob um pressuposto do cân. 15 afirmando que naquele momento já não se ordenam diaconisas, ainda que se chame de “diaconisas” àquelas mulheres que fazem parte das comunidades de ascetas.

Na Alta Idade Média (séculos VII-X), por influência de Pseudo Dionísio Areopagita determina-se alteração hierárquica: cada um participa da «*potestas*» imediatamente superior. O diácono tem por modelo os anjos e os Sete diáconos em Atos 6, 1-6. No século VIII, Carlos Magno foi coroado imperador do Ocidente, em Roma, pelo Papa Leão III. Com este acontecimento histórico, a Igreja abre portas para um novo modelo de associação dos cristãos denominado “Igreja de cristandade”. A sociedade congrega-se à volta da paróquia que tem o pároco como seu pastor. Este por sua vez promove a unidade, reúne os fiéis, celebra a liturgia,

⁷² Comissão Teológica Internacional, «*O Diácono Evolução e Perspetivas*», 46.

⁷³ Comissão Teológica Internacional, «*O Diácono Evolução e Perspetivas*», 47.

⁷⁴ Cf. Comissão Teológica Internacional, «*O Diácono Evolução e Perspetivas*», 48.

administra os sacramentos; rodeado de uma sociedade homogénea onde os cristãos são em sua maioria praticantes. A Igreja, em parte, apresenta-se ao serviço da sociedade. O cristão, de forma institucionalizada, encontra o seu lugar na Igreja Ocidental.⁷⁵

O «*cursus*» clerical *per gradum* conduziu ao entendimento crescente de que as funções presbiterais tivessem tendência para absorver as funções inferiores. O que fez com que o diaconado, como ministério permanente, perdesse a sua visibilidade eclesial e, como tal, a sua razão de ser. A isto acrescem as novas condições de acesso às funções *per gradum* que também contribuíram para que o diaconado, como ministério permanente, reduzisse a sua presença. «O desaparecimento do diaconato como ordem estável deveu-se, em grande parte, a certos abusos e excessos dos diáconos que por lidar com funções administrativas não só de governança, mas também por terem saído, de entre eles, muitos bispos e papas, às vezes, queriam colocar-se no lugar dos padres».⁷⁶ A partir dos séculos X-XI, o diaconado permanente deixa de existir na Igreja Ocidental.

O diaconado na forma tradicional de desempenhar o ministério na Igreja, fica em sobressalto. Inquietação emergente de convulsões sociais e políticas que afetaram a Igreja como organismo social que também é. Realidade solícita de um olhar protetor do Espírito Santo que aliviasse as dificuldades e revelasse soluções. Durante os três primeiros séculos, os diáconos, mesmo sob o fantasma da perseguição, agiram sob a paixão da configuração fiel ao Senhor Jesus Cristo, ou seja, «ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos.» (Jo 15,13). A liberdade auferida pela Igreja somou a si um efeito de adesão ao cristianismo sem precedentes, de modo que as estruturas existentes sofreram alterações tanto no plano formal como no físico. O diácono pela sua exposição sofreu maior impacto.

1.2.6. O diaconado na perspectiva do Concílio de Trento

Segundo o Concílio de Trento, os diáconos encontram-se diretamente mencionados no Novo Testamento, ainda que se não diga que tenham sido instituídos diretamente por Cristo Salvador. Não obstante, o diácono manifesta-se no próprio Cristo que se fez servo dos servos ao reverter a tradição judaica, em que a tarefa do escravo se bastava em lavar os pés ao seu senhor. Jesus que era Senhor e Rei lava os pés aos discípulos. Daí ser um ministério a exercer

⁷⁵ Cf. Comissão Teológica Internacional, «*O Diácono Evolução e Perspetivas*», 48.

⁷⁶ José Maria Ribas Bracons, «La Renovación del Diaconado», *Ius Canonicum* 9, n. 17: 239, acedido a 11 de janeiro de 2021, <https://dadun.unav.edu/handle/10171/14209>.

«mais dignamente e com maior veneração o ministério de tão santo sacerdócio».⁷⁷ Embora a expressão «diáconos» em grego corresponda à expressão latina «*minister*», ou seja, «ministro», o Concílio de Trento não considerou a mesma sinonímia, mas sim ministros: «Trento quando falou em hierarquia empregou a expressão “ministros”: bispos, presbíteros e ministros»⁷⁸, não cita os diáconos. Embora tenha sido avaliada e encontrada uma razão óbvia.

O Concílio de Trento, 1547, já havia declarado que os sacramentos, se existiam, eram para ser recebidos, além de serem necessários para a salvação. Agora, no final, em 1563, vai exortar os bispos a que restaurem o diaconado, como um ministério estável e permanente, dando-lhe o seu antigo significado o que, porém, não aconteceu. Na verdade, por várias razões, entre as quais não é de esquecer a abundância de clero, não se conseguiu a restauração do diaconado permanente, conforme era desejo veemente do Concílio de Trento.⁷⁹

«Acerca dos “diáconos” nenhuma menção direta ou indireta é feita, torna-se difícil atribuir a este texto de Trento a intenção de estabelecer dogmaticamente a doutrina do caráter para o diaconado».⁸⁰ Todavia, de entre as muitas recomendações deste Concílio Ecuménico, a de maior impacto é aquela que define as competências para o exercício dos ministérios: devem ser exercidos por pessoas constituídas nas respectivas Ordens. Assim a agenda do diaconado, embora fosse incluída para discussão, não reuniu consenso dos Padres Conciliares. Com o Concílio de Trento, a Teologia dos ministérios conheceu alguns avanços, e foi-se estabelecendo e fixando a matéria de cada ordem: a imposição das mãos e a respectiva oração de ordenação.

O diaconado permanente a partir do Concílio de Trento, ficou representado, apenas, pelo diaconado de transição para o sacerdócio, e dissimulado por um crescente número de ordens menores. «No século XVI, quando da 23ª sessão do Concílio de Trento, em 1563, depois de ter lembrado a instituição pelo Senhor do Sacerdócio da Nova Aliança, os Padres conciliares enunciaram estes graus, que eles designaram como “várias ordens diferentes de ministérios (latim, *plures et diversi ministrorum ordines*) ao serviço do sacerdócio (latim, *qui sacerdotio ex officio deservirent*)»:⁸¹ Deste modo o Concílio de Trento limitou-se a sancionar uma estrutura clerical e de cristandade que vinha de séculos atrás. Quanto ao diaconado permanente manteve uma posição inócua resultado de «uma cristandade que se nutria de uma

⁷⁷ Comissão Teológica Internacional, «*O Diácono Evolução e Perspetivas*», 54.

⁷⁸ Araújo, *O Ministério do Diaconado Permanente*, 50.

⁷⁹ Araújo, *Ministério do Diaconado Permanente*, 51.

⁸⁰ Comissão Teológica Internacional, «*O Diácono Evolução e Perspetivas*», 55.

⁸¹ Borrás, *O diaconado sob o risco da sua novidade*, 77.

representação totalizante da realidade – a maior parte dos cidadãos, senão todos, eram cristãos– a dimensão intrinsecamente missionária da Igreja não era vivida senão em relação ao exterior do mundo cristão, nos limites deste, à vista dos infieis, a saber, dos muçulmanos até ao século XVI, depois os índios e outros indivíduos até às últimas colonizações do século XX.»⁸²

1.2.7. A fossilização do diaconado

Fossilização do diaconado porquê? A pergunta suscita-nos dúvidas, pela pertinência das suas figuras, as mutações no decurso da história, as necessidades da missão, e a contemplação dos sinais. O desaparecimento dá-se na representação, na ação dos diáconos e não no seu ministério que permanece na realidade existencial da Igreja; produz a nostalgia marcada por um momento estanque, que manifesta a ideia de algo que foge à nossa perceção, mas que na realidade permanece no espírito sob a ontologia da esperança de uma nova epifania. Que nos resta saber, então? Eis a questão de fundo para uma morfologia sobre o ministério diaconal na Igreja. A Igreja é o símbolo vivo de Jesus Cristo Cabeça e Servo: «O episcopado / presbitério é o símbolo da Cabeça de Cristo que é Cristo o Servo. O diaconato é o significante de Cristo Servo, esse é Cristo, a Cabeça. Cada um traz, à luz o que permanece implícito no outro. Os ministérios adequadamente sacerdotais só têm significado em sua relação com o ministério dos diáconos».⁸³ Esta é a verdade e a beleza da Igreja que se diz em unidade. Estamos, então, a falar de uma realidade que apenas perdeu a sua exterioridade material, mas mantém-se no espírito do Povo de Deus. Continuamos, assim, a nossa reflexão conscientes de que estamos perante um problema estrutural e não pastoral.

Esbateu-se a ação do diaconado e assistiu-se à sua erradicação. Uma erradicação centrada no agente da caridade, presente na realidade espiritual do Povo de Deus pelo batismo na missão de sacerdote, profeta e rei. A realidade diaconal fica à distância de um véu cujo efeito nos separa da realidade, fruto da mutabilidade operada. A realização do Concílio de Trento fracassa no propósito de reapreciar o diaconado na sua especificidade de serviço e sob o ministério do diaconado permanente. A Revolução Francesa ataca a Igreja ao privá-la do carisma carolíngio que se destacava pelo apoio às instituições, na base da subsidiariedade. O *príncipe cristão* desaparece, a Igreja por sua vez, não é mais «apoiada» pelo Estado. A Igreja

⁸² Borrás, *O diaconado sob o risco da sua novidade*, 56-57.

⁸³ Beraudy, «Comité National du Diaconat 1993».

francesa, particularmente atingida, reza a sua tristeza: «chegou, então, o momento em que o Estado quis emancipar-se da tutela da Igreja. Este desenvolvimento foi, em si mesmo, de acordo com o provérbio, o momento de "Devolver a César o que é de César", mas não foi feito sem dor, nem confrontos. A Igreja experimentou o golpe da emancipação como uma amputação».⁸⁴

A realidade diaconal sofre um duro golpe cujo efeito os separa dos pobres, fruto da mutabilidade operada. A realização do Concílio de Trento fica aquém do propósito de reapreciar o diaconado na sua condição de permanente. A Revolução Francesa corta com o carisma carolíngio. O *príncipe cristão* desaparece, a Igreja por sua vez, não é mais apoiada pelo estado. A Igreja francesa, particularmente atingida, reza a sua tristeza. Chegou o momento em que o estado se negou a colaborar com a Igreja. Este acontecimento materializa, em si mesmo, a narrativa de Jesus constante no Evangelho de Mateus: «Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» (Mt 22, 21).

A Igreja como sociedade que é, viveu esse momento de emancipação como uma amputação. Uma dor também espiritual porque perdeu-se o dom da longanimidade de Carlos Magno para com os mais desfavorecidos da sociedade. O *príncipe cristão* não tinha apenas um papel político e militar; assumia também o papel da ternura pelos mais pobres pela dádiva e, neste sentido, chamado a «servir» os pobres. Este serviço era prestado através da ajuda aos «capelães», muitas vezes escolhidos entre os religiosos. Portanto, parece que o destino do diaconado está em função da articulação estabelecida entre Igreja e Estado. Quando esta relação de reciprocidade termina, começa uma nova etapa para a Igreja: o Movimento da Ação Católica é admitido por Leão XIII, para a missão deixada pelo Estado. Será que a política é determinante para a vida da Igreja? Não, o *príncipe cristão* está enquanto ser da Igreja e como filho de Deus.

Deste modo a Igreja retoma o seu carisma primeiro: a caridade, pois, sem caridade não há Igreja. Os religiosos não tinham o monopólio deste serviço, mas os bispos, padres e fiéis assumiram a prática de ajudar os pobres. As guerras mundiais ampliam as situações de mendicidade, os padres são presos, ameaçados, e muitos levados ao extremo do sacrifício pela morte. Os movimentos desdobram-se em apelos à diaconia em sua trilogia: Palavra, litúrgica e

⁸⁴ Hippolyte Simon, «Diacres pour un Diocese, Comité National du Diaconat», 1991, acedido a 16 de agosto de 2021, <https://diaconat.catholique.fr/wp-content/uploads/sites/5/2017/02/Diacres-pour-un-diocese-H.-Simon-1991.pdf>.

amor. João XXIII volta a proferir que não há Igreja sem diáconos. Ministério que a *Gaudium et Spes* antecipa com uma ampla avaliação das carências da sociedade e do Povo de Deus. Assim, a renovação do diaconado permanente adivinha-se como um chamamento de trabalhadores para a vinha do Senhor campo de experimentação da longanimidade em função do bem comum.

1.2.8. Renovação do diaconado permanente

O Concílio Vaticano II dará um novo rosto à Igreja do grego (*Λαος του θεου*) que quer dizer *Povo de Deus*. Uma abertura à humanidade, e ao ministério do diaconado permanente. Uma percepção do mundo humanizante, e, portanto, próxima dos mais desfavorecidos numa dinâmica, da Igreja em saída, como resposta à realidade social do tempo: «nunca o género humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas, e poderio económico; e, no entanto, uma imensa parte dos habitantes da terra é atormentada pela fome e pela miséria, e inúmeros são ainda os analfabetos» (GS, 4). O diaconado permanente, em seu contexto histórico, tem vindo a fazer um caminho de várias mutações e de um modo mais acentuado a partir do Concílio de Trento: «demonstra-o a total irrelevância das ordens menores e maiores até ao Vaticano II, quando os bispos dos países de missão pediram a restauração do diaconado permanente para fazer frente à grave escassez de sacerdotes».⁸⁵

O Concílio Vaticano II foi o lugar teológico para o discernimento sobre o diaconado permanente. Assim, lembramos a presença viva e efetiva do Espírito Santo que iluminou os Padres Conciliares para a restauração do ministério diaconado permanente sob um olhar simétrico à sociedade em si. Uma renovação fruto de um olhar retrospectivo e nostálgico para a Igreja primitiva. «Uma restauração do diaconado que seja verdadeiramente útil às necessidades da Igreja de hoje deve necessariamente recuperar essa riqueza, superando a estranha ação de um exercício puramente litúrgico que parece dominar a atualidade».⁸⁶

A Igreja primitiva é uma janela segura para uma visão ampla sobre o ministério do diaconado permanente em sua trilogia: Palavra, liturgia e caridade. Percepção que depois de materializada, foi levada à apreciação dos Padres Conciliares. Não obstante o perigo de estagnação dos debates, valeu a presença do cardeal Suenens que, sensível à questão do

⁸⁵ Vitali, *El Diaconado*, 24.

⁸⁶ Vitali, *El Diaconado*, 85.

diaconado permanente, pediu um voto indicativo sobre diversas questões, entre as quais, a do restabelecimento do diaconado. «Este voto de preferência teve lugar na data de 29 de outubro de 1963. Revelou 1588 votos favoráveis ao restabelecimento de um diaconado casado sobre um total de 2120 votantes».⁸⁷ De considerar que até 1964 o diaconado era instituído apenas como transição para o presbiterado.

O Concílio Vaticano II propôs a renovação do diaconado permanente não para alternativa ao diaconado de transição, mas numa segunda opção, ajudar ao ministério do bispo como um serviço de amor. «Não em ordem ao sacerdócio, mas ao ministério» (LG, 29). Deste modo, numa segunda votação em 21 de setembro de 1964 para escrutinar a descrição das funções diaconais. Segundo Borrás, nesse escrutínio recolheram-se 2055 votos de um total de 2152 votantes. Nesta votação a admissão de candidatos casados, de idade madura, foi aceite por 1598 votos sobre 2229. Princípio decisor para os Padres Conciliares decidirem o futuro do diaconado permanente.

O Concílio Vaticano II, segundo a venerável tradição da Igreja, definiu o diaconado como «um ministério da liturgia, da Palavra e da caridade». O diácono participa, portanto, de uma forma específica nas três funções de *ensinar, santificar e governar*, que competem aos membros da hierarquia. Ele proclama e comenta a Palavra de Deus, administra o Batismo, a Comunhão e os Sacramentais; anima a comunidade cristã sobretudo no que se refere ao exercício da caridade e à administração dos bens.⁸⁸

O Espírito Santo atua sempre numa perspectiva escatológica e orientada para o Reino de Deus entre os homens, desse modo podemos dizer que o Espírito Santo uniu aquilo que o homem desuniu ao conceder o momento para a renovação do diaconado permanente. O marco da Igreja é trinitário em seu magistério. Afirmava Inácio de Antioquia na carta aos Tralianos: «todos, pois deveis ter respeito pelos diáconos, como imagens de Jesus Cristo, e pelo bispo que é o modelo do Pai, e pelos presbíteros, que são como o senado de Deus e o concílio dos Apóstolos. Sem eles, não pode haver Igreja».⁸⁹ O Concílio abre a possibilidade de restaurar o diaconado, «como um grau próprio e permanente da hierarquia».⁹⁰ Ficava para as Comissões

⁸⁷ Borrás, *O diaconado sob o risco da sua novidade*, 33.

⁸⁸ Congregação para os Bispos, *Diretório para o ministério Pastoral dos Bispos «Apostolorum Successores»*, n. 92, acedido a 17 de dezembro de 2021, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cbishops/documents/rc_con_cbishops_doc_20040222_apostolorum-successores_po.html.

⁸⁹ Inácio de Antioquia *aos Tralianos*, III, PG 5, 677B.

⁹⁰ Vitali, *El Diaconado*, 18.

Episcopais e Igrejas locais a criação de um formato escolar e espiritual onde os critérios e objetivos concomitantes às necessidades da Igreja local pudessem ser estudados.

1.3. Conclusão

No decurso deste capítulo procuramos identificar os fundamentos bíblicos do diaconado na Igreja como uma realidade humana, espiritual e sacramental. Uma realidade possível no amor infinito de Deus à humanidade, em que a gratuidade é a expressão desse amor. Uma realidade que é anterior à própria Igreja: «tu és o meu servo, eu te escolhi e não rejeitei» (Is 41, 9). O fundamento da Igreja é Jesus Cristo sobre o qual se concentram os desígnios de Deus para a humanidade, único mediador da vontade do Pai. Um Jesus que começa por anunciar que vem em missão do Pai que está nos céus. Anuncia que só por Ele poderemos chegar ao Pai. Por fim, entrega-nos o código para esse caminho: «dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais» (Jo 13, 15). Este é o veredicto que dá autoridade ao magistério da Igreja, transmitido aos Apóstolos pela imposição das mãos de Jesus.

Paulo mostra-nos essa realidade no seio das comunidades, «mas o elemento mais vinculativo nas duas citações que, se se referem aos diáconos, está em (Fl 1, 1 e 1Tm 3, 8-13) é o estreito vínculo que o Novo Testamento estabelece com a figura emergente do bispo».⁹¹ Homens e mulheres abraçam o serviço da caridade para ajudar o bispo (cf. At. 6, 3). As diaconisas participam, por uma questão de pudor, no batismo das mulheres ao ungir o corpo antes de o bispo fazer a unção final. A colaboração das mulheres é relevante junto dos Apóstolos: «recomendo-vos irmã Febe, que também é diaconisa na Igreja de Cencréias» (Rm 16, 1). A relação entre bispo e diáconos congrega a pastoral da Igreja como é notável em Filipos: «a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com seus bispos e diáconos» (Fl 1, 1). A diaconia etimologicamente diz-se Igreja que nos convoca à sinodalidade como esforço comum em vista ao Reino de Deus.

Até ao século III, os Apóstolos e os padres pós apostólicos tinham uma relação com os diáconos e diaconisas similar à de Jesus com o Pai. Lucas confessa a sua colaboração com Paulo: «logo que Paulo teve essa visão, procuramos partir para a Macedónia, persuadidos de que Deus nos chamava, para aí anunciar a Boa Nova» (At 16, 10). Manifesta o seu empenho

⁹¹ Vitali, *El Diaconado*, 76.

e interesse pela missão em Jesus Cristo e pelo saber. Exterioriza os dons que fazem dele um vulto da cultura e do conhecimento sobre Jesus. Com os *Atos dos Apóstolos* estabelece um paradigma novo de fazer pastoral, leva-nos a ler os sinais dos tempos, a partir de nós próprios e em função do outro (cf. At 2-3).

Um apostolado inédito na Igreja, em que a unidade na diversidade opera o seu primeiro ensaio em Atos 6, 1-7. A eleição dos Sete abre as portas a uma pastoral eclesiológica marcada pelo testemunho de Estêvão. O mundo percebe esta realidade como uma ameaça, e as perseguições são uma constante. O Espírito Santo ilumina o caminho e anima os primeiros cristãos a fazerem-se testemunhas. Estêvão deixa-se imolar e faz-se mártir.

O século IV é protagonista da paz permitida por Constantino, evento que reconfigurou a sociedade, mas também a Igreja. Movimento espiritual que determina a unidade e a força que é exigida a um povo que caminha vislumbrado pelo convite de Jesus: «aprendei de mim que sou manso e humilde de coração.» (Mt 11,29). A igreja, pela adesão em massa ao cristianismo, é colocada à prova nas suas dinâmicas pastorais mais abrangentes. As igrejas multiplicam-se pelas periferias da cidade. Os presbíteros deixam de ter uma ação passiva junto do bispo, para presidir às novas comunidades. «Com um número tão reduzido de diáconos numa cidade tão grande como Roma, as tarefas administrativas que os diáconos desempenhavam eram consideráveis. A consequência disso foi que as tarefas menos essenciais começaram a ser atribuídas a novos e inferiores membros de uma classe clerical que estava em expansão».⁹²

O poder dos diáconos é subtraído, a administração dos bens passa para a esfera do presbítero, responsável pela paróquia enquadrada numa área geográfica determinada. No século V concretiza-se um modelo de Igreja clerical e conhecido pelo epíteto: Igreja da Cristandade. Um modelo que esvazia a figura do diácono. «No século VI estabeleceram-se definitivamente as premissas de uma passagem da estrutura hierárquica tripartida (bispo-presbítero-diácono) à estrutura clerical das ordens menores e maiores».⁹³ No século VIII, Carlos Magno é denominado o *príncipe cristão* ao assumir a subsídio dos conventos. Os religiosos e religiosas ocultam a figura do diaconado permanente entre os séculos IX e X.

O Concílio de Trento, em finais de 1563, exorta os bispos a restaurarem o diaconado permanente, como um ministério estável, dando-lhe o seu antigo significado, porém, não

⁹² Collins, *Los diáconos y la Iglesia*, 140.

⁹³ Vitali, *El Diaconado*, 106.

aconteceu. No século XVIII a Revolução Francesa priva a Igreja da corporação com o *príncipe cristão*. O movimento da Ação Católica é integrado pelo Papa Leão XIII, no apoio aos pobres e aos trabalhadores. A primeira e segunda guerras causam a morte e fuga de muitos padres. Nasceram movimentos a favor do diaconado.

O Concílio Vaticano II restaura o diaconado e, se o príncipe diácono tinha preenchido o lugar do diácono, o mesmo príncipe o abandona. O diaconado vive flutuações sucessivas, oriundas de políticas, às quais a Igreja não podia subtrair-se pela razão de que, ela e seu corpo, são parte do todo. Portanto, sua conjuntura é sempre afetada pela instabilidade política. Fica, contudo, a riqueza inquestionável dos benefícios do Vaticano II em relação ao Povo de Deus que caminha à luz do Espírito Santo. O Concílio Vaticano II, iluminado pelo Espírito Santo e pela tradição, percebeu o desafio de anunciar a Igreja como Povo de Deus. Um povo de irmãos pronto a curar as feridas de mais perto; consciente de que as chagas de Jesus Cristo estão representadas naqueles que esperam a nossa compaixão.

A Igreja como Povo de Deus encontra-se no mundo, na casa, na terra ou na cidade, onde estão os que mais precisam, os pobres. A realidade do diaconado diz-se na completude do magistério da Igreja na sua trilogia: Palavra, Liturgia e Caridade. Como dizia Inácio de Antioquia, só assim haverá Igreja.

CAPÍTULO 2. REFLEXÃO TEOLÓGICA E ECLESIOLÓGICA

As dimensões teológica e eclesiológica remetem-nos para uma realidade que se diz na precedência do serviço, ou seja, «o Deus vivo agirá em pessoa, na pessoa de Jesus Cristo, para resgatar o povo da “era presente” e lançar a “era por vir”». ⁹⁴ O amor do Pai dá-se ao mundo na pessoa do Filho Jesus. É neste agir de Jesus, como diaconia do Pai, onde reside o fundamento teológico de toda a ação do diaconado. Ora, se Deus vivo age em pessoa, na pessoa de Jesus Cristo, é lógico deduzir que a essência da Igreja, na sua originalidade, tem como fim revelar a vontade do Pai que está nos céus.

Este capítulo tratará da espiritualidade do diácono como centro dinamizador da sua ação pastoral formada segundo as dimensões teológica e eclesiológica. Teológica, porque participa sacramentalmente da ordem, como o sacramento do caráter, e por isso torna o diácono partícipe na apostolicidade da Palavra, da liturgia e do amor pela caridade. A dimensão eclesiológica faz o seu acontecer pela via do Espírito Santo, no fazer-se de uma nova criação, gerada pela Palavra e pelos sacramentos. Operada pela evangelização do Povo de Deus e das comunidades em particular. Ação onde o diácono tem uma presença mais efetiva é na família, na comunidade e seus eventos.

Todavia, a pastoral do diácono é uma pastoral de escuta, acompanhamento e disponibilidade, não só para fazer chegar às pessoas os bens de que carecem, mas também ajudá-las a chegar onde não podem por seus meios. A diaconia da Palavra deve ser um resumo da vida espiritual do diácono tanto na exegese da Sagrada Escritura, como de uma vida de resposta ao chamamento do pelo Espírito Santo. Espírito de Deus que nos convida todos os dias para uma ação concreta em função dos irmãos.

Tenhamos a convicção profunda de que Jesus nasce todos os dias, em nós, através das pessoas que se cruzam conosco no caminho da vida: «porque tive fome e deste-me de comer, tive sede e deste-me de beber» (Mt 25, 35)

2.1. A natureza do ministério

Prefigurados em Jesus Cristo pelo Batismo, ficamos, em potência, ordenados para o objeto da nossa fé: «Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais» (Jo

⁹⁴ Nicholas Thomas Wright, *São Paulo* (Alfragide: Publicações D. Quixote, 2019), 176.

13, 15). Aqui reside a razão do crescimento espiritual: que se faz em comunidade e numa vivência de compaixão e isenta de juízo. Referimo-nos concretamente a uma espiritualidade do serviço, característica peculiar do diaconado, mas movida por uma identidade teológica. Identidade fundada em Jesus Cristo modelo primeiro e único da diaconia do Pai. Damos particular relevância à espiritualidade da família, do trabalho, da comunidade e da pastoral eclesial. Categorias que se desenvolvem na oração ao senhor e na relação com o próximo. Eixos que nos ligam à totalidade e completam a ação do diácono na sua pastoral diária em ordem a Deus e aos irmãos.

Mesmo quando nos sentimos de mãos vazias, devemos saber que pelo menos, podemos dar aos outros essas mãos vazias para o acolher. Disponibilizarmo-nos para receber o outro é uma forma de dar». Uma forma de avaliar a nossa fragilidade é procurarmos crescer espiritualmente numa vivência de compaixão e isenta de juízo. Referimo-nos concretamente a uma espiritualidade de serviço, característica peculiar do diaconado permanente, mas movida por uma identidade teológica

2.1.1. A encarnação, mistério anunciado e mediado por Maria

O profeta opera a sua diaconia: «Eis que a virgem conceberá e dará à luz um Filho; e não de chamá-lo Emanuel, que quer dizer Deus conosco» (Mt 1, 23). Maria fiel ao Senhor escuta a voz do espírito; medita e, com toda a segurança, responde: «Eis a serva do Senhor faça-se em mim segundo a tua Palavra» (Lc 1, 38).

Nestes três personagens encerra-se toda a ação de Deus no amor ao mundo. Profeta, Maria e Jesus; expoentes máximos da mediação entre Deus Pai e a humanidade. A diaconia revelava-se na sua máxima expressão. Maria é o verdadeiro modelo de diaconia, onde todo o seu ser se doa sem reservas ao seu Filho. Um Filho que irá dar a conhecer não só o Pai, mas também a sua onipotência pelo afeto: «Então Jesus começou a chorar» (Jo 11, 35). O seu poder revela-se no amor paternal àqueles que o escutam e seguem pela ternura na oferta de salvação: «Filha tem confiança, a tua fé te salvou» (Mt 9, 22). A sua glória está na nossa liberdade, representada na cura do paralítico e por isso ordena «levanta-te, toma o teu catre e vai para tua casa» (Mt 9, 6).

No percurso pela Galileia ensina e proclama o Evangelho, «Boa Nova» que move uma grande multidão que Jesus não só acolhe como exalta para a paz de espírito: «Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do céu» (Mt 5, 3). Jesus a todos quantos O seguiam chamou-os de felizes porque guardaram a Sua Palavra no coração e sem medo o seguiram.

A missão de Cristo é, primeiramente, o facto de que Ele é *enviado* pelo Pai, habitado pelo Espírito. Segundo este movimento de Deus para nós, Cristo, Verbo de Deus, assume a nossa humanidade prometida na aliança para fazer voltar ao Pai e a transformar pelo Espírito, de maneira que ela participe plenamente na comunhão que lhe foi oferecida. Na encarnação do Verbo, que assume a nossa condição humana, esta encontra-se divinizada, vivendo a comunhão do amor trinitário.⁹⁵

Aprendemos, deste modo, que o afeto, a escuta, a tolerância na relação com o outro, traduzem-se em felicidade e cativam os corações. Elementos que enfatizam o caminho da fé, na perspectiva de uma nova encarnação que se perpetuará no Reino de Deus, ao fazermos como Ele fez. Jesus assume a figuração humana enquanto configurado no Pai pela sua divindade. Um Deus que arvora o humano para que o humano se configure em Jesus Cristo pelo batismo.

Jesus faz-se, assim, o diácono por excelência do Pai, obedeceu e fez a vontade do Pai até ao limite da Cruz. Sua doação final dá-se no alto da cruz ao transfigurar-se no Pai exortando-nos ao amor: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. (Jo 15, 12-17). Deste modo, só pela proteção de Maria e o espírito de seu Filho Jesus, o diácono pode encarnar a sua missão pelo dom do Espírito Santo.

2.1.2. O Ministério diaconal

O Novo Testamento alicerça-se fundamentalmente no ministério da diaconia tanto na dimensão do magistério como do serviço. O serviço de um modo particular concentrado nos diáconos que são ordenados em ordem ao ministério e não ao sacerdócio. «Aos diáconos impõe-se-lhes as mãos *non ad sacerdotium, sed ad ministerium*» (At 6, 6).

O novo testamento, sempre que seus textos se estudam com imparcialidade, remetem-nos para conclusões que são fundamentais, de modo a fundamentar em Jesus Cristo, o ministério sacerdotal, ou seja, o sacramento da ordem. Reduzidas a simples proposições, e ditas deste modo:

⁹⁵ Borrás, *O diácono sob o risco da sua novidade*, 143-44.

- 1° Jesus Cristo, mediante a chamada e a missão, instituiu os Doze.
- 2° Para que cumprissem a missão de enviados, conferiu-lhes o poder por meio do Espírito Santo.
- 3° Em virtude da missão e do poder recebidos, os Apóstolos são ministros e dispensadores dos ministérios de Deus.
- 4° Num processo de desenvolvimento histórico os Apóstolos admitiram colaboradores na sua missão.
- 5° Estes colaboradores, que em princípio não tiveram um nome determinado, apareceram posteriormente com os títulos de bispos, presbíteros e diáconos.
- 6° Os bispos-presbíteros presidem às comunidades de forma colegial e os diáconos consideram-se como colaboradores daqueles.⁹⁶

A ação sacramental do ministério diaconal, grau instituído pela imposição das mãos do bispo, desenvolve-se em três dimensões: Palavra, liturgia e caridade, o seu ministério é essencialmente para o serviço. Pela ordenação sacramental *in persona Christi* está ordenado para uma ação eclesial e sacramental, ou seja, uma implica a outra; as duas dizem a totalidade em Jesus Cristo. O episcopado com o seu presbitério é o símbolo de Cristo Cabeça que é Cristo Servo. O diaconado é o significante de Cristo Servo, esse é Cristo, a Cabeça. Cada um traz à luz o que permanece implícito no outro.

Neste contexto, a chave para ler as três ordens em unidade foi o duplo registo da ordenação *ad sacerdotium* dos presbíteros e *ad ministerium* dos diáconos, unificando na figura do bispo que tem «o sumo sacerdócio, a súpula do sagrado ministério», como princípio de unidade da sua Igreja. Deste modo não só se pode pensar o diaconado como uma ordem estável na Igreja, como o presbiterado, mas que também se abre o caminho para identificar o espaço para o exercício do seu ministério, afirmando que os diáconos estão «dedicados aos ofícios da caridade e da administração». É um espaço que pode entender-se em toda riqueza de suas possíveis articulações ao referi-lo ao bispo: o diácono é propriamente uma ordem sagrada *ad ministerium Episcopi*, que se exerce no seio da Igreja local, em favor do rebanho que o bispo deve cuidar.⁹⁷

O diácono fará dentro de suas competências aquilo que for determinado pelo seu bispo ou pelo pároco na Igreja local. A colegialidade é importante no magistério; é a âncora para a unanimidade e comunhão eclesial. Objetivo final de uma Igreja que se diz apostólica. Assumimos, assim, o paralelismo com a Igreja primitiva. Os Apóstolos são instituídos por

⁹⁶ Arnau, *Orden y Ministerios*, 61.

⁹⁷ Vitali, *El Diaconado*, 172.

Jesus Cristo em número de Doze, pela imposição das mãos, sinal de força e permanência do Espírito Santo neles. Ordenados para o ministério, e confrontados com a crise das mesas, fazem como Jesus fez: conferem à assembleia a faculdade de escolher Sete, entre eles.

A comunidade delibera por sua conta e risco os seus serviços aos homens que irão escolher e fazem de acordo com os costumes herdados de Jesus Cristo, reúnem-se e oram em conjunto depois, impõem as mãos sobre os Sete, símbolo da doação do Espírito Santo que instrui e ilumina o ato de proclamar o Evangelho, de ensinar e de comunicar a compaixão de Jesus aos irmãos.

Hoje, como na Igreja antiga, é de facto, pelo exercício desta tripla diaconia que os diáconos ajudam, pela sua parte, à salvaguarda e à promoção da identidade apostólica — e por este facto, evangélica — da Igreja local. Sem serem pastores (latim, *pastores*), presidindo à Igreja e à sua Eucaristia, os diáconos são, no entanto, chamados, consagrados e enviados para «[fazer] apascentar» (latim, *pascere*) o Povo de Deus, isto é, para o conduzir, *ad pascendum populum Dei*.⁹⁸

Esta perícope introduz-nos num paralelismo entre a tradição apostólica e a tensão permanente da pastoral diaconal. Uma tensão natural exercida pela força do dever e a permanente revelação de solicitude daqueles que santamente esperam a misericórdia da comunidade. Uma tensão que só uma vida vivida sacramentalmente é capaz de gerir.

2.1.3. Sacramentalidade do diácono

A sacramentalidade do diácono advém do âmbito da confirmação numa vida cristã em relação com as dinâmicas eclesiais, seus ministérios e modo de participação na comunidade. Uma vida plasmada na comunidade ao exercer o dom recebido de Deus, no sentido da evangelização, alicerçada nas Escrituras e nos sacramentos. «Face à reflexão sistemática corrobora-se a pertença do diaconado ao sacramento da ordem».⁹⁹ Pelo sacramento da ordem, o batizado é marcado pelo sinal indelével para toda a sua vida, de modo irreversível – um dom irreversível que capacita o diácono para o anúncio do Evangelho segundo competência do seu ministério na missão da Igreja. Um contributo que enaltece a realidade concreta da comunidade cristã, onde se faz a eleição do cristão para o ministério diaconal como nos referem os *Atos dos Apóstolos*: «escolha-se de entre a assembleia, homens de boa reputação,

⁹⁸ Borras, *O diaconado sob o risco da sua novidade*, 178.

⁹⁹ Hauke, «O Diaconado» em *Dicionário de Ecclesologia*, 294.

cheio do espírito e de sabedoria» (At 6, 3). Um serviço partícipe da apostolicidade, e hipostasiado em Jesus Cristo recetáculo da plenitude do ministério diaconal.

É no bispo que está a plenitude do ministério de Jesus Cristo pela ação do Espírito Santo e na plenitude de toda a diaconia. Por isso, o ministério ordenado e centrado no bispo é transmitido, pela imposição das mãos e pela ação do Espírito Santo, ao diácono e na dependência do bispo, ou seja, *ad ministerium episcopi*, e no caso do presbítero em ordem ao sacerdócio, *ad sacerdotium*. O sacramento da ordem imprime o caráter ministerial para o qual é proposto o candidato ao diaconado permanente. Um ministério que diferencia a ação do diácono junto dos fiéis leigos. Estes distinguem-se pela sua idoneidade e pelo convite da Igreja: «Os leigos, que forem julgados idóneos, têm capacidade para que os sagrados pastores lhes confiem os ofícios eclesiais e outros cargos que podem desempenhar segundo as prescrições do direito» (CIC, cân. 228, §1) enquanto o presbítero age *in persona Christi Capitis*. «O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, embora se diferenciam essencialmente, e não apenas em grau, completam-se mutuamente um ao outro, pois um e outro participam, a seu modo, do sacerdócio de Cristo» (LG, 10).

Nos Actos dos Apóstolos (At 6, 1-6), fala-se de sete «ministros» para o serviço das mesas. Embora não resulte claramente do texto que se tratava de uma ordenação sacramental de diáconos, uma antiga tradição interpretou o episódio como sendo o primeiro testemunho da instituição diaconal. No final do século I e início do II, o lugar do diácono já está bem estabelecido, pelo menos em algumas Igrejas, como grau da hierarquia ministerial de modo particular é importante o testemunho de santo Inácio de Antioquia, segundo o qual a comunidade cristã vive sob a autoridade de um bispo, rodeado de presbíteros e de diáconos; «há uma só Eucaristia, uma só carne do Senhor, um só cálice, um só altar, assim como há um só bispo, com um colégio de presbíteros e diáconos, companheiros de serviço».¹⁰⁰

A unidade de espírito configurada em Jesus Cristo constitui o sacramento da ordem que não só distingue, mas também une e responsabiliza o ordenado. O sacramento da ordem é de instituição divina, pela unidade nos seus diferentes graus. O fundamento do sacerdócio é a condução do Povo de Deus. A este compromisso assumido na gratuidade, marcado pela força do espírito, a Igreja atribui-lhe o caráter sacramental. Um caráter recebido pela graça do Espírito Santo. O sacramento da ordem marcado com o selo indelével do Espírito Santo configura em Jesus Cristo Servo que se fez sacerdote e diácono. «O caráter sacramental é,

¹⁰⁰ João Paulo II, *Audiência Geral*, «O diaconado, na comunhão ministerial e hierárquica da Igreja», acedido no dia 16 de fevereiro de 2022. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1993/documents/hf_jp-ii_aud_19931006.html.

pois, o rito externo no qual é invocada a Santíssima Trindade; trata-se por outros termos, da expressão visível e audível da “fé da Igreja”».

No que concerne à ordem, o caráter indelével consiste no acolhimento do ordenado na *ordo* do ministério, a *ordinatio* que é o rito externo que produz este efeito». ¹⁰¹ Pelo acolhimento da ordem o ordenado assume a partir daí um conjunto de direitos e deveres pastorais em relação à igreja e à comunidade.

O Direito Canônico indica que «§1. As ordens são o episcopado, o presbiterado e o diaconado; §2. Conferem-se pela imposição das mãos e pela oração consecratória, que os livros litúrgicos prescrevem para cada grau» (*CIC*, 1009). No caso específico do diácono, numa ligação afetiva e espiritual com o seu bispo e na sua diaconia, quer dentro da Eucaristia, acolitando, quer no serviço como característica principal do ministério do bispo. «Mediante o sacramento da ordem, por instituição divina, alguns de entre os fiéis, pelo caráter indelével com que se assinalam, são constituídos ministros sagrados, isto é, são consagrados e deputados para que, segundo o grau de cada um, apascentem o povo de Deus, desempenhando na pessoa de Cristo Cabeça as funções de ensinar, santificar e reger» (*CIC*, 1008).

O diácono, como partícipe do ministério, procede de acordo com as instruções do seu bispo pois «tudo aquilo que o bispo tiver aprovado, será agradável a Deus, de modo que tudo o que se fizer, será válido e eficaz». ¹⁰² O caráter passará do rito ao efeito deste, que se diz no ministério diaconal e correspondente a uma ordem de terceiro grau com o seu ministério associado que lhe é atribuído pelo bispo. «Na missão da graça do sumo sacerdote, participam também de modo peculiar os ministros de ordem inferior, e sobretudo os diáconos; servindo nos ministérios de Cristo e da Igreja, devem conservar-se puros de todo o vício, agradar a Deus, atender a toda a espécie de boas obras diante dos homens» (*LG*, 41).

A diversidade de ministérios numa comunidade, e na Igreja local, entende-se como o conjunto de serviços que a comunidade na sua existência espiritual e existencial é chamada a constituir no seu ser e fazer. «Já não se trata, pois, de pensar e de viver a Igreja em função dos ministérios! Isso é verdade, em primeiro lugar, para o episcopado, mas é igualmente verdadeiro para o presbiterado e para o diaconado». ¹⁰³ A Eucaristia é o centro por excelência de toda a ação da Igreja em que as diferentes ordens têm necessidade de uma consagração

¹⁰¹ Borras, *O diaconado sob o risco da sua novidade*, 129-30.

¹⁰² Inácio de Antioquia, *Carta aos Esmirniotas*, VIII, PG 5, 714B.

¹⁰³ Borras, *O diaconado sob o risco da sua novidade*, 176.

sacramental consoante o tipo de poder em relação à Eucaristia. Os presbíteros recebem, pela ordenação, o poder de consagrar, enquanto os diáconos recebem um poder de servir os sacerdotes na administração dos sacramentos.

2.1.4. O caráter diaconal

«O Vaticano II não menciona o caráter sacramental do diácono. Pelo contrário, o Motu Próprio *Sacrum Diaconatus Ordinem* (1967) já fala do caráter “indelével” do diaconado». ¹⁰⁴ Também o *Catecismo da Igreja Católica* prescreve que «os diáconos participam de modo especial na missão e na graça de Cristo. O sacramento da ordem marca-os com um selo («caráter») que ninguém pode fazer desaparecer e que os configura com Cristo, que se fez «diácono», isto é, o servo de todos» (CCE, 1570). O caráter diaconal configura o diácono ao modo de ser de Jesus e da Igreja como realidade sacramental. Todavia, fruto de uma preparação sistemática e manifesta pela mutabilidade comportamental e espiritual.

O diácono deve deixar-se transformar e adequar ao modo de ser em Jesus Cristo e à respetiva identidade com o espírito da Igreja. Deste modo o caráter diaconal é uma síntese da vida batismal, eucarística e sacramental. O caráter impresso é indissociável do sinal indelével, que jamais desaparecerá da vida, porque permeia a tensão entre a realidade e a irreversibilidade de um presente em sentido escatológico da esperança prometida. Poderíamos afirmar que o caráter diaconal é o presente; presente no passado, uma realidade constitutiva do nosso ser em Jesus Cristo e na Igreja.

Uma realidade que justifica o martírio e o testemunho numa mística transcendental: «quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas quem perder a sua vida por minha causa há de encontrá-la» (Mt. 16, 25). A sacramentalidade do diácono, que defendemos atrás, pelo disposto no Catecismo da Igreja Católica deve ser afirmada sem desvios. Ela conduz à questão do caráter. Ora, esta questão inscreve-se em estrita associação com os sacramentos enquanto gestos que exprimem a fidelidade de Jesus, pelo Espírito Santo à sua aliança de graça doada pela redenção da humanidade na Cruz. «Contudo os sacramentos foram primeiro praticados, antes de serem objeto de teorização». ¹⁰⁵

¹⁰⁴ Borrás, «Perspectiva Actual de la teología del Diaconado», *Selecciones de Teología*, n.187: 209, Acedido a 13 de janeiro de 2021, https://seleccionesdeteologia.net/selecciones/llib/vol47/187/187_borras.pdf.

¹⁰⁵ Borrás, *O diaconado sob o risco da sua novidade*, 125.

Por isso, foi a práxis da Igreja e a correspondente resposta dos cristãos à vida dos sacramentos que levaram os teólogos e o magistério da Igreja a esclarecer, de modo reflexivo, os efeitos da graça dos sacramentos quanto à sua temporalidade. Como resposta a este período de reflexão e revelação divina, a tradição teológica ocidental anexa à receção do sacramento da ordem este efeito, que é o carácter do ordenado pela participação na missão de Jesus Cristo, na sua tripla função: profética, sacerdotal e real. «O carácter passa, pois, do *rito* que situa, ao efeito, ou seja, à pertença a uma ordem».¹⁰⁶

2.2. Ecclesologia do ministério

O diaconado permanente é constitutivo da vida sacramental da Igreja enquanto representação sacramental de Cristo Servo. O ministério do diaconado permanente percebe-se em contexto de fé. Justifica-se no caminho e na história da Igreja de modo efetivo. O diácono é chamado pela ação do Espírito Santo e faz-se resposta pelo sacramento da Ordem. O seu *status* é marcado pelo carácter sacramental, distinto do presbítero, pelo alcance espiritual do ministério em sua trilogia: Palavra liturgia e caridade. Um ministério que se desenvolve no seio da comunidade e na configuração cristológica de servo dos servos. Ação a desenvolver junto da sociedade do silêncio e escondida na pobreza e na marginalização em simbiose com a Igreja pobre junto dos pobres.

2.2.1. Modelo de Comunhão

A ecclesologia diz-se numa ontologia da comunhão expressa pela assembleia criada e alimentada na Palavra de Jesus Cristo: «a Igreja, simultaneamente “agrupamento visível e comunidade espiritual”, caminha juntamente com toda a humanidade, participa da mesma sorte terrena do mundo e é como que o fermento e a alma da sociedade humana, a qual deve ser renovada em Cristo e transformada em família de Deus.» (GS, 372). Uma definição polissémica, como esta, explica a Igreja emergente da diaconia de Jesus como servo dos servos, mas também o Senhor dos céus e da terra. Todavia, é este o verdadeiro carácter espiritual de Jesus: fazer com que a humanidade se deixe transfigurar à sua imagem e semelhança. Uma humanidade de homens e mulheres aos quais é imputada a consciência da

¹⁰⁶ Borrás, *O diaconado sob o risco da sua novidade*, 130.

unidade no amor paternal de Deus Pai. Jesus Cristo, no amor e no sofrimento afirma-se como o cordeiro que tira os pecados do mundo. Uma prerrogativa que nos elevou à divindade daquele que se dispôs a assumir e experimentar a nossa humanidade. Filho e Irmão, fez-se servo e testemunha pelo sacrifício na cruz de tão nobre afirmação de obediência e identidade trinitária.

À Igreja é-lhe dada responsabilidade de completar aquilo que Ele iniciou, participando da sua espiritualidade, ou seja, «dei-vos um exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais» (Jo 13, 15). Por isso, «a Igreja não é apenas povo, mas é povo de Deus, não é apenas comunhão, mas participação da própria comunhão trinitária divina».¹⁰⁷ A Igreja está incumbida de ensinar tudo aquilo que o Senhor disse e fez em função da salvação do mundo. Uma salvação que acontecerá no devir eclesiológico e no sentido escatológico da realização do Reino de Deus. Um Reino onde todos participam, pelo batismo, para um sacerdócio comum. Um devir imerso numa espiritualidade eclesiológica que se realiza no ensinar, pregar e santificar. Uma trilogia confiada ao bispo por sucessão dos Apóstolos como Cristo Cabeça, e servo, e aos diáconos como Cristo Servo que também é cabeça. Uma unidade eclesiológica que só pode ser compreendida, em termos de comunhão e sinodalidade condizentes com o Povo de Deus que se afirma na sua unidade ontológica.

A eclesiologia consiste na manifestação de Jesus Cristo na história, pela tradição, nas suas três prerrogativas: atender ao que Deus quer de nós, ao que Deus deseja de nós e, acima de tudo, ao que Ele não quer de nós. A eclesiologia encerra todo o hemisfério onde se multiplicam as liberdades em Cristo. Faz-se viva a realidade do Reino de Deus que Jesus instituiu. Assume-se a missão, junto dos homens, à qual Jesus exortou como meio de encontro com o Pai. Um Pai que se diz no amor e que o Filho exorta a seguir: «amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 15, 12), objetivo último de Deus para o Homem.

2.2.2. Dimensão eclesiológica

O diácono, de um modo estrito, é convocado a participar pelo ministério sacerdotal e ministerial, na ação evangélica da Igreja, em suas três diaconias: Palavra, Liturgia e Caridade. Jesus deixou bem expresso o seu cunho peripatético, de mestre, quando elegia a participação

¹⁰⁷ Henrique Noronha Galvão, *Deus Trindade, Comunidade, Ministérios*, em *Igreja e Ministérios*, Semana de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa: Rei dos Livros, s.d.), 12.

dos discípulos na práxis apostólica: «Dai-lhes vós de comer» (Mt 14, 16) O milagre era sempre precedido de um encontro com o Pai, pela oração. Diz o texto que o Senhor Jesus «ergueu os olhos ao céu e pronunciou a bênção; partiu, depois, os pães e deu-os aos discípulos, e estes distribuíram-nos pela multidão» (Mt 14, 19). responderam: «não temos aqui senão cinco pães e dois peixes» (Mt 14, 17). Jesus em sua divindade não precisava dos cinco pães nem dos dois peixes, pois tudo lhe pertence. Todavia, era importante a colaboração humana para que a sua ação fosse sublimada, ou seja, se manifestasse à inteligência humana.

Uma ação complementada pelos discípulos, mas importante pela participação, que só termina pela saciação da multidão. Jesus tornou imprescindível a ação do humano para que se concretizasse a sua vontade, ou seja, Deus espera e conta com o homem para manifestar a sua glória. Assim, de entre a assembleia que o seguia, ele escolhe os “Doze” que serão *a priori* os seus primeiros *diaconoi*, ou seja, responsáveis por continuarem o trabalho do primeiro e único *diáconos* Jesus Cristo mediador do Pai. Jesus não dispensa o espírito mobilizador do humano na realização dos seus desígnios. Jesus faz-se companheiro, amigo e irmão do homem. Dirá um dia: «Porque tive fome e deste-me de comer, tive sede e deste-me de beber, era peregrino e recolheste-me, estive na prisão e foste ter comigo» (Mt 25, 35-36).

Esta é a Igreja de Jesus, a Igreja dos pobres, pela qual Ele solícitamente cuida e dota de dons. Dons diversos para que, na diversidade, ninguém fique excluído e, assim, possamos usar de misericórdia para com os irmãos. Uma misericórdia samaritana, sob um olhar compassivo e amoroso; um olhar solícito em que a emoção produz o movimento, um movimento de alma que aproxima. Uma aproximação que ativa a vulnerabilidade e a ação própria dos sentimentos. Sentimentos que se exprimem pela compaixão no toque, pela ternura no trato e pela benignidade no acompanhamento, como relações do amor de Deus pelos homens.

O Concílio Vaticano II descreve a Igreja, na tentativa de determinar sua relação específica com a atuação salvífica de Deus para o mundo, com a palavra explícita *sacramentum* (dez vezes: *LG*, 1.9.48.59; *SC*, 5.26; *GS*, 42.45; *AG*, 1.5; cf. a expressão similar: «auxílio geral- *auxilium generale*- de salvação» *UR*, 3): Jesus Cristo, «ao ressuscitar de entre os mortos (cf. Rm 6, 9), comunicou o seu espírito vivificante, por meio do qual constituiu seu corpo, que é a Igreja, como sacramento universal de salvação» (*LG*, 48).¹⁰⁸

¹⁰⁸ Salvador Pié-Ninot, *Eclesiología: La Sacramentalidad de la Comunidad Cristiana* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2009), 175.

Um sacramento que se diz no pão sobre a patena e na apresentação do cálice com o vinho, elementos pelos quais se confere o «poder» de apresentar o sacrifício pelos vivos e pelos mortos como ato principal e central da celebração do sacramento. Um sacramento que encerra em si mesmo a plenitude de Jesus Cristo: vida, morte e ressurreição. N'Ele o diácono configura o serviço que também é Cristo Cabeça. Na Igreja, Sacramento de Cristo, todos nós pertencemos à multidão que respondeu ao chamamento e se deixou envolver no mistério que assiste à Igreja. Uma multidão que segue seus bispos, símbolos vivos dos Doze Apóstolos, ouve seus ensinamentos e deixa-se santificar pela receção aos sacramentos. Deste modo, os bispos hoje, na sua condição de autênticos discípulos constituem uma função profética, no plano de Deus, para o mundo em sinodalidade com o Papa Francisco.

O diácono na sua condição «*ad ministerium episcopi*» deve ser, como dizia Inácio de Antioquia: os olhos, os pés e as mãos do bispo de modo a exercer em plenitude o seu ministério que é instituído em função da comunidade e suas necessidades pastorais. É reconhecido que não obstante a condição de frágeis e vulneráveis, «em todo o caso, lá somos chamados a ser pessoas-cântaro para dar de beber aos outros. Às vezes o cântaro transforma-se numa pesada cruz, mas foi precisamente na cruz que o Senhor, trespassado, se nos entregou como fonte de água-viva. Não deixemos que nos roubem a esperança!» (EG, 86).

A esperança é a consolação daqueles que acreditam no senhor Jesus que diz: «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância».(Jo 10, 11). Fora deste contexto, pelo contrário, estamos perante um paradoxo existencial, ou seja, estamos presentes de corpo, mas distantes pelo espírito. Só estabelecidos na harmonia eclesiológica e na comunhão, podemos afirmar-nos participantes dos dons de uns, e de outros. Uma família animada pela vida gerada no espírito e determinante na realidade do Reino de Deus.

A autoridade do ministério não se compreende, assim, como se fosse «uma posse individual do ministro», mas ela é sempre «uma autoridade com encargo do serviço na comunidade e para a comunidade». Por isso, o exercício da autoridade do ministério deve incluir a participação de toda a comunidade. Isso vale também para a nomeação dos ministros ordenados.¹⁰⁹

Os diáconos fazem parte da comunidade, são conhecidos por ela, e mantêm relações com ela. Pela relação e comunhão fazem-se multiplicar na fé, pelo acompanhamento

¹⁰⁹ José Eduardo Borges de Pinho, *O Ministério Ordenado no Diálogo Ecuménico*, em *Igreja e Ministérios*, Semana de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa: Rei dos Livros, s.d.), 151.

produzem o efeito estético, ou seja, a esteira da humanidade no caminho da amorização para Cristo.

2.2.3. Ministério na Liturgia Eucarística

A centralidade do altar abre o nosso espírito à presença real de Jesus Cristo e, por isso, ao sacramento da ordem na sua plenitude, ou seja, na unidade espiritual em Jesus Cristo. Assim, o bispo e o presbítero representam Cristo Cabeça e Servo, enquanto os diáconos são constituídos pela ordenação, como sinal vivo de Cristo-Servo, e enviados às comunidades, numa atitude de plena comunhão com o bispo e com o presbitério atraída pelo amor de Deus.

A eclesiologia do diácono é a manifestação real do exercício do seu ministério na comunidade no cuidado aos pobres manifesto na sua ação caritativa e pastoral. É também a representação simbólica de uma vida em comunhão com o seu bispo, quando da entrega da patena com o pão ao celebrante pelo diácono. Ali se exprime o movimento solidário de toda uma comunidade de amor e de comunhão com os mais desfavorecidos, ou seja, a comunidade está ali representada na sua totalidade sem que ninguém fique excluído. «Deste modo os diáconos significam e realizam a dependência de todos, relativamente à única oblação de Cristo servidor do Pai, ao mesmo tempo, que serve o mundo dando-se a ele».¹¹⁰ Uma eclesiologia da comunhão e do serviço, movida pela força do Espírito Santo, que nos dá a conhecer, ao espírito, a dor e urgência dos mais pobres. «A caridade social leva-nos a amar o bem comum e a buscar efetivamente o bem de todas as pessoas, consideradas não só individualmente, mas também na dimensão social que as une».¹¹¹

A Eucaristia em si é este ato de louvor ao Senhor pela dádiva levada ao extremo. Este fazer-se, pelo modo de estar e sentir a Eucaristia, prolonga-se na vida das pessoas: «Ide em paz e o Senhor vos acompanhe», ou seja, levai convosco a onnipotência do amor de Jesus Cristo, continuai a graça da misericórdia, celebrada aqui, durante a Eucaristia. «A Eucaristia, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prémio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos» (*EG*, 47). A Eucaristia encarna o ato mais sublime, jamais vivido pela humanidade, pois é o próprio Jesus Cristo imolado em favor de todos nós; é a plenitude da caridade pelo amor à humanidade. Um amor que exigiu o excesso

¹¹⁰ Borrás, *O diaconado sob o risco da sua novidade*, 164.

¹¹¹ Conselho Pontifício Justiça e Paz, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (São João do Estoril, Cascais: Principia, 2005), 144.

de si, ou seja, o excesso de amor de alguém por outrem. Por isso, «há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissociável entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!» (EG, 48). Porque só tocando a pobreza dos outros encontraremos a nossa.

O «tocar o outro» ensina-nos que para amar bastam-nos as mãos vazias para abraçar. A Eucaristia é fonte e cume da vida cristã. Na Eucaristia, atingimos o auge da ação santificadora de Deus em nós. Contemplemos o momento da epiclese em que se pede a descida do Espírito Santo sobre as oferendas do pão e do vinho, assim como da comunidade. Desenvolve-se num diálogo que nos envolve também quando respondemos em uníssono «anunciamos Senhor a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição, vinde Senhor Jesus», momento este, em que se aclama o tesouro espiritual da Igreja: a comunidade unida a Cristo, nossa Páscoa. «O diácono recebe o sacramento da ordem para servir na qualidade de ministro na santificação da comunidade cristã, em comunhão hierárquica com o bispo e com os presbíteros».¹¹²

2.2.4. Pneumatologia

Pensar acerca da pneumatologia significa reviver uma experiência desenvolvida, no silêncio e na oração, em que o Espírito Santo renova a vida e ilumina, com sua luz, o nosso espírito eclesiológico na comunidade e no trabalho. Uma presença, sem a qual este capítulo não seria possível. Uma certeza experienciada no espírito subsiste em nós e com maior convicção, quando percebemos que é por Ele que recebemos a bênção do Pai em Cristo. Se em termos de diaconia, admiramos a afirmação de Inácio de Antioquia quando exorta ao diaconado contrapondo: que sem bispo presbíteros e diáconos não há Igreja, também com maior certeza, podemos afirmar que sem o Espírito Santo não teríamos Igreja. Esta sucessão de certezas sobre o Espírito Santo exige de nós um maior desenvolvimento para consolidar esta fé que é tão querida e constitutiva da Igreja.

Começámos a falar da encarnação, acontecimento que nos dá a conhecer Maria e o Filho Jesus, um acontecimento desvendado e anunciado pelo Espírito Santo a Maria na pessoa do Anjo Gabriel. Segue-se o batismo do Senhor Jesus, no qual o Espírito Santo anuncia a sua identidade: «Tu és o meu filho muito amado, em ti pus todo o meu agrado» (Mc 1, 11). Aqui o Espírito Santo revela-nos a constituição da Santíssima Trindade que mais tarde Jesus nos

¹¹² Congregação para a Educação Católica para o Clero, *Directório do Ministério da Vida dos Diáconos Permanentes*, n. 28 (Lisboa: Inst. Miss. Filhas de S. Paulo, 1898), 87.

confirma ao afirmar: «desci do Céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou» (Jo 6, 38). A humanidade vivia uma realidade há muito anunciada pelos profetas. Jesus é o protagonista da Boa Nova. Um Jesus que não se cansa de dizer aos seus discípulos, que quando partisse para o Pai lhes enviaria o seu Espírito. Contudo, sabendo da fragilidade humana, mas também de que era constituída, Jesus foi mais longe e garantiu-lhes: «Eu estarei convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20). Uma garantia reiterada e manifestada no Pentecostes pelo Espírito Santo de que jamais nos abandonará. Do mesmo modo e, na intimidade do silêncio e da oração, aponta o dedo na direção daqueles que mais precisam da nossa presença, aqueles que estão mais longe e mais escondidos do palco das solicitações. O espírito sopra em todas as direções, mais propriamente, naqueles em que Jesus nasce todos os dias para se encontrarem connosco.

O Espírito Santo anima-nos na Palavra, no conselho e na esperança junto daqueles que nos procuram. É pródigo no amor com aqueles que o desejam, pois Ele atende, escuta e move-se no sentido daqueles que o invocam. O Espírito Santo é o advogado da Igreja, mas também seu administrador aproxima-se daqueles que o sondam. «O Espírito disse a Filipe: “vai e acompanha aquele carro.» (Act 9, 29). Movidos pelo Espírito Santo ganhamos consciência de que nos movemos pela compaixão e pela misericórdia através do impulso invisível que anima o nosso intelecto na direção daqueles que mais precisam de nós como revelação do Espírito Santo.

2.3. A vida do diácono na comunidade

O diácono é o resultado da experiência humana, cristológica e pneumatológica auferidas no quotidiano com as diferentes faixas etárias e sociais. Experiências que vão às realidades marginais, às quais outros ministros ordenados não conseguem chegar. O diácono vive ministerialmente o mistério kenótico do verbo, como ministro da encarnação de Cristo servo. Uma kenose que acontece no momento de esvaziamento quando da entrega descomprometida na missão orientada para a descrucifixão do que sofre pelo isolamento, pela fome e pela injustiça: nas ruas, nos lares nas nossas comunidades, no emprego e na discriminação social. A vida e a espiritualidade do diácono na comunidade está marcada pela

comunhão hierárquica com o bispo e presbíteros. De modo a colaborar de forma orgânica, na pastoral da Igreja.

2.3.1. Ministério diaconal e a vida matrimonial

O diácono pelo matrimônio participa, de um modo mais pleno, do amor de Cristo recebido no batismo, ou seja, prefigurado para o ministério comum do sacerdócio de Cristo profeta e rei. «O autêntico amor conjugal é assumido no amor divino, e dirigido e enriquecido pela força redentora de Cristo e pela ação salvadora da Igreja, para que assim, os esposos caminhem eficazmente para Deus e sejam ajudados e fortalecidos na sua missão sublime de pai e de mãe» (GS, 380).

A espiritualidade do homem casado é uma espiritualidade refletida na família, na comunidade e na sociedade. Um homem que se propõe ao ministério do diaconado deve ter um caminho feito na dimensão vocacional,¹¹³ ou seja, uma resposta incondicional ao chamamento que lhe é feito em vista à totalidade do seu ser. Um caminho no sentido da transcendência no amor pelo outro. Amar é promover o bem do outro e cultivar a lógica do perdão. Uma categoria que consiste em corrigir os momentos de desamor, de falta de humanidade. Uma verdadeira ascese quanto à renúncia inerente ao caminho de aprendizagem sobre a tolerância e a real consciência de que o outro é uma réplica de mim e, portanto, remete-me a uma posição de respeito integral por ele.

Promover o bem do outro é descrucificar, e coloca-nos no caminho de Deus que se faz um querer emanado das virtudes que vêm da Cruz e voltam para a Cruz. Deixar-se amar é o caminho da redenção de todo o ser humano. É abrir as janelas do coração para uma redenção operada pela transcendência recíproca de quem partilha o mesmo ideal cristão e de vida. «O casamento é uma realidade inteiramente humana que, assumida pelos batizados, se tornou sacramental naquilo mesmo que ela significa, ao mesmo tempo que ela realiza – e vice-versa – o ministério da aliança de Deus com a humanidade, de Cristo com a Igreja».¹¹⁴

¹¹³ «A vocação é o movimento interior do Espírito Santo no qual o ser humano pressente ou percebe um apelo de Cristo. Frequentemente, o indivíduo será sensível a este apelo pela mediação de outras pessoas que o ajudarão a escutar. Como apelo interior, a vocação supõe uma disponibilidade radical à vontade de Deus que não pode ser discernida senão em Igreja». Borras, *O diaconado sob o risco da sua novidade*, 201.

¹¹⁴ Borras, *O diaconado sob o Risco da sua novidade*. 214.

A humanidade de Cristo na Igreja dá-se pelo amor que gera a conversão das multidões e a sua conseqüente divinização; o grande acontecimento pascal de Cristo em nós: «Cristo diviniza a nossa atividade humana humanizante».¹¹⁵ O que queremos que Cristo divinize, se nós não humanizarmos nada? Nós, por nós mesmos, precisamos sempre de um espelho, ou seja, construir a nossa identidade. Um caminho que envolve sempre a presença do outro, suportada por duas escolhas determinantes: altruísta ou egoísta, na consolação ou desolação, no amor ou desamor. O diácono, inteirado desta verdade, deve assumir o seu risco de poder ser objeto do mimetismo social e pastoral ao correr o risco de ser observado como fonte de inspiração cristã.

O amor faz-nos aproximar de Deus porque é divino e conseqüentemente partícipe do ser de Deus. «O autêntico amor conjugal, diz o Vaticano II, é assumido no amor divino e é regido e enriquecido pelo poder redentor de Cristo, e pela ação salvífica da Igreja» (GS, 48b). A ação do diácono está em perceber a identidade amorosa, e trabalhar afincadamente na humanização para que de um modo mais sereno e pleno, ajude os outros no sentido de uma divinização amorosa, partilhada e vivida na fé.

A dupla sacramentalidade - matrimônio e ordem - abre ao diácono permanente a possibilidade de assumir com autoridade de causa uma diversidade de serviços, pois a família e a comunidade eclesial lhe são conferidas como campos naturais de atuação. Em decorrência disso, ele pode exercer de modo novo as atividades de evangelização ligadas à preparação dos noivos, aconselhamento familiar e acompanhamento de casais de segunda união.¹¹⁶

Os casais abençoados por esta graça tornam-se o sal das comunidades cristãs, porque estão enriquecidos por uma experiência de reciprocidade no amor, nas alegrias, nas tristezas, mas também de transcendência nas dificuldades. Por outro lado, são resilientes na dor e nos processos psíquicos aliados às metamorfoses da vida existencial, mas também espiritual. Os casais constituídos no campo destas experiências são casais dotados de graça e que inspiram confiança às comunidades: «significam e realizam ao mesmo tempo o mistério da aliança que os constitui “no coração do mundo”».¹¹⁷

O diaconado permanente ancorado em homens casados, na sua generalidade, tem uma força herdada pela graça do batismo e orientada para a diaconia pelo matrimônio, ou seja, ser

¹¹⁵ François Varillon, *Alegria de Crer e de Viver* (Braga: Apostolado da Oração, 2013), 80.

¹¹⁶ Bendinelli, *Diaconia da Palavra*, 151.

¹¹⁷ Borras, *O diaconado sob o Risco da sua Novidade*, 215-16.

sacerdote, profeta e rei. O diácono fortalecido pelo matrimónio, irrigado pelo *ágape*, amor divino. Mostra-nos a realidade de uma Igreja samaritana: animada pela sede do conhecimento de Jesus e disposta a anunciá-lo a partir do momento que o reconhece como fonte de água viva. Fortificada n'Ele e conduzida por Ele evangeliza a Samaria. Jesus pede que nos configuremos ao seu amor contagiante, na relação com a comunidade e mais necessitados; amando incondicionalmente como Ele amou, ao fazer ressoar a sua Palavra.

Através do ministério que lhes é confiado e das tarefas que lhes são atribuídas, os diáconos fazem ressoar a Palavra de Deus que convoca a humanidade para a aliança e a convidando-a a entrar na superabundância do dom. Na pastoral ordinária ou nos postos avançados da missão, os diáconos lançam continuamente esta palavra de aliança, porque a Igreja é um horizonte a ultrapassar sem cessar, visto que Deus convoca todos os seres humanos para a aliança.¹¹⁸

O sacramento da ordem é uma investidura para agir ao serviço da graça, *in nomine Christi*. É um sacramento para a Igreja e ao serviço da fé apostólica, numa missão que se chama: serviço à humanidade. É um sacramento que situa o diácono na amplitude da graça sacramental e eclesial vinda de Jesus: «Eu estou no meio de vós como aquele que serve» (Lc 22, 27). Uma garantia recorrente em Jesus que nos permite afirmar o dom do amor que não se deixa aprisionar, pois a sua liberdade diz-se na felicidade do outro «também o amor entre os cônjuges se baseia na capacidade de aceitar o outro como ele é».¹¹⁹ Assim, saberemos afirmar que Jesus é *ágape* de modo a torná-lo vivo no coração de cada um.

Se a sua ordenação foi para o serviço de uma diocese, as grandes ações e preocupações eclesiais são também campo concreto a que podem ser chamados, desde o sector evangelizador e catequético, ao litúrgico, à ação social e à animação de pequenas comunidades. Parece-me que o ponto de referência deve ser o ponto testemunhal de Jesus Cristo Servidor, ou de «*servir à maneira de Cristo*» e também a dimensão missionária exigida pela natureza do ministério.¹²⁰

Com a bipolarização sacramental, matrimónio e diaconado, nasce uma experiência nova e dotada de uma capacidade única de compreender e ser compreendido no mundo das relações humanas e eclesiais. Uma experiência e conhecimento essencial que podem ser objeto de atenção e convocatória dos diáconos como modelos pastorais.

¹¹⁸ Borrás, *O diaconado sob o risco da sua novidade*, 166.

¹¹⁹ Tomás Halík, *O Tempo das Igrejas Vazias* (Prior Velho: Inst. Miss. Filhas de S. Paulo, 2021), 113.

¹²⁰ António B. Marcelino, *Presente e Perspetivas do Diaconado Permanente*, em *Igreja e Ministérios*, Semana de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa: Rei dos Livros, s.d.), 207.

2.3.2. Espiritualidade do diácono

A espiritualidade do diácono é a representação de uma vida marcada pela experiência humana e religiosa que o configuram na fé, no conhecimento das Escrituras e na tradição dos costumes conforme a lei da Santa Igreja. A espiritualidade acontece no encontro, na relação, no afeto e nos sentimentos: vínculos de união e comunhão na família, na comunidade e na Igreja. A espiritualidade dá-se no ser em si mesmo, e reflete-se no seu modo de estar junto do Povo de Deus. Realiza, deste modo, a misteriosa unidade humana vivida no amor e revelada na gratuidade como dom de si aos outros.

Em todos nós existe um número de relações e amizades, potenciadas pela tensão natural, de proximidade, de conhecimento e de união fraterna. Categorias misteriosas que operam o milagre do encontro. Se interrogarmos alguém sobre o seu primeiro momento em que despertou para o relacionamento, jamais obteremos, com precisão, uma resposta. A dimensão relacional tem uma precedência ontológica, como dom de si, que é a origem primordial do nosso ser. Por isso entendemos que a espiritualidade do diácono merece uma reflexão prévia, que nos antecipe uma harmonização espiritual: «se vivemos no espírito, sigamos também o espírito» (Gl 5, 25).

A espiritualidade pode ter representações diversas e geradas por uma estética da vida que nos foge aos sentidos. O espírito diaconal desenvolve-se na relação com Jesus, pela priorização da sua companhia na vida, marcada pela assiduidade à oração: «Senhor se quiseres podes curar-me» (Lc 5, 12-16). Pela ascese na privação de costumes e desejos que mancham a amorização em ordem à vontade Deus. A amorização acontece na proximidade, no diálogo, na transcendência do mundanismo. Exercício que nos aproxima da fonte da divinização e processo que leva à harmonia do Reino de Deus.

Há uma relação muito estreita entre o seguimento do Senhor e o conhecimento que d'Ele temos. Conhecemo-lo inicialmente com *certa conaturalidade*, pela presença do Espírito Santo que move o nosso «coração inquieto» por encontrar o seu descanso. Mas é o seguimento que – ao longo do caminho – nos abre mais o seu coração, o seu mistério.¹²¹

A espiritualidade cristã emerge da experiência de fé pessoal e eclesial fundada em Jesus Cristo e permanente em nós pela ação do Espírito Santo. Refletir a espiritualidade do

¹²¹ Jorge Mario Bergoglio, *Só Nele a Esperança* (Braga: Apostolado da Oração, 2006), 73.

diácono permite-nos percebê-lo no respirar o ar de quem sonha criar um mundo novo. A Norma de 1998 acerca da espiritualidade dos diáconos diz o seguinte:

É evidente que tal espiritualidade se deve integrar harmonicamente, em cada um, com a espiritualidade ligada ao estado de vida. Pelo que a mesma espiritualidade diaconal adquirirá conotações diversas conforme for vivida por um diácono casado, viúvo ou celibatário, por um religioso ou por um consagrado no mundo. O itinerário da formação deverá ter em conta estas modulações diversas e oferecer, segundo os tipos de candidatos, percursos espirituais diferenciados.¹²²

Aqui está o essencial para se ter uma pastoral diaconal que nasce e se realiza na felicidade do chamamento que lhe é feito pelo Senhor Jesus. A espiritualidade do diácono é uma espiritualidade fundada na antropologia cristã, vivida e inspirada na doutrina da Igreja, de modo que o referencial antropológico funde o espiritual. Uma espiritualidade fundada no conhecimento das Escrituras e que se deixa maturar pelo fazer-se estético, acolitado pela percepção, pela emoção e manifestada nos sentimentos. Todo este acontecer se funde no olhar contemplativo do mundo que nos rodeia, sob uma visão cristã. Mundo onde o altar da redenção se lê na cruz.

A espiritualidade dá-se na apreensão do sentido da vida que acontece gradativamente, ser-no-mundo e suas possibilidades existenciais; trabalha a sua síntese, ou seja, o homem é ele e as suas circunstâncias. Uma espiritualidade afetiva que permite a abertura do coração aos irmãos e irmãs que procuram pela Palavra e pela escuta o abraço de amor puro e genuíno na gratuidade. Uma espiritualidade que se dá na transcendência em ordem ao outro, pois só na pobreza dos irmãos poderemos encontrar a nossa. Um reconhecimento que permeia as partes, não deixa ninguém de fora. Uma espiritualidade que se dá no mundo que nos circunda e que interfere na nossa formação humana e cristã, cultural e afetiva. Um «fazer-se» amoroso que orienta o nosso espírito para o caminho da configuração a Jesus Cristo. «Amar é querer depender: amo-te, seguir-te-ei até ao fim do mundo quero depender de ti».¹²³

O amor configura para a gratuidade, para a solidariedade nas dores e nas feridas do irmão. Assumindo, por isso, parte da sua cruz como ideal de vida. Um propósito que se diz no chamamento para o qual orientamos as nossas forças e as nossas energias. Forças que se dizem na harmonia espiritual entre o humano e o divino, ou seja, numa lógica de: «Se alguém

¹²² Congregação para a Educação Católica para o Clero, «Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes», n. 12, acedido a 17 de dezembro de 2021, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/clergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19980331_directorium-diaconi_po.html.

¹²³ Varillon, *Alegria de Crer e de Viver*, 60.

fala, diga palavras de Deus; se alguém exerce um ministério faça-o como um mandato recebido de Deus» (1Pe 4, 10-11). O ministério diaconal, e seu dom espiritual, é transmitido pela imposição das mãos do bispo representante de Cristo. A espiritualidade do diácono é uma espiritualidade de ação, dinâmica e criativa é uma espiritualidade eclesiológica. «Assim o ministério eclesiástico, instituído por Deus, é exercido em ordens diversas por aqueles que desde a antiguidade são chamados bispos, presbíteros e diáconos» (LG, 28).

Uma analogia referenciada nas normas para a formação de 1988, para os diáconos permanentes: «a espiritualidade do serviço é uma espiritualidade de toda a Igreja, enquanto toda a Igreja, à imagem de Maria, é a “serva do Senhor”» (Lc 1, 28) a quem suplica pela humanidade e pela paz no mundo. Precisamente, para que toda a Igreja possa viver melhor esta espiritualidade de serviço é que o Senhor lhe dá um sinal vivo e pessoal do seu próprio ser de servo. Por isso, de um modo específico, ela é a espiritualidade do diácono.¹²⁴ Assim, toda a ação espiritual do diácono deve concentrar-se na reconciliação, na paz, numa objetividade que anule a fome e reduza o sofrimento da humanidade, ou seja, do Povo de Deus.

A realização da pessoa humana, atuada em Cristo graças ao dom do Espírito, matura na história e é mediada pelas relações da pessoa com as outras pessoas, relações que, por sua vez, alcançam a sua perfeição graças ao empenho por melhorar o mundo, na justiça e na paz. O agir humano na história é de per si significativo e eficaz para a instauração definitiva do Reino, ainda que este continue a ser dom de Deus, plenamente transcendente. Tal agir, quando respeitoso da ordem objetiva da realidade temporal e iluminado pela verdade e pela caridade, torna-se instrumento para uma atuação sempre mais plena e integral da justiça e da paz e antecipa no presente o Reino prometido.¹²⁵

Perante este subsídio espiritual, como meio orientador da nossa vida para Deus, cultivamos os dons do Espírito Santo aprendendo a morrer para o que é desagradável a Deus, e olhar para a humanidade, que é conduzida por Jesus: «Eu sou o caminho a verdade e a vida» (Jo 14, 16). A objetividade de Deus consiste em que sejamos santos como Ele é santo. A minha subjetividade estará no modo concreto como eu dialogo com Deus, orando a Deus. Uma subjetividade emergente das relações interpessoais no seio da Igreja e na práxis existencial. Pregava Jesus aos fariseus: «como vos é possível acreditar, se andais à procura da glória uns dos outros, e não procurais a glória que vem de Deus único?» (Jo 5, 44). Uma

¹²⁴ Cf. Congregação para a Educação Católica para o Clero, «Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes», n. 11.

¹²⁵ Conselho Pontifício Justiça e Paz, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 53.

glória que se encontra no caminho da renúncia, da abnegação e mortificação frente aos vícios, mas também na indiferença frente à exclusão. Renúncia que convoca a trabalhar a socialização pela inculturação, através de uma dinâmica diaconal que pela mortificação de si mesmo, contribua para a descrucifixação dos abatidos pelo insucesso.

Há contingências diversas que fecham os horizontes da esperança e do sentido de vida: «sempre que limitamos a vida a um presente não aberto ao futuro, encerramo-la na tristeza, na banalidade, no desalento».¹²⁶ Percebemos, deste modo, que o diácono, em todo o seu exercício de diaconia, deve manter o seu espírito aberto à voz de Deus. Uma voz que fala no tempo certamente, de muitos modos e muitas maneiras, é nesta diversidade de manifestações que nos é pedido a nossa atenção e a nossa disponibilidade: «Fala Senhor que o teu servo escuta!» (Sm 3, 10). Uma disponibilidade que acompanhe as metamorfoses espirituais que se realizam no tempo, nos costumes, na cultura e na sociedade. Transformações que requerem dos agentes pastorais novas dinâmicas no anúncio da Escritura, de modo a afirmar a doçura do amor de Deus em Jesus Cristo. Que opções tomo na comunidade em relação ao irmão? Como articulo as minhas relações com o mundo sendo que o restante da criação esteja inseparavelmente ligada a mim?

A preocupação primeira do diácono está em providenciar o bem-estar dos mais necessitados, convicto de que não o faz em prol da sua salvação, mas para salvar os outros, como Jesus fez. É necessário fazer prática da humanização, como esteira da divinização. É neste compromisso de vida com os outros, que a caridade é chamada a rainha das virtudes. Pois, «Deus é caridade e quem permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nele» (Jo 4, 16). Os diáconos testemunham, no exercício das suas tarefas, que a caridade cristã resulta do dom de Cristo aos seres humanos que Ele ama; ela decorre da sua diaconia (cf. Mc 10, 45). «Este amor de Cristo por nós, da parte do Pai, transfigura os nossos amores, a nossa solidariedade com os irmãos e irmãs amados de Deus. Os diáconos atestam esta diaconia divina na diaconia de Cristo».¹²⁷ É pelo dedo do Espírito Santo que Deus nos aponta o caminho e nos apresenta os irmãos que esperam pela nossa ajuda; peçamos a intercessão do Espírito Santo.

¹²⁶ Carlo Maria Martini, *Caminhos laicais* (Lisboa: Inst. Miss. Filhas de S. Paulo, 1995), 15.

¹²⁷ Borras, *O diaconado sob o risco da sua novidade*, 69.

2.3.3. O Ministério do diácono pela Palavra

O ministério da Palavra é o ministério de excelência na história da Igreja em Jesus Cristo, transmitida aos Apóstolos, e manifestada por Estevão, um dos Sete, feito mártir pelo anúncio da Palavra. «Os diáconos têm a faculdade de pregar em qualquer lugar, a competência de servir o povo de Deus no ministério da Palavra, em comunhão com o bispo e o presbitério e, na Liturgia, podem fazer a homilia, expondo os mistérios da fé e as normas da vida cristã ao longo do ano litúrgico, a partir do texto sagrado» (*CIC*, cân. 764, 757 e 767). Estevão começa a escrever a história do diaconado pelo testemunho vivo da mensagem do Senhor Jesus Cristo.

A Palavra é fogo que incendeia os corações, pela mensagem em si, como comunicação da vontade do Pai: «Ide e anunciai a Boa Nova» (Mc 16, 15-20). A Palavra é o dicionário de bolso do diácono, na relação com o outro, na catequese, na animação litúrgica, na rua e no encontro de café. A Palavra tem o poder da multiplicação, quando carrega com ela, o peso da novidade junto dos amigos e por força do anúncio. É geradora de esperança quando aponta para o bem e para a felicidade encontrada em Jesus Cristo de uma firmeza propositiva: «Vinde e Vereis» (Jo 1, 38), multiplicando assim os gestos de amor, de ternura e de acolhimento. Do mesmo modo, o diácono configurado em Cristo Jesus se torna fonte segura de amor.

Os diáconos, para além da sua participação nos programas diocesanos e paroquiais de catequese, evangelização, preparação para os sacramentos, transmitam a Palavra no seu âmbito profissional, quer mediante a palavra explícita, quer só com presença ativa nos lugares onde se forma a opinião pública ou onde se aplicam as normas éticas (como os serviços sociais a favor dos direitos da família e da vida).¹²⁸

O diácono habita os lugares misteriosos da relação, ou seja, de abrir ou fechar o coração ao próximo, acolher é desposar-se de si mesmo é abdicar de parte da sua vida para estar e participar na construção da vida dos outros consoante os dons recebidos pelo Espírito Santo: «assim como eu fiz, fazei vós também» (Jo 13, 15-17). A Palavra realiza as maravilhas de Deus em nós, ou seja, são justamente as palavras que pertencem à natureza do rito, ao ponto de ser exigida para que a ação seja válida: «Enviai sobre eles, Senhor, nós vos pedimos,

¹²⁸ Congregação para a Educação Católica para o Clero, *Directório do Ministério da Vida dos Diáconos Permanentes*, n. 26, 85-86.

o Espírito Santo, que os fortaleça com os sete dons da vossa graça, a fim de exercerem com fidelidade o (seu) ministério».¹²⁹

Santo Ambrósio, no séc. IV, ao comentar a multiplicação dos pães, fez questão de relacionar a imagem do pão servido por Jesus à Palavra de Deus: «Esse pão que Jesus parte é, segundo o mistério, a Palavra de Deus e o discurso sobre Cristo. Quando esse pão é distribuído, ele se multiplica ... Jesus deu suas palavras como pão».¹³⁰ Quando conscientes da nossa vulnerabilidade e alimentados pelo espírito de fé em Jesus, a Palavra é generosa e humilde, afirmamos a nossa fortaleza, na dependência responsável e consciente em Deus, ao professarmos: «Senhor, eu não sou digno de que entres debaixo do meu teto; mas diz uma só palavra e o meu servo será curado» (Mt 8, 8). Ver e sentir a companhia do Senhor Jesus, como o Senhor da verdade e da solução que procuramos. Somos herdeiros da Palavra, mas também arautos. Sem estes predicados, não há evangelização. A Palavra é mediadora de Deus na terra pela voz do Espírito Santo. A Palavra, anunciada e vivida pela fé, faz-se mediadora da conversão.

2.3.4. O ministério da Caridade

O ministério da caridade diz-se em Senhor Jesus Cristo fundamento que o Papa Bento XVI quis deixar explícito na Encíclica *Deus Caritas est* «Deus é amor». A caridade é a diaconia de Jesus Cristo, e analogicamente de toda a Igreja que é Sacramento de Cristo. Por isso o diácono se diz na diaconia de Jesus Cristo Cabeça e Servo: «o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos» (Mt 20, 28). O diácono em seu ministério configura Jesus Cristo Servo que se diz no serviço.

Os diáconos vão assim partilhar a solicitude de Cristo pelos seus irmãos e irmãs em humanidade. Ora, este amor de Cristo para nós, da parte do Pai, transfigura os nossos amores, a nossa solidariedade com os outros, a nossa ajuda mútua àqueles que estão em necessidade. Todo o ser humano se torna, assim, um irmão ou uma irmã, amado/a de Deus. O serviço dos seres humanos é, portanto, inseparável do serviço de Deus. Os diáconos vão traduzir esta diaconia da caridade ao nível do quotidiano, onde a Igreja os envia.¹³¹

¹²⁹ Conferência Episcopal Portuguesa, *Pontifical Romano*, n. 187, «Ordenação do Bispo dos Presbíteros e dos Diáconos», acedido a 9 de dezembro de 2021, <https://www.liturgia.pt/pontificais/Ordenacoes.pdf>.

¹³⁰ Ambrósio de Milão, *Exposição sobre o Evangelho de Lucas*, VI, 86, PL 15, 1691C.

¹³¹ Borras, *O diaconado sob o risco da sua novidade*, 188.

Deste modo se vão construindo novos mundos. Mundos de amor, de fraternidade, de partilha solidária que se manifesta nos lugares misteriosos da vida. Lugares habitados pela fé inabalável em Jesus Cristo e na sua permanência no meio de nós. «Permaneço em mim e permanecerei em vós» (Jo 15, 4). É nesta comunhão espiritual que nos movemos na direção dos irmãos que precisam de nós, mas que também nos leva a descobrir a pobreza nas suas mais diversas circunstâncias e realidades. Pobrezas que apenas precisam das nossas mãos livres para abraçar, dos nossos ouvidos para ouvir e algumas vezes das nossas palavras para confortar; deste modo, a caridade está na migração e nos refugiados que aguardam, a todo o momento, por mediação; seja na língua, seja na orientação, para a primeira habitação, trabalho e instituições de ordem social e identitária.

A caridade não tem língua, nem povo, é a expressão do amor incondicional. «Assim, pela qualidade evangélica do exercício das suas tarefas - do cuidar dos pobres à administração do património eclesial, passando pelas múltiplas realizações da solidariedade eclesial como excluídos e marginais de todo o género -, os diáconos encorajam os seus irmãos e irmãs na fé a tomar o Evangelho a sério».¹³² Como resposta de fidelidade e compromisso à missão que nos foi entregue, justificação da nossa existência na amorização em sentido escatológico e logoterapêutico do homem em Deus. «A função caritativa dos diáconos “comporta também um oportuno serviço da administração dos bens e das obras de caridade da Igreja. Os diáconos têm neste campo a função de exercer, em nome da hierarquia, os deveres da caridade e da administração, bem como os trabalhos de serviço social”».¹³³

2.4. Conclusão

A reflexão teológica e eclesiológica que acabámos de fazer insere-nos num espaço a que podemos chamar mistério e ministério que o diácono exerce dentro da esfera apostólica e eclesial. «O ministério eclesial, de instituição divina, é exercido em diversas ordens por aqueles que, já desde o princípio, vinham a chamar-se bispos, presbíteros e diáconos» (LG, 28).

¹³² Borrás, *O diácono sob o risco da sua novidade*, 189.

¹³³ Congregação para a Educação Católica para o Clero, «*Directório do Ministério e da Vida dos Diáconos Permanentes*» n. 38, acedido a 12 de janeiro de 2022, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19980331_directorium-diaconi_po.html.

O diácono, manifestação de Jesus Cristo Servo, é ordenado sacramentalmente pela ação do Espírito Santo, luz e vida da Igreja, recebido pela imposição das mãos do seu bispo, e em ordem a este. Dito de outra forma, o ministério do diácono é uma extensão do ministério do seu bispo na lógica do serviço. Por esta razão o diácono é chamado a ser uma testemunha coerente do Evangelho, encarnado na vida, de modo a atualizar permanentemente as palavras que o bispo lhe transmitiu na ordenação: «crê no que lês, ensina o que crês e vive o que ensinas».¹³⁴ Assim se justifica que seja, apenas, o seu bispo a impor as mãos, e não os presbíteros, como acontece na ordenação dos presbíteros.

O mistério, em si mesmo, é transversal a toda a humanidade, é a essência da Igreja e invocado de um modo muito especial na oração que acompanha a preparação do cálice quando invocamos que: «pelo mistério desta água e deste vinho possamos participar da divindade do vosso Filho que se dignou assumir a nossa humanidade»¹³⁵, mistério que se diz na nossa vida de fé, na proclamação da Palavra em todo o tempo e de modo a persuadir e a exortar, com coragem e sabedoria, o Povo de Deus.

Para que a Igreja, sacramento de Cristo, seja dignamente apresentada aos nossos irmãos, é necessário que os diáconos manifestem a sua identidade sacramental pelo caráter impresso pelo sacramento da ordem. Que a diaconia do amor se revele na dedicação aos que mais precisam, e que a Eucaristia seja o epicentro da ação, onde bebamos da sabedoria vinda da união fraterna no amor de Jesus Cristo. Um amor que se manifesta, realmente, no meio de nós pelo sacramento da Eucaristia..

¹³⁴ Conferência Episcopal Portuguesa, *Pontifical Romano*, 201, «Ordenação do Bispo dos Presbíteros e Diáconos», acedido a 15 de fevereiro de 2022, <https://www.liturgia.pt/pontificais/Ordenacoes.pdf>.

¹³⁵ Conferência Episcopal Portuguesa, *Missal Romano*, 1970 (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1992), 450.

CAPÍTULO 3. PROPOSTA DE RENOVAÇÃO DO DIACONADO PERMANENTE DESENHADA A PARTIR DA SITUAÇÃO DA IGREJA EM BRAGA

Esta proposta foi desenhada a partir da situação atual da Igreja de Braga tendo em conta as experiências de várias Igrejas locais, portuguesas e estrangeiras, estudadas através de uma análise comparativa. Conhecimento que nos permitirá ousar apresentar uma proposta de renovação do diaconado permanente para a Igreja em Braga. Condição que requer mergulhemos em três realidades distintas: primeiro a realidade escondida pelo devir do tempo e em contexto histórico da Arquidiocese de Braga. Período entre os anos 1106 a 1277, tempo em que S. Geraldo foi bispo da Igreja em Braga, e do qual o diaconado permanente guarda boas memórias.

O Concílio Vaticano II, instrumento para a conversão eclesial e renovação do diaconado permanente. Desenhou três documentos base: *Dei Verbum*, *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*, as três estruturas fundamentais para a vida da Igreja. A *Dei Verbum* aborda a relação entre as Sagradas Escrituras e a Tradição. A Constituição dogmática *Lumen Gentium*, no capítulo II, obedece a uma certa hierarquização das verdades: «não se salva, porém, embora incorporado à Igreja, quem não persevera na caridade: permanecendo na Igreja pelo “corpo”, não está nela “com coração”» (LG, 14).

A mesma constituição, no dia 24 de novembro de 1964, restabelece o diaconado permanente na Igreja Latina: «em grau inferior da hierarquia estão os diáconos, aos quais foram impostas as mãos “não em ordem ao sacerdócio, mas ao ministério”, pois que, fortalecidos com a graça sacramental, servem o Povo de Deus em união com o bispo e o seu presbitério, no ministério da Liturgia, da Palavra e da Caridade» (LG, 29). Uma graça para a Igreja e uma bênção para o Povo de Deus, assim proclamado por este Concílio.

As estruturas da Igreja para o diaconado permanente na perspectiva *Ad Extra* podem aferir-se na *Gaudium et Spes*: «a arquitetura da *Gaudium et Spes* repousa sobre este procedimento “hermenêutico”, que liga inseparavelmente a exposição doutrinal sobre o homem e o mundo (1ª parte)».¹³⁶ Uma abordagem histórica e contingente da humanidade que

¹³⁶ Philippe Bacq e Christoph Theobald, *Uma nova Oportunidade para o Evangelho* (Águeda: Paulinas, 2013), 70-71.

situa a Igreja numa relação simétrica com a sociedade. Relação que justifica a presença do diaconado permanente como graça e bênção.

A mais de cinquenta anos do Concílio Vaticano II, olhamos o diaconado permanente como uma realidade num vasto número de dioceses, com certa relevância nos países ocidentais, inclusive na Igreja em Portugal. Motivação suficiente para o investigarmos nesta dissertação, tendo em conta o impacto pastoral do modelo de Igreja determinado pelos Padres Conciliares e desenhada na Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual e de um modo especial para com os mais desfavorecidos no sentido de chegar aos mais distantes.

Uma realidade social transversal a todas as gerações como realçou Jesus: «pobres, vós os tendes sempre convosco; mas a mim não me tendes para sempre» (Jo 12, 8). É manifesto, por isso, que o Espírito Santo anima os cristãos no sentido da solidariedade e da compaixão, uma diaconia do serviço. Face a esta realidade, o Concílio Vaticano II, renova o diaconado permanente como ministério da Igreja. Efeméride que nos propomos analisar, de modo sistemático e segundo o modelo comparativo, entre as dioceses convidadas para este estudo. Método que nos permitirá avaliar o modo como se processa a formação de diáconos permanentes não só na área da logística, mas também as metodologias e programas referentes à formação académica, teológica, humana, espiritual e pastoral.

Abordagem que nos certificará das diferenças em ordem aos documentos pastorais do Concílio Vaticano II, que Paulo VI elaborou, segundo a carta apostólica *Sacrum diaconatus* de 18 de junho de 1967 como pontos de referência para as Comissões Episcopais. Mais tarde e no sentido de enriquecer a formação diaconal surgiu uma nova Carta Apostólica *Ad Pascendum*, sob a forma de *motu proprio*, acerca da ordem sacra do diaconado de 15 de agosto de 1972. «Assim a disciplina sobre o restabelecimento do diaconado permanente levou a cabo o *motu proprio Ad Pascendum* de 15 de agosto de 1972 (*AAS* 64 [1972] 534-540), cumprindo o desejo do Concílio manifestado na Constituição dogmática *Lumen Gentium* 28, e no Decreto *Ad gentes* 16».¹³⁷

Em terceiro lugar e depois de uma pausa na formação para diáconos permanentes em todas as dioceses, foi publicado o novo *Diretório do Ministério e da Vida dos Diáconos Permanentes* em 1998, como documento padrão para a renovação do diaconado permanente.

¹³⁷ Comentário ao cân 236, em *Código do Direito Canónico*, cord. Pedro Lombardia e Juan Ignacio Arrieta, trad. José A. Marques (Braga: Theológica, 1997), 230.

Estes três documentos foram elaborados em ordem a um objetivo comum: regular e melhorar a formação teológica, espiritual, cultural e filosófica dos diáconos permanentes em vista aos horizontes pastorais da vida da Igreja, presença analógica de Jesus Cristo. Um modelo de Igreja integrado, aberto ao relacionamento com o Povo de Deus e numa perspetiva humanista e apostólica. «Desta maneira, promovia-se uma revitalização das comunidades cristãs, tornadas mais conformes às que saíram das mãos dos Apóstolos e que floresceram nos primeiros séculos, sempre sob o impulso do Paráclito, como atestam os *Atos*».¹³⁸

Em conformidade com estes documentos procederemos a uma análise baseada no paradigma SWOT¹³⁹, um método que permite avaliar as variações, entre dioceses, correspondente aos critérios e metodologias empregues para a formação do diaconado permanente.

3.1. Análise comparativa das dioceses

Convidamos cinco dioceses a partilharem connosco as metodologias e critérios adotados na formação para diáconos permanentes. Partilha essa, com o fim de elaborar este estudo, com base numa análise sistemática e comparativa, tendo em foco a formação para os diáconos permanentes na Arquidiocese de Braga. A informação recolhida, por esta avaliação, acerca das semelhanças e das diferenças, permitir-nos-á projetar as condições de renovação para a formação do diaconado em Braga. As dioceses que manifestaram a sua disponibilidade são: Aveiro, Porto, Lisboa, Paris e Braga.

As quatro primeiras através de documentação que faz prova das suas metodologias e critérios adotados. Braga, por falta de informação, fará testemunho baseado no conhecimento empírico. Um testemunho baseado em relatos obtidos por diáconos da Arquidiocese de Braga.

3.1.1. Diocese de Aveiro

A Diocese de Aveiro é uma diocese jovem com oitenta e três anos passados sobre a sua restauração. O diaconado permanente, nesta diocese, foi instituído há trinta e três anos e

¹³⁸ Congregação para a Educação Católica para o Clero, «Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes», n.3.

¹³⁹ *SWOT* é a sigla dos termos ingleses *Strengths* (Forças), *Weaknesses* (Fraquezas), *Opportunities* (Oportunidades) e *Threats* (ameaças), é uma ferramenta utilizada para fazer análises na base de gestão ou planeamento de empresas ou instituições. Cf. <https://www.cii.co.uk/media/6158020/a-useful-guide-to-swot-analysis.pdf>

os primeiros diáconos ordenados em 22 de maio de 1988. Sentimo-nos honrados, pelas dioceses de Aveiro, Porto, Lisboa e Paris, por terem permitido pesquisar a atividade pastoral, e disponibilizarem-nos os registos sobre o seu saber e experiências. Contributos preciosos para o trabalho que nos propusemos realizar. O objetivo, que nos anima, nesta dissertação consiste em realizar uma análise de índole comparativa e ancorada em experiências das dioceses enunciadas na introdução, assim como metodologias e critérios para formação do diaconado permanente.

Começamos, então, por perceber que o diaconado, em Aveiro, teve como seu orientador o Delegado Episcopal padre Georgino Rocha, trinta anos. Este sacerdote nas festividades do dia do diácono, dia 20 de janeiro, não só manifestou a sua alegria pelo percurso feito como orientador e Delegado Episcopal, mas também testemunhou a sua fé nas maravilhas de Deus, quando promovidas pelo trabalho do homem. O padre Georgino exortou com paixão ao crescimento da diocese: «que possamos crescer na convicção (...) de que as maravilhas de Deus contam sempre com a colaboração humana».¹⁴⁰

No âmbito da formação académica, permitiu-nos a consulta do programa escolar cuja responsabilidade cabe ao Instituto Superior de Ciências Sociais de Aveiro (ISCRA) conforme as *Normas do Novo Diretório para o Diaconado Permanente* de 1998, e as orientações diocesanas revista em 1985. O ano de 1998 marca o início do processo de formação para o diaconado permanente na Diocese de Aveiro. Os textos de apoio a cada disciplina, sempre que os há, são da competência do Instituto Superior de Ciências Sociais de Aveiro (ISCRA). Os restantes textos são indicados e, normalmente, elaborados pelos docentes.

As dimensões cultural, humana, espiritual e pastoral são desenvolvidas em ações específicas que, normalmente, surgem ao ritmo do ano Litúrgico. Em cada ano são lecionadas três disciplinas, uma em cada período. «O plano de estudos é elaborado previamente, com os objetivos definidos, e a duração de cinco anos: três de lecionação formal e dois de sessões especiais – o do propedêutico e o da iniciação teórica e prática ao exercício do ministério diaconal».¹⁴¹

O ano propedêutico é considerado um momento importante no que concerne, não só ao acolhimento, mas também ao discernimento sobre o ministério do diaconado permanente.

¹⁴⁰ Georgino Rocha, «*Mensagem do Padre Georgino Rocha*», em Diocese de Aveiro, *Diaconado Permanente de Aveiro na «Igreja Aveirense»* (Aveiro: s.ed., 2020), 6.

¹⁴¹ Diocese de Aveiro, *Diaconado Permanente de Aveiro na «Igreja Aveirense»*, 2.

A figura do tutor durante a etapa vocacional é uma realidade. Há, também, lugar a um teste psicológico e correspondente entrevista pessoal. Uma das unidades curriculares (UC's) consiste no estudo teológico e no conhecimento da Liturgia das Horas e sua estrutura. Uma oração em que o louvor de Deus consagra o decorrer do dia e da noite, tratando-se por isso da oração de Cristo, juntamente com o seu Corpo ao Pai. As mulheres dos candidatos são associadas à formação espiritual. Na parte final do curso, ou seja, no ano pastoral, são tratados temas específicos como a arte de proclamar a Palavra, ler um texto, redigir informações e técnicas para falar ao microfone. São ainda instruídos como saber usar, na pastoral, os meios de comunicação, designadamente, o telemóvel e a internet. À formação pastoral é reservado um ambiente especial e supervisionado por número de formadores convidados para o efeito:

Ordenação (prevista) de Diáconos: a 20 de outubro de 2013, na Sé de Aveiro, precedida de uma semana de preparação/formação das comunidades de pertença/origem dos candidatos.

Prof. Fernando Martins - a arte de proclamar a Palavra/ler um texto, de redigir informações e de falar ao micro.

Dr. Fernando Cassola – uso pastoral dos meios de comunicação, designadamente o telemóvel e a Net.

P. Leonard Pawlak, SVD, pároco de São João de Loure/Alquerubim/Frossos, orientador do retiro e das recolções espirituais.

Diác. Francisco Cravo e Esposa – Testemunho e diálogo sobre o acompanhamento da esposa na formação do marido/candidato, a 23 de julho de 2011, Schoenstatt.

Diác. Fernando Martins – A piedade mariana em Schoenstatt, visita ao Santuário e oração. A 23 de julho de 2011 (mesmo dia da sessão/convívio anterior).

Diác. Francisco Santos e família – testemunho da presença e ação do diácono na comunidade, a 8 de julho 2012, em Schoenstatt.

Diác. José Carlos e família – testemunho da novidade vivida na família com a ordenação e o exercício do ministério, a 30 de junho de 2013, no Seminário de Aveiro.¹⁴²

Registamos também, como curiosidade, o âmbito colegial em que vivem os diáconos na Diocese de Aveiro. Primeiro organizam-se em grupos e cada grupo toma a seu encargo a reflexão mensal permanente. Método que proporciona o ganho espiritual e trata a disciplina

¹⁴² Diocese de Aveiro, *Diaconado Permanente de Aveiro na «Igreja Aveirense»*, 8-9.

da vontade, força propulsora do dever. A vida em comunidade promove a obrigação dos deveres, aproxima-nos da comunhão que, como seres de Deus, desejamos ser em Jesus Cristo.

Ninguém se salva só. Portanto é um imperativo divino a nossa configuração em Jesus como objeto de salvação. Uma salvação que se procura e projeta no âmbito da aproximação do irmão e de um compromisso solene no exemplo de Jesus Cristo.

Grupos de Estudo		
1. Ílhavo/Gafanhas	2. Vagos	3. Aveiro
<ul style="list-style-type: none"> ● Joaquim Simões ● Fernando Martins ● António Delgado ● Diamantino Neves ● Armindo Parracho 	<ul style="list-style-type: none"> ● Manuel Carvalhais ● Amaral Mota ● António Machado ● Dario Martins ● João Julião ● João Silva ● Benjamim Simões 	<ul style="list-style-type: none"> ● José Carlos ● Manuel Araújo ● José Abreu ● José Alves ● Porfírio Silva ● Élio Simões ● Fernando Silva
4. Murtosa/Estarreja/A-A-Velha	5. Águeda	6. Anadia e O. Bairro
<ul style="list-style-type: none"> ● José Maria ● Manuel Silva ● Francisco Santos ● Manuel Gomes ● Reinaldo Barnabé 	<ul style="list-style-type: none"> ● Luis Pelicano ● Afonso Henrique ● Fernando Reis ● Joaquim Pereira ● Carlos Nunes ● Francisco Cravo 	<ul style="list-style-type: none"> ● Afonso Dinis ● Artur Bem-Haja ● Jorge Abrantes ● José Augusto ● José Figueiredo ● Ed Rodrigues (doente)

Tabela 1. Organização de Grupos de Estudo para o exercício do Programa pedagógico anual.¹⁴³

Pelo desenvolvimento das ações de formação, confirma-se que a formação em Aveiro está ajustada ao Diretório de 1998 para a formação dos diáconos: Três anos para a formação inicial precedida do ano propedêutico. Realçamos o facto de que a unidade curricular para a Introdução ao Estudo Teológico da Liturgia das Horas faça parte do programa. Esta iniciativa é relevante para o manuseamento do missal e localização das orações. A formação pastoral dá-se no decorrer de um ano de modo a fortalecer a espiritualidade do diácono no campo da pastoral nos seus três ministérios: Palavra, Liturgia, Caridade (Missão).

A diocese de Aveiro está num registo muito considerável pelo elenco de formadores selecionados para a Pastoral. Para além de ser um exemplo de entrega e responsabilidade para os diáconos em formação, é também um ato de caridade. O ato de formar está sempre

¹⁴³ Diocese de Aveiro, *Diaconado Permanente: Plano de Atividades e Formação 2018-2019* (Aveiro: s.ed., 2018), 3.

revestido de gestos de amor, de grande valor para o aspirante a diácono. A figura do tutor insere-se no modo de gestação ou acompanhamento do candidato. Os cinco anos, reservados à formação, obedecem a uma racionalização dos conteúdos programático favorável à aprendizagem dos conteúdos e ao processo de colegialidade importante na vida de cada um e da vivência em comunidade. A frequência das esposas, em momentos de formação dos diáconos na sua vida ministerial, harmoniza a espiritualidade dos dois e atua de forma mimética na comunidade. Portanto, a harmonia é um modo de ser na vida dos diáconos assim como a colegialidade entre casais de diáconos, uma dimensão da sinodalidade da Igreja.

3.1.2. Patriarcado de Lisboa

O Patriarcado de Lisboa ordenou os primeiros diáconos no ano de 1987, data coincidente com Braga. Perante um número considerável de diáconos existentes, suspendeu, em 2009, as admissões de aspirantes ao diaconado permanente para proceder a uma avaliação, atenta e consequente, sobre o ministério do diaconado. Explica o cónego José Miguel na condição de Diretor da Equipa de Seleção e Formação dos Candidatos ao Diaconado Permanente: «durante cerca de quatro anos foi feita uma auscultação aos próprios diáconos, aos párocos que tinham diáconos a trabalhar consigo e, a partir desses elementos, foi elaborado um esboço das normas, que foi depois aprovado pelo senhor Patriarca». ¹⁴⁴

O *curriculum* teológico foi elaborado a partir das orientações da *Ratio Fundamentalis* para o Diaconado Permanente. Não inclui estudos específicos no campo filosófico e cultural. As disciplinas teológicas são leccionadas por padres, diáconos e leigos (estes com grau académico em Teologia dado pela UCP). Os módulos pastorais das diferentes diaconias deste ministério ordenado são dados por diáconos permanentes. A homilética é leccionada por um sacerdote. O tirocínio pastoral está confiado à tutoria do pároco que apresenta os candidatos.

Neste horizonte, a teologia litúrgica e os módulos sobre a diaconia da liturgia devem ser complementados pela iniciação pastoral litúrgica sob tutoria do pároco.

O mesmo no que se refere à teologia pastoral e módulos sobre homilética e as diaconias da Palavra e da caridade, complementados pelo tirocínio pastoral. ¹⁴⁵

Perante os pressupostos enunciados e o programa apresentado verificamos estar em presença de um novo paradigma para a formação de diáconos permanentes. Um paradigma

¹⁴⁴ José Miguel Pereira, «*Diaconado permanente: “uma mais-valia para a evangelização”*», acedido a 5 de setembro de 2021, https://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?cont_=40&id=7946&tem=410.

¹⁴⁵ José Miguel Pereira, *correspondência eletrónica*, recebida e acedida a 14 de abril de 2021.

que dispensa a formação académica específica. O novo paradigma tem como condição e princípio o 12º ano de escolaridade para frequentar a formação para o diaconado permanente.

A preocupação reside em formar diáconos permanentes capazes de se afirmarem na pastoral eclesial e sacramental que apresentamos no quadro a seguir.

Turnos	Disciplina	Turnos	Disciplina
1º Ano			
8	Introdução à Bíblia	4	Patrística e Espiritualidade
8	Antigo Testamento	4	Introdução à música litúrgica
9	Novo Testamento	8	Teologia Fundamental
		9	Mistério de Deus
2º Ano			
8	Direito Canónico	8	Cristologia
8	Liturgia Fundamental	8	Eclesiologia e Ecumenismo
9	Liturgia Sacramental	9	Sacramentos
3º Ano			
8	Antropologia Teológica	4	Mariologia
8	Doutrina Social da Igreja	4	Administração Paroquial
9	História da Igreja	8	Pastoral Fundamental
		9	Moral Fundamental
4º Ano (Ano “Pastoral”)			
5	Ministério da Oração	5	Ministério da Caridade
5	Ministério da Palavra	5	Homilética

Tabela 2. Programa de quatro anos, para a formação doutrinal e pastoral dos diáconos permanentes.¹⁴⁶

É relevante falarmos de uma iniciativa da autoria do Diretor do Seminário dos Olivais e Delegado Episcopal para a Formação do Diaconado Permanente (cónego José Miguel Pereira). Iniciativa que envolve os párocos no sentido de uma pastoral vocacional focada no diaconado permanente e que levou à criação de um procedimento novo na Arquidiocese de Lisboa.

Em fevereiro-março de cada ano, o cónego José Miguel, que é também Reitor do Seminário dos Olivais, escreve uma carta aos párocos da diocese a lembrá-los da possibilidade de apresentarem possíveis aspirantes à formação, tendo presentes os critérios e elementos a ter em conta no perfil dos candidatos. As respostas dos párocos devem acontecer, por norma, até final do mês de maio, para permitir que em junho e julho seja feita uma primeira conversa com os apresentados, para ver se se confirma ou não o início da formação.¹⁴⁷

¹⁴⁶ Patriarcado de Lisboa, *Seleção e formação para o diaconado permanente: Programa de Formação dos Aspirantes e Candidatos ao Diaconado Permanente no Patriarcado de Lisboa* (Lisboa: s. ed., 2011), 3.

¹⁴⁷ Pereira, «Diaconado permanente: “uma mais-valia para a evangelização”».

O período do propedêutico (considerado o «ano zero») é destinado aos momentos de espiritualidade, de reflexão em ambiente de comunidade em discernimento para «conhecer melhor a teologia e a espiritualidade do ministério diaconal. Discernir mais atentamente o chamamento ao ministério. Envolver as esposas e eventualmente os filhos, no caso dos aspirantes casados, no processo de conhecimento do ministério e de discernimento da vocação».¹⁴⁸ Estamos de facto a celebrar a poética da vida quando experienciamos, em conjunto, uma forma de vida e comungamos dela.

O ano propedêutico é vivido e experimentado em função de um discernimento que vai ajudar a decidir o futuro em ordem à candidatura para o diaconado permanente. A formação tem uma duração de quatro anos, e é participada pelos párocos.

Os párocos ao proporem candidatos ao diaconado permanente tornam-se, por esse facto, *agentes da formação*. Não lhes basta, por isso, enviar um candidato e esperar recolher os «frutos» dessa candidatura ao final de alguns anos. Como se indicará mais adiante, eles têm de assumir um papel ativo, e mesmo determinante, no acompanhamento do candidato, no discernimento da sua vocação, na formação pastoral, na avaliação das outras dimensões da formação, etc. Se um pároco não tem disponibilidade para essa implicação e envolvimento pessoal no processo formativo do candidato, é preferível que o não proponha.¹⁴⁹

O ano propedêutico é vivido e experimentado com fim a um discernimento espiritual, corroborado pelo pároco. Período que ajudará a perceber as dimensões teológicas e pastorais como estruturas à candidatura para o diaconado permanente.

Os párocos ao proporem candidatos ao diaconado permanente tornam-se, por esse facto, agentes de formação. Não lhes basta, por isso, enviar um candidato e esperar colher os «frutos» dessa candidatura ao final de alguns anos. . Como se indicará mais adiante, eles têm de assumir um papel ativo, e mesmo determinante, no acompanhamento do candidato, no discernimento da sua vocação, na formação pastoral, na avaliação das outras dimensões de formação, etc. Se um pároco não tem disponibilidade para essa implicação e envolvimento pessoal no processo formativo do candidato, é preferível que o não proponha. (150)

O processo de formação para o ministério do diaconado permanente no Patriarcado de Lisboa transparece uma preocupação de princípio, na lógica duma pastoral eclesiológica ativa. Há um trabalho de equipa em todas as dimensões da pastoral do ministério diaconal em sua trilogia: Palavra, Liturgia e Caridade. As forças são diversas, mas completam-se num só

¹⁴⁸ Patriarcado de Lisboa, *Seleção e formação para o diaconado permanente*, 1.

¹⁴⁹ Patriarcado de Lisboa, *Seleção e formação para o diaconado permanente*, 7.

objetivo pastoral: «Nós somos gerados para a liberdade por outras liberdades, sem que a responsabilidade da nossa própria “decisão” de crer na vida, sempre única, nos seja arrebatada».¹⁵⁰

Este sentido colegial focado na formação para os diáconos permanentes transmite a vida, quando no exercício do magistério e do ministério, mediada por Jesus Cristo. Dinâmica que promove uma nova Páscoa ao fazer acontecer a conversão.

Com as novas «Normas de seleção e formação dos aspirantes e candidatos ao Diaconado Permanente no Patriarcado de Lisboa», publicadas há seis anos, foi inaugurado o chamado «Ano Pastoral». No quinto e último ano de formação, voltamos a ter uma configuração mais semelhante ao primeiro ano, que decorre aos sábados de manhã, com 20 módulos: cinco de homilética, cinco ligados à diaconia da Palavra, cinco ligados à diaconia da liturgia e cinco ligados à diaconia da caridade.

É uma espécie de teologia prática, com possibilidade de exercício prático daquilo que amanhã será a presidência litúrgica, o acompanhamento de pais e padrinhos para o Batismo ou de noivos para o Matrimónio, como celebrar e como presidir à celebração, como orientar algum retiro, conferência ou pregação, ou nas áreas de assistência como a Pastoral da Saúde, a Pastoral Prisional ou a Pastoral sócio-caritativa refere o cónego José Miguel Pereira.¹⁵¹

Com estruturas assim pensadas, os resultados refletem-se na identidade, no carácter e firmeza dos diáconos de Lisboa. O Patriarcado de Lisboa oferece novos critérios, assim como metodologias e conhecimentos para os diáconos permanentes. Uma valorização que aproxima os conhecimentos práticos aos do presbítero, não por mero formalismo, mas porque são uma garantia para a Igreja. O diácono fica dotado de ferramentas que o dignificam a ele e à Igreja. Com esta análise ao Patriarcado de Lisboa, formamos a ideia de um agir em harmonia com a *Ratio Fundamentalis*.

Encontramos uma estrutura inclusiva para a formação dos diáconos permanentes nas dimensões espiritual, humana e litúrgica que proporcionam uma pastoral de modo integrado. Há também, preocupação com as dimensões doutrinárias e pastorais próprias da natureza do Patriarcado de Lisboa. Prescindir, parcialmente, da formação cultural e filosófica é uma opção que determina a especificidade da formação Teológica Pastoral para o diaconado permanente no Patriarcado de Lisboa.

A formação pastoral ou tirocínio é dada em cinco módulos para cada ministério diaconal, ou seja: homilética “Palavra”, Liturgia e Caridade (Missão). É uma expressão da

¹⁵⁰ Bacq, *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, 85.

¹⁵¹ Pereira, «Diaconado permanente: “uma mais-valia para a evangelização”».

teologia prática que será a realidade diaconal do amanhã. Uma realidade extensiva ao acompanhamento de pais e padrinhos para o Batismo, mas também dos noivos para o Matrimónio. Celebrar e presidir à celebração, orientar um retiro, conferência, pregação, ou nas áreas de assistência como a Pastoral da Saúde, a Pastoral Prisional ou a Pastoral Sócio-Caritativa. A formação pastoral é a alma do ministério do diaconado permanente.

3.1.3. Diocese do Porto

Os primeiros passos para a renovação do diaconado permanente na Diocese do Porto são da iniciativa de D. Júlio Tavares Rebimbas, com a nomeação do Dr. Carlos Moreira Azevedo como Delegado Episcopal para a formação do Diaconado Permanente no ano de 1986. Consultado o Conselho Presbiteral em 1987, a diocese do Porto abriu as portas à admissão de candidatos para o diaconado permanente. A formação ocorreu entre os anos de 1989 até 26 de abril de 1992, e culminou com a ordenação de 18 diáconos permanentes. A este número de diáconos, seguiu-se um longo tempo de estudo e reflexão na perspetiva de elaborar um novo plano para a formação dos diáconos permanentes. Um hiato temporal mediado pelo olhar atento entre a pastoral comunitária e o processo de renovação do diaconado permanente. As iniciativas de formação iam sendo acolhidas com dificuldade; o caminho ia-se fazendo na base de consensos.

O Delegado Episcopal tomou a decisão de propor uma estrutura que assentasse na responsabilidade de uma equipa dirigida por alguém distinto do Delegado, ou seja, um elenco que encontrasse um lugar de formação teológica alternativa à Universidade Católica, que pensou nos aspirantes de fracas possibilidades financeiras, pois nem todos poderiam frequentar. A exigência que mediava estas alternativas residia no respeito pelas normas do Diretório para a Vida e Formação dos Diáconos Permanentes. Assim se exprimiu o Delegado Episcopal quando se referia ao ministério do diaconado permanente nestes termos: «formar para acolher a missão de um diácono é ainda um desafio em aberto para os párocos e comunidades, damos graças a Deus pelos párocos que ajudaram a chamar e acolheram o ministério dos diáconos aceitando o risco de errar para poderem conhecer a alegria de ver a obra de Deus crescer».¹⁵²

¹⁵² Joaquim António da Silva Santos, «A alegria do serviço: Vinte e cinco anos de diaconado permanente no Porto», *Igreja Portucalense*, n. 43 (2017): 218, acedido a 8 de setembro de 2021, <https://diaconado-porto.blogspot.com/p/blog-page.html>.

Com este espírito, e já com D. Manuel Clemente, bispo da Diocese do Porto, reiniciou-se a formação para o diaconado permanente em 2007. O bispo levantou a questão para formação de diáconos, promovendo encontros com os sacerdotes de cada vigararia. Quando estes deram sinais de concordância D. Manuel Clemente decidiu, através de uma carta aos párocos, a 10 de junho de 2007, propor os critérios de admissão acompanhados de uma justificação para o momento.

Primeiro, pela conveniência de dispor de ministros ordenados que, dentro do que lhes é específico, colaborem com os presbíteros no serviço das comunidades, muito numerosas e crescentemente desprovidas de sacerdote exclusivo; depois, por ser uma disposição do Concílio Vaticano II que muito ajuda à corresponsabilidade e diversificação carismática e ministerial da Igreja, essencial à maturidade das comunidades.¹⁵³

Com base nestes pressupostos a carta episcopal acrescenta, ainda, que os candidatos provinham da proposta do pároco e que a escolaridade mínima exigida se limitava no 9º ano. A estes critérios, o Delegado Episcopal acrescentava uma observação que valorizava algo mais aos critérios para a admissão:

A prática de acolhimento dos aspirantes levou a entender que, sem haver uma idade máxima, se deve ter em conta uma formação mínima de quatro anos e o limite referencial para o exercício do ministério ordenado nos setenta e cinco anos. Também o conceito de muito tempo na vivência do matrimónio é muito vago. Ainda que a Santa Sé tenha indicado, em 1979, como referência cinco anos, para as dioceses portuguesas, são várias as experiências que aconselham a ter como referencial mínimo os dez anos de vivência matrimonial.¹⁵⁴

Uma reflexão baseada em experiências que serviu de base para as normas a eleger na relação com os candidatos, assim como na pastoral do magistério para a formação de diáconos permanentes. Animados por este espírito colegial, para um novo ciclo de formação para diáconos permanentes, elaboraram um calendário. Enunciaram-se as estruturas físicas para a formação na diocese do Porto.

O Seminário e a Universidade Católica, o Centro de Cultura Católica (1964-2021) que faz 57 anos ao serviço da formação cristã na Diocese do Porto, foram prontamente indicados como primordiais para o fim em mente. Há ainda duas revistas — *Humanística e Teologia* e

¹⁵³ Adélio Fernandes Abreu, «O diaconado permanente na Diocese do Porto. Situação para uma avaliação», *Igreja Portucalense*, n. 49 (2019): 142, acedido a 8 de setembro de 2021, <https://diaconado-porto.blogspot.com/p/blog-page.html>.

¹⁵⁴ Joaquim Santos, «Vocações Diaconais: dom e desafio, O diaconado permanente na Diocese do Porto», *Humanística e Teologia* 29, n. 2 (2008): 104, acedido a 8 de setembro de 2021, <https://diaconado-porto.blogspot.com/p/blog-page.html>.

Igreja Portucalense — onde se divulgam eventos do diaconado portucalense, existe ainda um blog onde se exhibe a descrição sumária do processo para a formação em vigor.

Dentro de um contexto colegial, e relativo a um novo ciclo de formação de diáconos editou-se o seguinte calendário¹⁵⁵ para a formação de candidatos no Centro Cultural Católico do Porto.

Data	Local	Horário	Tópicos pedagógicos
2 de outubro	CCC	14h30-15h30 15h45-16h45 16h45-17h00	- Formação litúrgica - Formação espiritual e pastoral - Oração de Vésperas
16 de outubro	CCC	14h30	Sessão Solene
14 de novembro	Casa Diocesana de Vilar	09h00-18h30	- Recoleção para candidatos - Admissão entre os candidatos à ordem do diaconado
28 de novembro	Catedral	11h00	Instituição de leitores ¹⁵⁶
4 de dezembro	CCC	14h30-15h30 15h45-16h45 16h45-17h00	- Formação litúrgica - Formação espiritual e pastoral - Oração de Vésperas
15 de janeiro	CCC	14h30-15h30 15h45-16h45 16h45-17h00	- Formação litúrgica - Formação espiritual e pastoral - Oração de Vésperas
19 de fevereiro	CCC	14h30-15h30 15h45-16h45 16h45-17h00	- Formação litúrgica - Formação espiritual e pastoral - Oração de Vésperas
20 de março	Casa Diocesana de Vilar	9h00 -18h30	Retiro (com as esposas)
23 de abril	CCC	14h30-15h30 15h45-16h45 16h45-17h00	- Formação litúrgica - Formação espiritual e pastoral - Oração de Vésperas
14 de maio	CCC	14h30-15h30 15h45-16h45 16h45-17h00	- Formação litúrgica - Formação espiritual e pastoral - Oração de Vésperas
18 de junho	CCC	14h30-15h30 15h45-16h45 16h45-17h00	- Formação litúrgica - Formação espiritual e pastoral - Oração de Vésperas
2 de julho	Paróquia de Aldoar (Porto)	15h00-19h00	Convívio geral

Tabela 3. Calendário da Formação para Candidatos 2021/2022.

¹⁵⁵ Diaconado Permanente da Diocese do Porto, «Calendário de Formação para Aspirantes 2021/2022», acedido a 4 de fevereiro de 2022, <https://diaconado-porto.blogspot.com/p/calendario.html>.

¹⁵⁶ «Celebração na Catedral no âmbito do percurso para o Diaconado Permanente, na qual os candidatos são convidados a participar». Diaconado Permanente da Diocese do Porto, «Calendário de Formação para Aspirantes 2021/2022»

Num primeiro momento acontece o propedêutico com a duração mínima de um ano para discernimento vocacional enquanto aos sábados ocorrem formações paralelas.

Numa tarde de sábado por mês (...) desenvolvem-se temas de aprofundamento da natureza do ministério diaconal, do ponto de vista da teologia, da espiritualidade e da história. O ano inclui ainda um fim de semana de retiro e um convívio final com as famílias. As esposas são chamadas a estar presentes em pelo menos dois destes momentos.¹⁵⁷

A arquitetura do curso para o diaconado permanente oferece diversidade de opções. Um formato que se refletiu no número de aspirantes ao diaconado permanente. Número que nos surpreende porque não é habitual, embora estejamos a falar de uma diocese de grande visibilidade como a do Porto. Contudo, o próprio delegado comenta o desenvolvimento do processo: «até outubro de 2007, foram recebidas quase setenta propostas, sendo cada um ouvido ao longo dos dois meses seguintes. Desse diálogo resultou um grupo de cinquenta e nove aspirantes que iniciaram os encontros de discernimento do ano propedêutico, em 26 de janeiro de 2008. num encontro de aspirantes e esposas com o bispo diocesano»¹⁵⁸. Há ainda duas revistas — *Humanística e Teologia* e *Igreja Portucalense* — onde se divulgam eventos do diaconado portucalense, assim como um blog¹⁵⁹ onde se exhibe a descrição sumária do processo de formação em vigor. Por tudo isto, faz-nos crer num grande esforço que antecedeu a proposta de formação diversificada, criando oportunidades e resultados que apresentamos no texto que se segue.

Para uma melhor compreensão do perfil diaconal no Porto, valerá a pena aduzir ainda a formação académica geral dos diáconos permanentes, assim como a sua formação teológica. Relativamente à formação geral, não dispondo da formação de base dos diáconos do primeiro grupo de ordenados, atemo-nos exclusivamente à dos atuais 84 diáconos provenientes das ordenações pós-2010. Desses, 30 (36%) possuem formação superior (7 deles Mestrado), 32 (38%) o ensino secundário e 22 (26%) o 9º ano de escolaridade. No que se refere à formação teológica e considerando neste caso a totalidade dos 98 diáconos permanentes, 19 (19,4%) possuem formação superior em Teologia ou Ciências Religiosas, 66 (67,3%) o Curso Básico de Teologia e 13 (13,3%) o itinerário formativo especificamente programado para as ordenações de 1992. Vários têm sido aqueles que têm continuado a frequentar disciplinas novas propostas pelo Centro de Cultura Católica. Relativamente à distribuição etária, constatamos uma prevalência e equidade entre os 50 e os 79 anos. Concretamente, 16 diáconos entre os 40 e os 49 anos; 24 entre os 50 e os 59; 23 entre os 60 e os 69 anos; 25 entre os 70 e os 79 anos; 9 entre os 80 e os 89 anos; 1 com mais de 90 anos. Tomando os 75 anos como o

¹⁵⁷ Santos, «Vocações Diaconais: dom e desafio», 105.

¹⁵⁸ Santos, «Vocações Diaconais: dom e desafio», 101.

¹⁵⁹ Recomenda-se consultar a página *web*: <https://diaconado-porto.blogspot.com/>.

limite referencial para o exercício do ministério ordenado, a diocese possui no presente 20 diáconos com 75 ou mais anos.

A missão dos diáconos, decorrente da respetiva nomeação, tem ocorrido maioritariamente no âmbito das paróquias confiadas aos párocos de onde residem ou que os propuseram. Tem havido, contudo, casos mais esporádicos de trabalho pastoral noutras paróquias, ou noutros âmbitos pastorais, como o ambiente hospitalar ou os serviços centrais e de coordenação pastoral da diocese. Partindo dos dados registados no último Anuário da Diocese do Porto, mesmo que possam não traduzir totalmente a realidade, diríamos que 95 diáconos encontram no ambiente paroquial o seu espaço de missão. Dois aparecem sem missão atribuída, num dos casos certamente por razões de idade e saúde, e outro com serviço pastoral exclusivamente em contexto hospitalar. Dos 95 diáconos com nomeação paroquial, seis fazem-no em paróquias que não a de origem/apresentação, e 89 na de origem/apresentação ou nas que estão confiadas ao seu pároco. Quatro destes exercem serviço simultaneamente nas paróquias de origem/apresentação e noutra não confiada ao seu pároco. Dos referidos 89, seis acumulam o serviço no âmbito paroquial com nomeações para outros serviços, nomeadamente no Hospital da Prelada, no Secretariado Diocesano da Pastoral da Saúde, no «*Stella Maris*», no Tribunal Eclesiástico, na assistência do Núcleo Douro Sul do Corpo Nacional de Escutas, e dois a colaborar connosco enquanto Delegado Diocesano para o Diaconado Permanente.¹⁶⁰

Da experiência da Diocese do Porto é possível concluir, em primeiro lugar, um grande testemunho de como fazer pastoral. Por vezes, mesmo fazendo aquilo que gostamos, não evitamos o sofrimento. Portanto, ao confrontarmos estes resultados sentimos a exigência a que se submeteu cada membro da equipa formadora: a começar pela perseverança, teimosia e esperança. Há, todavia, um sentido que devemos cultivar: a perspicácia de não deixar fugir a oportunidade. A oportunidade em geral veste-se de roupagens múltiplas, daí a necessidade de usar de astúcia apostólica, para fazer germinar a ideia. Assim procedeu D. Manuel Clemente até conseguir reunir as condições necessárias para fazer acontecer o momento favorável, e escrever a carta pastoral aos presbíteros com a novidade da realidade diaconal. O hiato temporal na formação do diaconado permanente no Porto foi longo; contava 15 anos. Todavia, feito o advento no seu real sentido, sucedeu um recomeço. No caso do Porto, particularmente, tornou-se um exemplo de testemunho. De realçar as oportunidades à formação dos diáconos que são diversificadas e não se esgotam na formação académica.

¹⁶⁰ Cf. Adélio Fernandes Abreu, «O diaconado permanente na Diocese do Porto», 145-46.

3.1.4. Arquidiocese de Paris

Na perspectiva de valorizar este trabalho de investigação. Procuramos, no âmbito das experiências sobre a renovação do diaconado permanente, conhecer outros processos de formação diaconal. Perspetiva que nos levou para fora do contexto da Igreja em Portugal, ou seja, até Paris. O diaconado em França emergiu, imediatamente após, a aprovação da Santa Sé em 1967. A tarefa de formar os primeiros diáconos permanentes ficou sob a responsabilidade do Comité Nacional dos Diáconos Permanentes a quem os bispos de França confiaram a missão. Uma experiência coroada de sucesso, e pela primeira vez se ordenam diáconos em França, ou seja, na Páscoa de 1970. Em 1995, o diaconado permanente era uma realidade pastoral em todas as dioceses de França e contava já com 1500 diáconos.

Em 1995, a Assembleia Plenária dos bispos da França suspendeu por muito tempo a formação diaconal para reflexão sobre o diaconato permanente. Os bispos de França votaram, em 1996, as diretrizes e pontos de atenção com vista a um novo impulso ao diaconado orientado para o serviço dos mais carentes e mais preocupados com as principais necessidades da sociedade contemporânea.¹⁶¹

O Diretório para o Ministério e a Vida dos Diáconos Publicado em 1998, assim como as Normas Fundamentais para a Formação é uma referência para toda a Igreja Católica.

Esta *Ratio* parece ser totalmente consistente com a doutrina do Concílio Vaticano II e com a legislação canónica em vigor, apresenta um programa completo de capacitação com meios apropriados, voltados para o desenvolvimento e realização pessoal dos diáconos em termos humanos, espirituais, intelectuais e pastorais. Assim preparados, os candidatos serão capazes de levar uma vida verdadeiramente evangélica e cumprir de modo a adequar-se aos cargos específicos da ordem que irão receber.¹⁶²

O padre Roger Tanguy, da Companhia do Sagrado Coração de Jesus, elaborou-nos um documento sobre a realidade diaconal em Paris, geografia tão diversa e plural como o cosmopolitismo parisiense, seja na dimensão cultural como na religiosa. Aqui os aspirantes ao diaconado permanente enfrentam um tempo de preparação para o ministério diaconal de cinco anos, e em alguns casos de seis, quando em circunstâncias especiais e em função do *trabalho ou de doença*. As esposas seguem a formação dos maridos. O ano propedêutico é dedicado ao

¹⁶¹ Conférence Episcopale de France, «Norme pour la Formation (*Ratio*)», Comité National du Diaconat, acedido a 8 de setembro de 2021,

<https://diaconat.catholique.fr/wp-content/uploads/sites/5/2015/05/Normes-pour-la-Formation-Ratio.pdf>.

¹⁶² Conférence Episcopale de France, «Norme pour la Formation (*Ratio*): Approbation du ST Siege», acedido a 10 de janeiro de 2022,

<https://diaconat.catholique.fr/wp-content/uploads/sites/5/2015/05/Normes-pour-la-formation-Ratio-Approbation-du-St-Si%C3%A8ge.pdf>.

discernimento vocacional, seguido da formação inicial que compreende a Teologia, Sagrada Escritura e Teologia Moral. As reuniões ocorrem aos fins de semana, e variam entre um ou dois sábados por mês. No decorrer da formação há, também, um acompanhamento espiritual que não pode ser feito pelo pároco. No final de cada ano realiza-se um retiro espiritual.

A formação, embora seja extensiva a todos os candidatos e de níveis variados, valoriza a formação académica e profissional de cada um: um diácono, zelador de prédios na cidade, deixou a escola aos 15 anos e ex-paciente do álcool. Tornou-se membro da associação *Addictions alcool Vie Libre* com a missão de ajudar os doentes e suas famílias. Os candidatos organizam à sua volta uma equipa de apoio que se reúne várias vezes por ano. Uma equipa ecuménica, que integra pessoas não cristãs, mas que são importantes nas suas vidas. Uma experiência que educa para a abertura aos outros e capacita o diálogo. «Na França os primeiros diáconos foram ordenados em 1970 e em 2015 já eram mais de 2.600».¹⁶³

A admissão para a formação, propriamente dita, é precedida de um ou dois anos de discernimento. As reuniões são mensais ou bimestrais e reforçadas com alguns fins de semana ou sessões durante o ano. O propedêutico pode assumir diferentes formas de acordo com as dioceses: noites, fins de semana, sessões, recolhimentos e retiros. Há, também, a possibilidade de um encontro com outros grupos de preparação para o diaconado permanente anualmente. Formas diversas para diferentes estados de vida: adultos com atividades profissionais, familiares e para casados. De salientar, ainda, a disponibilidade de um conselheiro espiritual capaz de orientar o grupo durante o discernimento. Os diáconos já ordenados e suas esposas são convidados a dar testemunho aos grupos de estudo. De registar que os dois anos em discernimento não representam qualquer grau de compromisso seja dos participantes ou dos responsáveis pela Arquidiocese.

No final do segundo ano de discernimento, o postulante escreve uma carta pessoal solicitando a admissão como candidato ao diaconado. Esta carta expressa a abordagem livre do candidato. Ela relata ao bispo o que ele viveu, descobriu e adquiriu durante este tempo de discernimento. Se for casado, a esposa envia ao bispo, por escrito, seu consentimento para que seu marido continue sua jornada para o diaconato.¹⁶⁴

¹⁶³ Conférence des Evêques de France, «Diaconat permanente», Edité par le comité National du Diaconat, acedido a 25 de agosto de 2021, <https://diaconat.catholique.fr/histoire-diaconat/>.

¹⁶⁴ Diaconat Permanente, «Edité par le Comité National du Diaconat: l'admission comme candidat au Diaconat», acedido a 8 de setembro de 2021, <https://diaconat.catholique.fr/devenir-diaque/parcours-pour-devenir-diaque/ladmission/>.

O Delegado diocesano para o diaconado, acompanhado do conselho autorizado na Arquidiocese, consulta com discrição, pessoas que conhecem o candidato e os membros do seu grupo de acompanhamento. O resultado desta consulta, é enviado ao bispo que admite ou não o candidato ao diaconado. Se a admissão for aceite, é celebrada liturgicamente, de acordo com o rito de admissão entre os candidatos ao sacramento da ordem. Durante esta celebração «quem aspira ao diaconado permanente manifesta publicamente a sua vontade de se oferecer a Deus e à Igreja para exercer a ordem sagrada; a Igreja, por sua vez, ao receber esta oferta, escolhe-o e chama-o a preparar-se para receber a sagrada ordem e, assim, ser regularmente admitido entre os candidatos ao diaconato»,¹⁶⁵ conforme as normas para o diaconado permanente.

Depois deste primeiro momento em ordem ao ministério do diaconado há, ainda, duas etapas: a primeira consiste no processo de discernimento de formação dos casais, que tem ainda uma particularidade a saber: tanto o marido como a esposa são atendidos pessoalmente e um de cada vez.

Este procedimento tem como base a livre expressão de todas as questões que possam surgir durante a evolução de cada elemento do casal. Entre os critérios invocados para a configuração deste sistema de formação estão:

1. A necessidade de o diácono ser pessoalmente capaz de prestar contas da fé da Igreja e desenvolver uma consciência eclesial viva.
2. O cuidado da sua preparação para as tarefas específicas do ministério diaconal.
3. A importância para ele em adquirir a capacidade de ler as situações e adequada inculturação do Evangelho.
4. A utilidade para ele conhecer as técnicas de comunicação e animação de reuniões, como saber falar em público, ser capaz de orientar e aconselhar.¹⁶⁶

A segunda está relacionada com as modalidades de formação teológica, que têm em conta as várias situações pessoais e eclesiais. Há uma consciência generalizada de que qualquer preparação apressada e superficial está excluída. Trata-se de um critério assente no conhecimento prático, de que os deveres dos diáconos são de tal modo importantes, que requerem formação sólida e eficiente.

¹⁶⁵ Diaconat Permanent, «Edité par le Comité National du Diaconat: l'admission comme candidat au Diaconat».

¹⁶⁶ Conférence Episcopale de France, «Normes pour la Formation (*Ratio*)».

A formação litúrgica incide de um modo particular:

1. O anúncio da Palavra de Deus nos vários contextos de serviço ministerial: querigma-carisma, catequese, preparação para os sacramentos, homilia.
2. A educação no sentido da Assembléia Cristã e da ação litúrgica, todas particularmente da celebração da Eucaristia.
3. A prática das funções diaconais na liturgia eucarística, para a presidência dos sacramentos do batismo e do casamento, para a celebração do funeral e para as assembleias sem padre.
4. O compromisso da Igreja com a justiça social e a caridade.
5. A vida da comunidade, em particular a animação das equipas familiares, pequenas comunidades, equipas litúrgicas, grupos e movimentos.
6. Certas aulas técnicas, como psicologia, homilética, canto, administração, informática.¹⁶⁷

A formação fundamental para o diaconado permanente não consiste apenas em aquisição de conhecimentos ou técnicas de animação. Tem uma dimensão de vida fraterna e deve permitir a partilha de experiências espirituais. Por isso o grupo de formação constitui uma comunidade eclesial específica cujo papel é essencial. No caso de homens casados, a esposa deve estar associada ao processo de formação, especialmente naqueles momentos que têm um impacto mais direto no discernimento. Também importa que seja dado um apoio adaptado à situação futura das mulheres dos diáconos, nas suas qualidades de esposas e mães.

O tempo de formação é um tempo de crescimento humano, espiritual e eclesial. A Igreja coloca à disposição dos formandos meios que promovem o seu crescimento. De realçar que as formações acontecem de modo colegial e em grupo, nem que para isso se juntem diversas dioceses, o que cultiva a relação humana e o sentido de comunhão e de pertença à Igreja. O processo de discernimento de formação dos casais ocorre em separado: tanto o marido como a esposa são atendidos pessoal e individualmente. Este procedimento tem como fim a livre expressão de todas as questões que possam surgir durante a evolução de cada elemento do casal.

O tempo de formação é um tempo de crescimento humano, espiritual e eclesial. A Igreja coloca à disposição dos formandos meios que promovem o seu crescimento. De realçar que as formações acontecem de modo colegial e em grupo, nem que para isso se juntem diversas dioceses, o que cultiva a relação humana e o sentido de comunhão e de pertença à

¹⁶⁷ Conférence Episcopale de France, «Normes pour la Formation (*Ratio*)».

Igreja. O processo de discernimento de formação dos casais ocorre em separado: tanto o marido como a esposa são atendidos pessoal e individualmente. Este procedimento tem como fim a livre expressão de todas as questões que possam surgir durante a evolução de cada elemento do casal. Da formação pastoral faz parte o anúncio da Palavra de Deus nos vários contextos de serviço ministerial: catequese, preparação para os sacramentos e homilia. Para a formação pastoral há, ainda, módulos orientados para uma pastoral do desenvolvimento, habilidade pastoral e litúrgica.

A formação para o diaconado permanente, em Paris, apresenta uma modalidade correspondente aos critérios escolhidos; referimo-nos ao propedêutico com uma frequência de dois anos. Na igreja em Portugal mantém-se pelo período de um ano. Este tempo contempla as preocupações fundamentais na formação dos diáconos permanentes cujo objetivo está em razão da capacidade para prestar contas da fé da Igreja e desenvolver uma consciência eclesial viva. Há o cuidado da sua preparação para as tarefas específicas do ministério diaconal, tendo em conta a importância de adquirir a capacidade de ler as situações adequadas à inculturação do Evangelho.

Na Arquidiocese de Paris, terminado o propedêutico, procede-se a uma avaliação que é da responsabilidade do delegado Episcopal «ele o fará com maior discricção com respeito ao foro interno; ter que posteriormente demitir alguém, que teria sido solicitado, pode ter consequências graves para as pessoas e para a comunidade. Portanto, é preciso muito cuidado».¹⁶⁸

A duração do curso está delineada para seis anos, ou seja, três de formação inicial e três de formação complementar, não facultativa, mas sim normativa. Uma exigência que reflete os critérios determinados, mas também um determinado reflexo da erosão da fé em França. O interregno na formação para o diaconado permanente em França, teve como objetivo a reflexão para a formação dos diáconos permanentes em 1995, a Assembleia Plenária dos bispos de França suspendeu por muito tempo a formação diaconal para reflexão sobre o diaconato permanente. «Os bispos de França votaram, em 1996, as diretrizes e pontos de atenção com vista a um novo impulso ao diaconado orientado para o serviço dos mais carentes e mais preocupados com as principais necessidades da sociedade contemporânea».¹⁶⁹

¹⁶⁸ Conférence Episcopale de France, «Normes pour la Formation (*Ratio*)».

¹⁶⁹ Cf. Conférence Episcopale de France, «Norme pour la Formation (*Ratio*)».

A comunidade de Paris tem a consciência formada da importância do diaconado na pastoral da Igreja, e por isso assume na formação a importância da relação do casal na organização do plano de formação. Assume a vulnerabilidade humana, e as formações acontecem de modo colegial, nem que para isso se juntem diversas dioceses, cultiva-se a relação humana e o sentido de comunhão e de pertença à Igreja. As mulheres são objeto de atenção, assim se justifica o apoio para uma hipotética situação futura das mulheres dos diáconos, na sua responsabilidade de esposas e mães. Há uma consciência generalizada de que qualquer preparação apressada e superficial está excluída.

3.2. Perspetiva histórica do diaconado em Braga

O diaconado em Braga está vinculado a uma tradição histórica citada nos *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, segundo a narrativa da bula *Eos qui Secundum*: «Da leitura desta Bulla deduz-se que S. Geraldo encontrou em Braga indivíduos com ordens sacras, que foram conferidas segundo o *Rito mosarabico*, quando este não tinha já existência legal».¹⁷⁰ Este facto gerou dúvidas quanto à sua legitimidade no exercício do ministério diaconal. Com o espírito desassossegado por tal dúvida, S. Geraldo resolveu consultar a Santa Sé, cuja resposta está citada na bula.¹⁷¹ Uma referência histórica que imortaliza a vida pastoral da arquidiocese de Braga naquilo que ao diaconado permanente diz respeito.

Decorridos nove séculos, o Espírito Santo, luz e verdade da Igreja de Cristo, revela aos Padres Conciliares a urgência para a renovação deste ministério em sua trilogia pastoral: Palavra, Liturgia e amor de Deus (Caridade). Ministério a ser exercido por homens casados e ordenados no grau inferior da hierarquia eclesiástica, não como degrau para o presbiterado, mas como ministério próprio. A Igreja em Braga, membro deste universo eclesiológico, abre-se à revelação do Espírito Santo no Concílio Vaticano II. Afetada por este movimento espiritual reflete sobre o que Deus quer, o que Deus deseja e o que Deus não quer, sempre num espírito de missão.

¹⁷⁰ J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga I*, (Famalicão: Mitra Bracarense, 1928), 223-24.

¹⁷¹ «No Liber Fidei, sob o nº 8, está transcrita a Bulla *Eos qui Secundum*, de Pascoal II, 1100-1108, dirigida ao Arcebispo de Braga S. Geraldo, na qual diz o Papa que não deviam ser privados do exercício das Ordens de Diácono e Presbítero aqueles que as tinham recebido segundo o costume de Toledo antes de conhecerem o Costume de Roma, se fossem dignos das mesmas Ordens», em Ferreira, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga I*, 223.

Também a *História da Igreja em Portugal* confirma que «os presbíteros e diáconos da cidade formaram desde os primeiros séculos uma corporação, espécie de senado eclesiástico ao qual se deram os nomes de sínédrio de presbíteros, sagrada e veneranda assembleia do clero, senado da igreja, concílio da igreja».¹⁷²

Uma referência histórica que carrega, em si mesma, a representação simbólica e tradicionalista da Igreja em Braga, relevante em termos históricos, pois o diaconado nessa data, já tinha pouca expressão na Igreja Ocidental. Passados nove séculos, o Espírito Santo, luz e verdade da Igreja de Cristo, revela aos Padres Conciliares a urgência para a renovação deste ministério nas suas três dimensões: Liturgia, Palavra e Amor de Deus (Caridade). Ministério a ser exercido por homens casados e ordenados no grau inferior da hierarquia eclesiástica, não como degrau para o presbiterado, mas como ministério próprio. A Igreja em Braga, pertença deste universo eclesiológico, abre-se à revelação do Espírito Santo no Concílio Vaticano II.

Afetada por este movimento divino do Espírito Santo, reflete sobre o que Deus quer, o que Deus deseja e o que Deus não quer, sempre num espírito de missão. Espírito que impulsionou a Arquidiocese de Braga a agir em conformidade com a norma nº15 do capítulo III, constante na Carta Apostólica, dada *Motu Proprio do Papa Paulo VI*, que determinava: «caso seja impossível, confie o candidato, para a sua educação, a um sacerdote ilustre que o encaminhe, instrua e possa testemunhar a sua prudência e maturidade. Deve-se ter cuidado sempre e enfaticamente para que somente homens adequados e qualificados possam ser admitidos na ordem sagrada» (*SD*, 3,15). A Igreja do Vaticano II viu-se, na perspectiva evangélica e pastoral, no dever de reiterar os atributos já enunciados em Atos 6, 1-7.

Movido por este espírito conciliar, D. Eurico Dias Nogueira, Arcebispo *de Braga*, nomeou como Delegado Episcopal para o Diaconado Permanente, o padre Manuel Ferreira de Araújo. Desta forma, e decorridos nove séculos, a Igreja de Braga adere ao projeto do Concílio Vaticano II e abraça o novo modelo de ser Igreja numa relação simétrica com o Povo de Deus. Um modelo que reconstitui a forma trinitária ao sacramento da ordem em seu magistério: bispo, presbíteros e diáconos, pois «só assim há Igreja», afirmava Inácio de Antioquia. Esta nova era pastoral abre-se à renovação do diaconado, com a admissão de diversos candidatos ao diaconado permanente, em 1979.

¹⁷² Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal I* (Porto: Portucalense Editora, 1930), 100.

A formação para o diaconado permanente desenvolve-se em dois momentos: um primeiro, Teológico Pastoral, ministrado às sextas-feiras à noite e sábados de manhã, na Universidade Católica, pelo período de três anos. Concomitantemente, recebem formação espiritual pelo *Delegado Episcopal*, o padre Manuel Ferreira de Araújo.

De salientar que neste período inicial os critérios para a formação de diáconos permanentes são similares entre as dioceses. As opções da Arquidiocese de Braga consumaram-se num programa inicial baseado na formação Teológica-Pastoral, conforme o esquema que apresentamos anteriormente, referente ao ano de 1979.

1º Ano	
Introdução ao Antigo Testamento Revelação e fé Cristologia	Sacramentologia História da Igreja Introdução à liturgia
2º Ano	
Introdução à Bíblia Mistério de Deus Antropologia filosófica	Teologia da Caridade Vida religiosa Direito dos fiéis da Igreja
3º Ano	
Introdução ao novo testamento Eclesiologia Teologia Moral	Ética social familiar Pedagogia da fé Psicologia da vida religiosa

Tabela 4. Programa inicial para a formação de diáconos permanentes na Igreja em Braga.

O acompanhamento espiritual era da responsabilidade do padre Manuel Ferreira de Araújo aos sábados de manhã, uma vez por mês e em paralelo com a formação teológico pastoral. A formação dos primeiros diáconos permanentes decorre conforme os planos diocesanos, e a ordenação dos primeiros diáconos acontece em 1987. Um segundo grupo, com sete novos aspirantes, é admitido ao diaconado permanente. Os critérios para a formação mantêm a mesma estrutura, o tempo de formação durante cinco anos. Feita a avaliação final, os candidatos foram considerados preparados para o ministério diaconal em seu terceiro grau. Deste foram ordenados três diáconos no dia 28 de junho de 1992. A Igreja em Braga contava a partir deste momento com cinco diáconos permanentes.

O ano de 1993 recebe mais nove aspirantes ao ministério diaconal, desta vez, sob a direção espiritual, humana e litúrgica do padre António Costa Neiva, nomeado novo Delegado Episcopal para a formação espiritual e pastoral. Destes nove candidatos, ordenaram-se três, em três estados diferentes, ou seja, um casado, um solteiro e um viúvo, no ano de 1998. No ano dois mil, foi proposta a ordenação de mais um diácono proveniente do curso que decorreu entre os anos de 1993 a 1998.

Com a publicação do novo Diretório do *Ministério e da Vida dos Diáconos Permanentes* iniciou-se uma pausa na formação para diáconos permanentes no sentido de se proceder a uma reflexão para uma nova configuração do modelo de formação a adaptar à realidade diaconal nas dioceses. Período que não surtiu tanto sucesso na Igreja em Braga quanto noutras dioceses. Interrupção que apenas em 2007, tornou possível a retoma da formação para o diaconado permanente. Contudo na Arquidiocese de Braga não foi possível ir além de uma permuta do curso Teológico pastoral pelo curso em Ciências Religiosas.

Esta alteração acabou por negligenciar aquilo que melhor poderia contribuir para a formação dos diáconos permanentes, ou seja, negligenciaram-se as dimensões da Palavra (homilética) litúrgica, pastoral e humana, mas especialmente a missionária ou evangélica. Dimensões imprescindíveis para a pastoral do diácono permanente e prescritas no Diretório do *Ministério e da Vida dos Diáconos Permanentes*.

Ao abrigo deste novo Diretório foram admitidos à formação mais três aspirantes ao diaconado e propostos à ordenação no ano de 2013. Deste grupo ficaram ainda dois para concluírem a formação. Facto que viria a acontecer com a proposta de ordenação em 2017. Este ano foi estaque no sentido da formação para os diáconos permanentes na Arquidiocese de Braga.

Resultado da decisão em suspender a formação para o diaconado permanente. Para ficarmos com uma ideia clara sobre o trabalho realizado para formação dos diáconos permanentes, elaboramos um quadro referenciador dos critérios e modelos de cada diocese, assim como os resultados obtidos com a implementação do diaconado em cada uma delas. Conhecimento que poderá ser útil para futuros trabalhos e iniciativas sobre o diaconado permanente.

Crítérios de Formação nas Dioceses em estudo						
Diocese	Admissão	Habilitação	Propedêutico	Formação Geral	Formação Pastoral	Num. de Diáconos
Braga	Pároco	Mínima 9º ano	-----	- Lic. ciências religiosas - Encontro aos sábados	-----	12 diáconos; 551 paróquias
Aveiro	Aceites ou convidados pelo pároco	Mínima 6º ano	No mínimo um ano Discernimento Vocacional	Formação Entregue ao IS CRA	-4º ano c/ retiro. -Recoleção. -Homilética -Oração	28 diáconos; 100 paróquias
Lisboa	Apresentado pelo pároco	12º ano	Período considerado Suficiente nunca menos de um ano	Formação Humana, Teológica e espiritual 20- UC's	4º ano: -Tirocínio -Palavra -Caridade -Homilética	94 diáconos; 234 paróquias
Porto	Apresentado pelo pároco	A partir do 9º ano	Período nunca inferior a Um ano	Lic. em Ciências Religiosas, Teologia ou No CBT.	-4º ano -Estágio em paróquia	100 diáconos; 477 paróquias
Paris	Inscrição para o propedêutico	A partir do 9º ano	Período de Discernimento de dois anos	Formação: -Teologia - S. Escritura - Teologia Moral	Três anos antes da ordenação e três posteriores à ordenação	114 diáconos; 114 paróquias

Tabela 5. Representação esquematizada dos critérios adotados na formação da vida diaconal, praticados por cada Diocese.

Agora, que estamos em posse de conhecimento que nos permite avaliar os métodos adotados e resultados obtidos, iremos teorizar acerca da situação da Arquidiocese de Braga. Uma teorização apoiada na técnica de avaliação *SWOT*, que nos auxiliará na elaboração de um projeto para a renovação do diaconado permanente na Arquidiocese de Braga.

3.3. Análise *SWOT* da realidade bracarense

O acrónimo *SWOT* representa um método de análise que permite avaliar os fatores internos e externos de uma instituição, permitindo criar uma visão realista baseada em factos e dados concretos. Este método, aplicado à realidade particular do diaconado permanente da Arquidiocese de Braga, permite destacar os pontos fortes e fracos, desta, sobre a realidade do diaconado permanente, e projectar o futuro baseado na racionalização dos recursos materiais e humanos disponíveis. O método, em si, não é uma receita nem uma solução mágica, mas uma ferramenta que nos permite medir, ou seja, avaliar as nossas potencialidades acerca dos objetivos a que nos propomos. Os dados recolhidos partem da experiência vivida e partilhada, ao longo dos anos, sobre a realidade diaconal da Arquidiocese de Braga.

3.3.1. Forças

A formação diaconal em Braga, em termos de estruturas, dispõe da Universidade Católica Portuguesa que reúne as condições necessárias para liderar o projeto. Instituição que nos permitirá elaborar e executar um plano de estudos conforme à Conferência Episcopal. Uma Universidade que dignifica a Arquidiocese de Braga pela sua projeção internacional, nacional e eclesial.

Em segundo lugar, os Seminários mormente o Seminário Conciliar, instituição diocesana próxima dos quinhentos anos de existência. Estruturas que são uma mais-valia para nas dimensões teológica, espiritual, caritativa e humana. Constituem um bem, do qual todos nós beneficiamos e são um privilégio e uma graça de Deus.

Em terceiro lugar estamos numa diocese de tradições, mas também aberta ao conhecimento nas suas três áreas do saber: filosófica, cultural e teológica. Em referência aos recursos humanos, estamos em boa situação. Partilhamos de um saber científico e intelectual invejável. Temos formadores especializados na área da teologia, na formação humana e espiritual, experimentados na formação dos seminaristas. Vaidades à parte, mas julgamos que seria um ganho potenciar estes saberes para a formação dos diáconos permanentes. Seria muito estranho, que providos de estruturas físicas e de recursos humanos qualificados como os nossos não os aproveitássemos a favor da formação dos diáconos permanentes.

Não faz sentido mantermos a estrutura para formação dos diáconos permanentes dependente de um sacerdote na condição de Delegado Episcopal, direção espiritual e responsável pela formação inicial. Estamos numa diocese de tradições, mas também aberta ao conhecimento nas suas três áreas do saber: filosófica, cultural e teológica.

3.3.2. Fraquezas

As fraquezas na formação de diáconos permanentes na Arquidiocese de Braga estão de uma forma clara na falta de observação do *Diretório para a Formação e Vida dos Diáconos Permanentes*. Assim, a primeira condição para frequentar seria o propedêutico, mas nunca fez parte dos critérios para a formação de diáconos, embora tenhamos consciência de que o período de discernimento é fundamental para discorrer sobre as nossas escolhas. Sabemos também que naquilo a que nos propomos fazer está a razão da nossa felicidade, ou então, erramos na vocação. Por esta razão, afirmamos que somos o resultado do discernimento e conseqüente decisão.

Em segundo lugar, as mulheres não são associadas à formação para os diáconos permanentes. A formação humana é importante na formação das pessoas. Importância que reside na base de todas as formações. Motivação suficiente para que no Congresso Internacional Sobre o Presbítero fosse enfatizada a importância de uma formação diaconal semelhante à do presbítero: «por isso, é importante investir, desde já, na sua escolha e na sua formação cuja exigência em nada deveria ser inferior à dos presbíteros»¹⁷³ A formação espiritual devia estar associada às mulheres dos candidatos no sentido de participarem regularmente nos encontros de formação espiritual.

Falta uma formação doutrinal que contemple as diversas situações pessoais e eclesiais, ou seja, formar para as tarefas específicas do ministério. A importância em capacitar para uma adequada inculturação do Evangelho. A instrução para as técnicas de comunicação, animação das reuniões, preparação para falar em público de modo a ser capaz de guiar e aconselhar. A ausência de formação pastoral é a que mais penaliza a ação do diácono na pastoral.

¹⁷³ Congresso Internacional sobre o Presbítero, *À Escuta da Palavra* (Prior Velho: Paulinas, 2011), 96.

Poderíamos afirmar que é urgente invertermos a situação e procurar fazer como dizia S. Paulo: fazer das nossas fraquezas forças.

3.3.3. Oportunidades

As oportunidades estão diretamente associadas às condições em que se desenvolve o curso de formação para diáconos permanentes. Formação que num primeiro momento devia acontecer com o acolhimento, seguido de um ano propedêutico. A sequência do curso decorre de forma mitigada quanto a recursos humanos. As dimensões fundamentais para a formação humana, espiritual e pastoral, carecem de formação específica. Diz François Varillon que «nós valem o que valem as nossas decisões»¹⁷⁴.

A formação inicial reduzida a um curso de Ciências Religiosas não resolve a equação formativa do diácono permanente em todas as suas dimensões. Com a omissão do ano pastoral, e sem o propedêutico, a formação diaconal fica aquém do objetivo e conseqüentemente reduz as oportunidades.

Se exercitarmos a memória, recordamos os critérios e sua priorização na educação para a efeméride diaconal nas dioceses que investigamos: ano propedêutico, psicólogo assistente, formação em grupo, educação para a oração da Liturgia das Horas, formação pastoral, acompanhamento das esposas. A formação inicial assente no Teológico-Pastoral foi o paradigma utilizado pela Arquidiocese de Braga no início da formação diaconal.

O Patriarcado de Lisboa partilha o seu ponto de vista, ao afirmar que: «Sob o ponto de vista doutrinal, a formação de um diácono permanente não pode, em abstrato, ser menos exigente do que a de um presbítero. Tal como este, o diácono age “*in nomine ecclesiae*” e, por isso mesmo, ele compromete e manifesta a realidade da Igreja»¹⁷⁵.

¹⁷⁴ Varillon, *A Alegria de Crer e de Viver*, 36.

¹⁷⁵ Patriarcado de Lisboa, *Seleção e formação para o diaconado permanente: Normas de seleção e formação dos aspirantes e candidatos ao Diaconado Permanente no Patriarcado de Lisboa*, 8.

3.3.4. Ameaças

As ameaças advêm da má gestão de recursos, da falta de meios para a formação e da falta do ano pastoral. Urge portanto, que a Arquidiocese de Braga reconsidere a programática para formação diaconal de modo a formarmos diáconos que satisfaçam as determinações constante do Vaticano II e prescritas na *Lumen Gentium*:

É próprio do diácono, segundo for cometido pela competente autoridade, administrar solenemente o Batismo, guardar e distribuir a Eucaristia, assistir e abençoar o Matrimónio, em nome da Igreja, levar o viático aos moribundos, ler aos fiéis a Sagrada Escritura instruir e exortar o povo, presidir ao culto e à oração dos fiéis, administrar os sacramentais, dirigir os ritos do funeral e da sepultura (*LG*, 29).

Perante o enunciado sobre o múnus dos diáconos permanentes, perguntamos: como é possível apresentar diáconos para o ministério diaconal sem que antes tenham sido dotados de conhecimento pastoral adequado? Não há maior ameaça à práxis do agente da pastoral do que a ignorância que carrega em si.

3.3.5. Conclusão

Concluído este estudo sobre as cinco dioceses, tivemos oportunidade de perceber ao detalhe, os pontos de encontro e desencontro nos métodos e critérios utilizados para formação de diáconos permanentes. Estamos, deste modo, melhor preparados para apresentar uma proposta sobre a renovação do diaconado permanente para a Arquidiocese de Braga tendo em conta a sua situação atual.

Este estudo pode tornar-se uma mais-valia no conhecimento sobre a formação de diáconos permanentes. Oportunidade congregadora de esforços e experiências diversas, seja a nível nacional ou estrangeiro. Com a publicação da *Ratio*, como paradigma para formação do ministério e vida dos diáconos, há efetivamente, na prática, um ajustamento às estruturas de cada comunidade.

Toda esta adequação exprime, também, diferenças culturais e tradicionais. Riqueza que dá um novo rosto à realidade diaconal local, mediante novas metodologias, e critérios integradores da formação de diáconos permanentes. Opções que fazem a diferença entre

dioceses e de um modo mais acentuado no Patriarcado de Lisboa, que entendeu, num primeiro momento, associar os párocos à promoção para novas vocações:

Em fevereiro-março de cada ano, o cônego José Miguel, que é também Reitor do Seminário dos Olivais, escreve uma carta aos párocos da diocese a lembrá-los da possibilidade de apresentarem possíveis aspirantes à formação, tendo presentes os critérios e elementos a ter em conta no perfil dos candidatos. As respostas dos párocos devem acontecer, por norma, até final do mês de maio, para permitir que em junho e julho seja feita uma primeira conversa com os apresentados, para ver se se confirma ou não o início da formação.¹⁷⁶

Uma atitude orientada para o acolhimento e em função do ano propedêutico. O propedêutico insere-se num momento de discernimento para o ministério diaconal e associado às esposas. O período inicial com a duração de três anos é linear em todas dioceses, mas diversificado nos métodos e critérios adotados. No Patriarcado de Lisboa, o critério escolar adotado para a candidatura ao diaconado permanente, incidu no 12º ano de escolaridade. As Dioceses do Porto, Aveiro e Paris variam entre o 6º e 12º anos, e Braga entre o 9º e 12º ano. Depois de concluída a fase inicial dos três anos, cada diocese determina as condições que antecipam a ordenação.

Em termos de formação escolar, é da competência de cada diocese determinar os níveis de qualificação académica, para além da formação espiritual, humana e teológica. A Arquidiocese de Braga adotou como critério o Curso de Ciências Religiosas. No Porto é mais abrangente, e oferece três janelas de oportunidade: Curso em Ciências Religiosas, Curso em Teologia, e o curso Teológico Pastoral pelo Centro Cultural Católico do Porto. Contudo, o mais frequente entre as dioceses está na frequência do curso Teológico Pastoral instituído para o efeito nas Dioceses de Aveiro, Porto, Lisboa e Paris. Braga restringe-se ao curso em *Ciências Religiosas* e o acompanhamento espiritual.

Pode dizer-se que há uma certa democratização neste sentido. Outras dioceses elaboram o seu próprio programa de estudos baseado na formação humana, espiritual e doutrinal, mas dispensam a formação académica na dimensão cultural e filosófica - referimo-nos ao Patriarcado de Lisboa. De realçar uma particularidade na Diocese de Aveiro a introdução de uma unidade curricular para a educação na Liturgia das Horas, dividida por seis tempos de duas horas cada. Uma outra diferença está na Diocese do Porto, onde existe uma

¹⁷⁶ Pereira, «Diaconado permanente: “uma mais-valia para a evangelização”».

terceira via para a formação dos diáconos permanentes pelo *Centro Cultural Católico do Porto*, uma via mais económica, com formação noturna aos fins de semana. Estamos ainda na fase inicial do curso de formação para os diáconos permanentes.

Uma terceira e última etapa consiste na formação pastoral para o diaconado permanente que concentra bastantes recursos humanos durante um ano. Um ano decisivo para uma pastoral que se quer de paixão, de conhecimento, de afirmação na fé humana e humanizante; trabalhada pela pastoral no amor ao próximo. Sem estes pressupostos, não é credível a formação dos diáconos.

Um ano decisivo para uma pastoral que se quer de paixão, de conhecimento, de afirmação na fé humana e humanizante; trabalhada e conduzida pelo amor ao próximo. Sem estes pressupostos, não é credível a formação para diáconos permanentes na Arquidiocese de Braga. O *Diretório para a formação e Vida dos Diáconos Permanentes*, determina que::

O programa da formação, sobre o qual no próximo capítulo se dão algumas orientações gerais, deverá integrar harmonicamente as diversas dimensões formativas (humana, espiritual, teológica e pastoral), ser teologicamente bem fundamentado, ter uma finalidade pastoral específica e ser adaptado às necessidades e aos programas pastorais locais.¹⁷⁷

A Diocese de Paris tem formação específica para cada segmento da pastoral a exercer pelos diáconos permanentes. Em Portugal, a formação para diáconos permanentes é mais orientada para a liturgia, e em alguns casos para a pastoral Sócio-caritativa. Em Paris há um quarto momento na formação para os diáconos permanentes, que consiste na formação complementar, não facultativa, mas normativa. Uma etapa suplementar de três anos após a ordenação diaconal, mas que não dispensa a formação permanente. Razão pela qual, a formação para os diáconos permanentes em Paris tem uma duração de oito anos. Aferimos os elementos, adotados por cada diocese, ou seja, métodos e critérios de modo a perceber os traços diferenciadores de cada parte. Diferenças em alguns casos relevantes que suscitam dúvidas: estarão em causa as características pastorais de cada diocese? Antecipação à crise presbiteral? Maior erosão na fé? Ou a voz do Espírito reclama uma pastoral mais intensiva?

¹⁷⁷ Congregação para a Educação Católica para o Clero, «Diretório do Ministério e da Vida dos Diáconos Permanentes», n. 55.

3.4. Movimentos espirituais que refletiram sobre o diaconado em Braga

O diaconado permanente na Arquidiocese de Braga tem sido objeto de atenção das comunidades, mais precisamente a partir de 1979. Começamos por recordar o Sínodo que se realizou entre os anos 1994-1997 na Arquidiocese de Braga. Acontecimento que despertou a espiritualidade das comunidades no sentido de exortar a Arquidiocese de Braga para um maior empenho na formação para o diaconado permanente no campo da pastoral catequética e social. O Congresso Internacional sobre o Presbítero também discorreu sobre a situação do diaconado permanente na Igreja em Braga, e concluiu que é uma pastoral onde «é importante investir, desde já, na sua escolha e na sua formação, cuja exigência em nada deveria ser inferior à dos presbíteros, apenas diferente em algumas acentuações específicas, caso da gestão e da pragmática social»¹⁷⁸.

Esta conclusão evidencia uma visão alargada da pastoral para a Igreja em Braga. Uma pastoral que medeia em si uma nova perspetiva para o diaconado permanente, antecipando uma nova epifania para a pastoral na Arquidiocese de Braga. Perspetivas que podem representar uma viragem nas estruturas para a formação do diaconado permanente. De modo que aquele que se candidate ao diaconado «deve dizer-se protagonista necessário e insubstituível da própria formação: toda a formação ... é, em última análise, uma autoformação».¹⁷⁹ Para que haja uma relação direta entre candidatos e instituição é imprescindível existir um *corpus* que alimente e gere sinergias de forma a configurarem-se homens para uma pastoral integrada, que preencha, complete e realize a vocação daqueles que se entusiasмам por Jesus. Este é o limite de quem tem a possibilidade de gerar homens e mulheres livres em Jesus Cristo: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gl 2, 20). Para que isso seja uma realidade, é necessário que deixemos de ouvir lamentos, não só da parte dos diáconos, mas também comentários de sacerdotes, em relação ao paradigma até aqui adotado na formação para diáconos permanentes.

Obviamente, que encontramos no decorrer desta investigação insuficiências que lhes estão subjacentes. Lacunas que impedem uma formação adequada aos fins previstos pelo Concílio Vaticano II. Para isso, basta que façamos esta equação reflexiva: enquanto as restantes dioceses elegem um Delegado Episcopal com a incumbência de organizar um grupo

¹⁷⁸ Congresso Internacional sobre o Presbítero, *À Escuta da Palavra*, 94.

¹⁷⁹ Congregação para a Educação Católica para o Clero, «Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes», n.28.

multidisciplinar para as diversas áreas da formação, a Arquidiocese de Braga fá-lo apenas com um sacerdote. Ainda não olhamos interessadamente para o diaconado permanente na Arquidiocese de Braga.

Uma maior dedicação e investimentos no diaconado permanente teria subtraído os diáconos da Arquidiocese de Braga a expressões menos felizes e discriminatórias acerca do seu modo de estar na pastoral arquidiocesana. Existe outra condicionante: a realidade do diácono, em grande parte das comunidades, ainda não é totalmente compreendida. O clericalismo reveste-se de roupagens várias: se não é o presbítero o impeditivo, são os cristãos leigos que alimentam a ideia de que só o senhor padre está legitimado ao exercício ministerial. Isto porque ainda não se fez um trabalho de desmistificação da figura do diácono nas comunidades e na Igreja.

O diácono, homem do magistério, mantém-se ainda sob o signo da originalidade. Há, pela frente, um caminho a fazer-se para que a Arquidiocese de Braga consiga diáconos idóneos no verdadeiro sentido da pastoral diaconal em seus três ministérios: Palavra, Liturgia e Missão (Caridade). Entenda-se que a impreparação do diácono permanente conduz a uma paraplegia pastoral. Faz falta que a conversão à realidade diaconal aconteça na Arquidiocese de Braga. Que se reflita nas insuficiências dos nossos diáconos, e se promovam formações intercalares com o fim de requalificar competências. É urgente cultivar um olhar generoso e de esperança sobre aqueles que configurados em Cristo Servo, se abrem ao amor para o serviço comunitário numa lógica de que não há Igreja sem caridade. Uma Igreja pobre com os pobres em suas circunstâncias diversas, como na escuta, na solidão, na marginalização, na migração, na tragédia social e humana materializada nos refugiados. De que instrumentos dispomos para habilitar qualitativamente diáconos para o serviço? Que imagem temos da pobreza? Que formação damos?

D. Jorge Ortiga, sucessor dos Apóstolos, e então responsável pelo governo da Igreja particular em Braga, sublinhou, na conferência das Jornadas de Teologia da UCP-Porto, a importância do diaconado permanente na Igreja: «O diaconado permanente investido da diaconia de Cristo, quer na qualidade de homens com uma vida profissional e familiar própria, quer na qualidade de casados, poderão ser uma presença luminosa e sacramental da

Igreja no quotidiano e no limiar da vida humana».¹⁸⁰ Quando configurados em Cristo, temos a Igreja no lar, na fábrica, no café e na rua. Uma missão comum que não se diz no *fazer*, mas no *ser*. O diácono diz-se na diaconia exercida e vivida por Jesus em ordem ao Pai. Lembra-nos D. Jorge Ortiga de forma exegética: «podemos catalogar em três as figuras do diaconado: *samaritanos* voltados mais para as necessidades do próximo; *profetas* mais sensíveis para as questões sociais e coletivas; *pastores* ao serviço da animação pastoral litúrgica das comunidades».¹⁸¹ Categorias que nos convocam a uma reconfiguração do diaconado na Arquidiocese em Braga, ou seja, uma maior aproximação a outras realidades diaconais com um fundo mais elaborado no que concerne à formação doutrinal e pastoral.

Para conseguirmos uma conquista, a este nível, torna-se necessário que haja uma consciência sinodal no clero Bracarense que convoque à união. Que se abra ao convite do seu pastor e que escute as suas inquietações pastorais. D. Jorge Ortiga, no dia 15 de maio de 2021, apelou à Arquidiocese a não ter medo dos diáconos: «não podemos ter medo dos diáconos permanentes e teremos de reconhecer que, se se trata de uma vocação, nós é que teremos de chamar».¹⁸²

A ação do Espírito Santo na Igreja é um movimento divino que nos convoca a todos. Na ação, de cada um, está a glória ou sofrimento de Cristo pela sua Igreja. D. Jorge Ortiga comunica-nos a revelação do Espírito Santo, e isso impõe-nos uma reflexão séria sobre o momento que atravessamos. Ter esperança que podemos estar perante uma oportunidade aberta ao ministério do diaconado em Braga. Mais tarde, e no mesmo jornal, D. Jorge Ortiga, recorrente nos seus apelos ao diaconado, concluía assim: «os diáconos devem ser acolhidos por todos os agentes de pastoral».¹⁸³

Como resposta ao dinamismo destes movimentos e à disposição de D. Jorge Ortiga, pensamos ser o momento de enunciar a proposta para a renovação do diaconado para a Arquidiocese de Braga.

¹⁸⁰ Jorge Ortiga, «Significado histórico e eclesial do Diaconado Permanente», Conferência nas Jornadas de Teologia da UCP-Porto, a 15 de fevereiro de 2011, acedido a 20 de setembro de 2021, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/significado-historico-e-ecclesial-do-diaconado-permanente/>.

¹⁸¹ Ortiga, «Significado histórico e eclesial do Diaconado Permanente».

¹⁸² Jorge Ortiga, «Igreja desafiada a acolher os diáconos sem medo», *Diário do Minho* 32842 (20 de maio de 2021): 15.

¹⁸³ Ortiga, «Igreja desafiada a acolher os diáconos sem medo», 15.

3.5. Situação atual do diaconado permanente em Braga

Depois da investigação pelas dioceses preestabelecidas para estudo, e analisados os dados, ficamos em posse de um conhecimento que nos permite desenhar uma proposta que, não só corresponda às necessidades estruturais para a formação do diaconado permanente em Braga, mas também potenciadora de uma iniciativa formativa na dimensão pastoral. Uma pastoral para a Igreja do nosso tempo, e suas solicitações de modo a podermos chegar mais longe e aos mais escondidos. Escondidos não no sentido de proteção, mas na perspetiva de saudarem o novo dia com a alegria que lhes é devida. Para isso é preciso sairmos do sofá.

Situação atual da Igreja em Braga	
FORÇAS	FRAQUEZAS
<ul style="list-style-type: none"> •Universidade Católica •Seminários •Curso em Ciências religiosas • Recursos Humanos •Congregações religiosas 	<ul style="list-style-type: none"> •Formação para o diaconado suspensa desde 2017 •Indiferença para com a formação de diáconos permanentes •Falta de um corpo diretivo que desenvolva as dinâmicas para a formação de diáconos permanentes •Medos instalados na Arquidiocese
OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none"> •Sínodo de 1994-1997 •Conferência presbiteral em 2010 •A queda verificada nas vocações sacerdotais •A extensão da Arquidiocese •Os apelos de D. Jorge Ortiga a uma maior abertura ao diaconado •A Nomeação do novo Arcebispo 	<ul style="list-style-type: none"> •Não adequação ao diretório para a formação dos diáconos permanentes •Medos •A oposição dos presbíteros •Falta de vocações ao diaconado

Tabela 6. Janela de *SWOT* para análise comparativa.

Perante este conhecimento procuraremos fazer uma narrativa que ajude a esclarecer a situação de um modo conciso e elucidativo. É notório que a Diocese de Braga, com duas Universidades na sua área geográfica, goza de riqueza desigual em comparação com outras. Somos particularmente abençoados pela graça de uma Universidade Católica que favorece o propósito a que nos propomos, ou seja, refletir a formação para o diaconado permanente.

Falar dos seminários é pronunciarmo-nos sobre uma instituição da qual Braga foi pioneira pela mão do arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires, há quatro séculos e meio. Uma instituição que pode pela sua qualidade espiritual contribuir para a formação dos diáconos nas áreas da formação espiritual, humana e pastoral, mas também doutrinal e da qual não temos aproveitado, suficientemente, as suas potencialidades, assim como os recursos humanos. Também a presença das congregações religiosas e o vasto património artístico e monumental são um contributo precioso para a formação espiritual.

As fraquezas estão, em parte, já referenciadas quando sabemos que a formação para o diaconado na Arquidiocese de Braga está suspensa. Uma situação estranha para uma diocese de tradições seculares. Somos a Arquidiocese de maior dimensão geográfica. Paradoxalmente é a que tem o menor número de diáconos e o maior défice na formação. Perguntamos: que medos persistem para tamanha oposição à promoção do diaconado permanente?

A oposição dos presbíteros pode entender-se como uma falácia, pois, a Igreja é Cristo e, portanto, a sua harmonia é a regra para aqueles que O seguem. O medo é o maior obstáculo ao crescimento do homem, mas também das instituições, por isso temos razões suficientes para o dissuadir. As vocações são o maior bem para a renovação da Igreja. Um bem que a faz presente no mundo pela voz do Espírito Santo. Para que continuemos a usufruir desta graça é necessário ter presente no espírito que a Igreja é em si mesma esta imagem única de Jesus Cristo Cabeça e Servo, e não nos pertence separar o Cristo Servo do Cristo Cabeça. É este o grande argumento de Inácio de Antioquia: só na unidade do bispo do presbítero e do diácono há Igreja.

Ao escondermos esta realidade, à vida das comunidades, estamos de certo modo, a negar a oportunidade a novas vocações. As oportunidades para melhorarmos e refletirmos sobre a formação do diaconado permanente, têm sido várias, todavia não produziram o eco suficiente para despertar os sentidos sobre a realidade diaconal de modo a perceber que o diaconado, faz sua, a tarefa da Igreja. Que tem diante de si o mundo dos homens: a família humana e suas realidades. D. Jorge exortou diversas vezes para a realidade do diaconado e de diversos modos. Reflitamos, então, e peçamos para que a presença de D. José Cordeiro sirva de luz e alavanque esta realidade pastoral na Arquidiocese de Braga.

A primeira das ameaças consiste na não adequação da formação diaconal ao *Directório do Ministério e da Vida dos Diáconos Permanentes*. Razão óbvia para as diferenças registadas

no quadro acima referido. Urge, portanto, uma formação sólida que dê resposta às exigências que o ministério impõe. Resta-nos por isso refletir para novos modos de agir.

3.6. Como augurar uma nova perspectiva?

A nova perspectiva será pensada e apresentada de acordo com o fruto da pesquisa que elaboramos no desenvolvimento desta Dissertação. Resultado sobre o qual determinaremos ferramentas que nos permitirão apresentar um novo paradigma para a formação do diaconado permanente. Intuídos por este princípio, tornar-se-à possível pensar e melhorar a formação do diaconado permanente na Igreja em Braga. Deste modo apresentamos o modelo sugerido no quadro representativo que segue abaixo.

Novas Perspetivas para a Situação da Igreja em Braga	
FORÇAS	FRAQUEZAS
<ul style="list-style-type: none"> •Universidade Católica •Seminários •Recursos Humanos 	<ul style="list-style-type: none"> •Suspensão do curso para a formação de diáconos permanentes •Medos
OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none"> •Recursos Humanos •Medos •A Nomeação do novo Arcebispo •Itinerário Sinodal do Papa Francisco 	<ul style="list-style-type: none"> •Indiferença para com o diaconado permanente

Tabela 7. Janela de SWOT para análise comparativa (projeção).

A suspensão da pastoral para a formação do diaconado permanente em Braga configura-se, em parte, sob a estrutura de um paradoxo na pessoa de D. Jorge; um líder que sempre exortou ao diaconado, por um lado, mas por outro manteve uma posição inócua num hiato temporal entre 2017 / 2022. Tempo em que alimentou a inércia frente à formação para o diaconado permanente. Com este aligeiramento analítico não pretendemos criticar pura e simplesmente; está fora dos nossos intentos, mas antes manifestar uma atitude de caridade, no sentido de mobilização da diocese.

O diaconado permanente, renovado pelo Concílio Vaticano II, deu uma nova vida à pastoral eclesial, mas também mobilizou recursos para um esforço reflexivo sobre tão nobre missão. Os recursos humanos para a formação pastoral, humana, espiritual e doutrinal são evidentes, pois já exercem o seu múnus junto dos seminaristas. Então, porque não alargar aos diáconos em formação? No decorrer desta investigação encontramos formas diversificadas de formação, mas todas coerentes com os objetivos para uma formação sólida e responsável.

A última coisa que jamais se pretende ouvir, ou melhor, perceber é que haja qualquer sentença oculta relacionada com o diaconado permanente. Este tem o dever de se organizar, como ministério que vive e atua com autoridade, dignidade e humildade, perante os sinais misteriosos de seus irmãos, numa atitude compassiva e solícita. Os medos em sua essência podem revelar-se em duas modalidades: uma de fecho ou de exclusão, mas esta asfixia e mata.

Uma outra, de inclusão, ou seja, explorar as nossas capacidades de modo a fazer fluir a imaginação criativa e investir com a autoridade que o momento exige. Esta última atitude foi a que trouxe a Igreja através dos tempos e a alimentou com a sua teimosia apostólica e evangelizadora mesmo sobre ameaças. Acreditar é a atitude fé na capacidade dos agentes pastorais para trazer vida ao diaconado em Braga. Ousamos ser testemunhas de uma pastoral, da qual a Igreja tem fome, e o espírito chama hoje.

A nomeação do novo Arcebispo é um fator de dupla afetação: se por um lado oculta, por outro, aviva a marca indelével do conselho e do exemplo de fé de um pastor que parte. Quem chega carrega consigo novas experiências e a pretensão inquestionável de tornar Jesus Cristo presente em sua plenitude: Cabeça e Servo. Um Cristo que se faz presente todos os dias não só como Igreja magistério, mas também apostólica e missionária. Duas dimensões inseparáveis de Jesus que apela a que façamos como Ele.

Uma pastoral horizontal a todo o Povo de Deus e retratada na Constituição pastoral «*Gaudium et Spes*». Aquela anima a uma nova vida pastoral do diaconado permanente junto do Povo de Deus. Todavia, traz consigo novos desafios à Igreja para a formação dos seus agentes. O itinerário Sinodal do Papa Francisco exorta-nos a que façamos o caminho juntos. O foco projetor da Igreja primitiva mostra-nos uma Igreja pobre, sofredora, mas dinâmica, em que todos se movem para o bem comum. Santo Inácio de Antioquia deixa bem claro que não há Igreja sem bispo, presbítero e diáconos. O tempo é favorável ao Evangelho e à atualização,

da nossa consciência de cristãos, como arquitetos da evangelização, dentro do tempo, e na história que nos é dada conhecer.

A pior das ameaças está na indiferença. Será que ocorreu alguma ação dos diáconos que mereça tamanha réplica? Mesmo que tivesse acontecido urge entender que os diáconos não foram preparados, nesta diocese, para a exigência que o seu ministério requer. Então, declinar a responsabilidade também não, mas é importante unir esforços em vista a uma Igreja alegre e sedutora aos olhos de Deus e dos homens. Que o paradigma da cristandade se apague e faça renascer uma pedagogia da fé humanizada e humanizante como esteira para a divinização.

3.6.1 Enunciação da proposta de renovação do diaconado em Braga

A proposta de renovação resultou da uma coletânea de documentos e experiência que nos foram generosamente cedidos, como auxiliares para esta investigação, pelas dioceses para o efeito contactadas. A soma dessas experiências e saberes permitiu-nos chegar a uma conclusão que, por sua vez, determinou uma proposta que integra nove pontos de trabalho.

A renovação, em nosso entender, constaria de um grupo de formadores para discernir sobre a compreensão humana, espiritual e doutrinal em suas diversas etapas.

1. Constituir um grupo, baseado num número integrador, e ao mesmo tempo dinâmico, nem que para isso seja necessário reunir candidatos de diversos arciprestados.

2. A primeira ação consiste em iniciar uma formação, baseada numa relação que promova as dimensões humana, espiritual ou doutrinal.

3. Segundo a *Ratio fundamentalis*,

O director da formação, nomeado pelo bispo (ou pelo Superior maior competente) tem a obrigação de coordenar as várias pessoas empenhadas na formação, de presidir e de animar todo o trabalho educacional nas suas várias dimensões e de estabelecer os contactos com as famílias dos aspirantes e dos candidatos casados e com as suas comunidades de proveniência. Além disso, tem a responsabilidade de apresentar ao Bispo (ou ao Superior maior competente) um juízo sobre a idoneidade dos aspirantes a serem admitidos entre os candidatos e sobre os candidatos em ordem à sua promoção à ordem do diaconado, depois de ter ouvido o parecer dos outros formadores, (28) excluído o diretor espiritual.¹⁸⁴

¹⁸⁴ Congregação para a Educação Católica para o Clero, «Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes», n. 21.

4. Um diálogo institucional entre o Delegado Episcopal e os párocos no sentido de promover as vocações.

5. Promover o ano propedêutico, pois ajuda a compreender de um modo mais profundo, a teologia, e o ministério diaconal quanto à sua espiritualidade. Um convite mais atento ao seu discernimento para o chamamento.

6. Promover também para as mulheres dos candidatos um programa de formação que prepare para a futura missão de acompanhamento e de ajuda no ministério do marido.

7. Instituir uma unidade curricular para o estudo da *Liturgia das Horas*. Experiência vivida na Diocese de Aveiro.

8. Durante o período inicial para formação criar estruturas que preparem os candidatos para a área pastoral adaptada à experiência de vida. Uma experiência vivida na Arquidiocese de Paris que surte efeitos. O candidato aprofunda o seu carisma Sócio Caritativo junto de movimentos já instituídos nessa diaconia. Uma diaconia centrada nas experiências, no trabalho, na vida pública, nas associações e no seu apostolado, «Que a diocese desenvolva a instituição da diaconia com a missão de se dedicar, especificamente, à pastoral Sócio-Caritativa».¹⁸⁵

9. Que se institua um 5º ano dedicado à formação pastoral, período de adaptação às diversas situações sociais e eclesiais que o diácono terá de experienciar.

3.6.2. A admissão dos candidatos

1º- O primeiro contacto do aspirante ao diaconado dá-se num diálogo com o pároco. Momento para expressar as motivações do chamamento.

2º- Deve, discretamente, ser avaliada a sugestão dos paroquianos e informação sobre a escolha e a ação a desenvolver em função da paróquia.

3º - O critério da escolaridade deve incidir sobre os índices de escolaridade mínimos, designadamente entre o 9º e 12º anos.

4º- O quadro a seguir apresenta de um modo sistemático as unidades curriculares pensadas para uma nova oportunidade de formação para o diaconado permanente na Arquidiocese de Braga.

¹⁸⁵ Sínodo Diocesano de Braga, *Propostas Sinodais* (Braga: s.ed., 1997), 82.

Este quadro encerra, em si, não só uma experiência pessoal, mas também uma forte convicção de contribuir para novas estruturas ao serviço da formação para o diaconado permanente na Arquidiocese de Braga. Que os novos candidatos possam beneficiar de projetos correspondentes aos atributos pastorais enunciados pela *Lumen Gentium* 29. Para isso, procuramos ligar uma parte meramente subjetiva ao grande objeto desta dissertação que é investigar as diversas estruturas em prática noutras dioceses.

Reunidos estes pressupostos procuramos, em função da cultura e tradição bracarense, fazer um exercício intelectual em vista à seleção dos critérios e métodos investigados em função deste projeto. Operação indispensável para, de um modo assertivo, melhorar a dimensão programática para o fim em causa. Os conteúdos selecionados obedecem a dois critérios: primeiro na base das preferências noutras Dioceses. Segundo, trabalhar a formação inicial na base Sagrada Escritura, Eclesiologia e espiritualidade, Introdução à música, Liturgia fundamental, assim como Patrística.

A exigência litúrgica a que o diácono permanente está obrigado exige uma formação integral: Palavra e sacramentos. Razão suficiente para construir este quadro de um forma séria e com uma finalidade prática para a formação do diácono permanente, em Braga.

1º Ano	
Revelação e fé	Moral Social
Introdução ao Novo Testamento	Introdução à Bíblia
Introdução à Música Litúrgica	Igreja e Sacramentos
	Ano Litúrgico
2º Ano	
Cristologia	Moral Cristã (Teologia Moral)
Espiritualidade Cristã	História da Igreja
Liturgia das Horas	Elementos Gerais da Liturgia
Patrística e Espiritualidade	
3º Ano	
Eclesiologia e Ecumenismo	Liturgia Fundamental
Antigo Testamento	Mistério de Deus
Mariologia	Administração Paroquial
	Direito Canónico

Tabela 8. Proposta de lecionação académica para a formação de diáconos permanentes na Igreja em Braga.

3.6.3. O ano propedêutico

O ano propedêutico, ou ano zero, é considerado pelas dioceses onde está instituído, como um tempo de discernimento fundamental para a compreensão inicial da função do diácono permanente, acompanhado pelo Delegado Episcopal. Resume-se em encontros de oração, de reflexão, de instrução e de discernimento vocacional. É um plano elaborado por uma equipa formadora. As esposas dos aspirantes ao diaconado permanente devem fazer parte do pedido inicial, durante a celebração da Eucaristia. A seguir listam-se algumas recomendações:

1. De duração julgada suficiente, mas nunca inferior a um ano, consiste no aprofundamento do ministério diaconal, sob o ponto de vista teológico e espiritual, com discernimento vocacional.
2. É importante que o pároco acompanhe o percurso propedêutico do seu aspirante ao diaconado permanente.
3. Celebrar o ano propedêutico, mediante um rito litúrgico próprio para os candidatos ao diaconado permanente.
4. Para aprofundamento e conhecimento pessoal pode organizar-se um convívio com as esposas e os filhos.

3.6.4. Formação inicial

A formação inicial deve ser dada por um grupo formador, num período de três anos. Uma formação que pode ser definida em ordem a um curso de Teologia, Ciências Religiosas ou Teológico Pastoral. A Diocese do Porto prevê a licenciatura em Teologia ou pelo menos em Ciências Religiosas da UCP. Há uma terceira opção no CCC do Porto que é o Teológico-Pastoral para o diaconado permanente. A escolha dos cursos é feita em função do tempo e da disponibilidade financeira, e que tem em conta o percurso escolar anterior.

No Patriarcado de Lisboa, e nas Dioceses de Aveiro e Paris o programa é elaborado por uma equipa formadora. Os módulos variam entre vinte e quatro, divididos por três anos e com encontros mensais ou bimensais.

Para Braga, propomos que se mantenha o Curso em Ciências Religiosas, embora com uma segunda escolha para os candidatos com menos disponibilidade financeira. A formação

litúrgica, espiritual e pastoral, na maior parte das dioceses, acontece em encontros mensais ou bimensais e aos dias de sexta-feira ou sábados. Pode acontecer também em outras circunstâncias, a definir pela equipa formadora.

3.6.5. Formação pastoral

A formação pastoral deve ser de carácter normativo onde o diácono tenha oportunidade de se inteirar das tarefas paroquiais de índole pastoral, mas também da parte mais leiga, como cuidar das IPSS's e do cartório paroquial. Esta etapa da formação tem merecido uma atenção especial das dioceses. Uma preocupação bem entendida pela paz e tranquilidade que acrescenta à identidade do diácono. Na generalidade as dioceses dedicam um ano a este período da formação do diácono, vivido numa paróquia; em alguns casos acontece na própria paróquia do candidato junto do seu pároco, mas não em outras paróquias.

CONCLUSÃO

Esta dissertação apresenta o resultado da investigação realizada sobre o ministério do diaconado permanente na realidade da Arquidiocese de Braga, em comparação com outras dioceses do território nacional e internacional. Um ministério, entre outros, exercido no seio da Igreja e em sua eclesiologia. Neste contexto, adotamos como método de investigação o processo histórico-bíblico, teológico e eclesiológico. Como argumento de autoridade escolhemos uma perícopes que serve também de paradigma ao diaconado permanente: «Não vim para ser servido, mas para servir» (Mt. 20,28). Um paradigma intuído da práxis existencial de Jesus, e assumido pelos Apóstolos. Uma mediação enfatizada pela exortação a que façamos como Ele fez. O Pentecostes veio confirmar pelo Espírito Santo toda a realidade do Jesus histórico.

Os Apóstolos assumem-se alicerces da obra de Cristo pela fé e a pastoral desenvolve-se através de pequenas comunidades. Urge a necessidade pastoral de criar uma nova estrutura para o serviço. Os Apóstolos convidam a escolher «Sete» de entre a comunidade. A eclesiologia expande-se, agora, para três diaconias: anúncio pela palavra por Estevão, os sacramentos por Filipe e o serviço aos mais desfavorecidos por aqueles que se haviam de chamar diáconos. A diaconia é a expressão da pastoral configurada em Cristo. A hierarquia estava constituída por aqueles que Jesus tinha estabelecido seus representantes em «Cristo Cabeça». Os ministérios dos diáconos configurados em «Cristo Servo» eram designados pelos bispos.

O diaconado assume-se na sua forma em Paulo: «Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com seus bispos e diáconos: a vós a graça e paz de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo!» (Fl 1, 1-2). Uma perícopes que não só nos apresenta o lado relações comunitárias, mas também o modo sinodal retratado na narrativa de Paulo. Os diáconos são merecedores da amizade e da admiração dos seus bispos. A teologia do diaconado nasce e fortifica-se à medida que se vai configurando em Jesus Cristo através de uma Igreja que se diz seu sacramento.

Deste modo, e analogicamente, sentimos e percebemos Jesus, Igreja. É precisamente na Eucaristia que se dá e representa a plenitude do sacramento da ordem como unidade e magistério da Igreja. O diaconado, em todo o percurso da sua história, tem-se afirmado na dimensão da sacramentalidade espiritual pela imposição das mãos do bispo, como sinal

visível da presença do Espírito nele. Assim, a pneumatologia é uma realidade que gera unidade e vida espiritual, entre os seus membros, sinal do movimento ordenado por Jesus: «Ide e anunciai» (Mc 16, 15-20). O diaconado atingiu o auge pelos séculos IV e V depois de muito sangue derramado pelos muitos mártires, entre os quais, Papa Sisto II e os seus companheiros diáconos, em número de quatro. Passava da metade do séc. III. Também o séc. IV historiciza as duas faces de um dístico, ou seja, uma realidade que morre e uma outra que nasce no contexto da liberdade constantiniana.

O diaconado não manterá a sua estrutura. As relações entre o poder civil e religioso tornam-se cúmplices de um novo horizonte para a Igreja e para o mundo. O modelo Igreja assume a configuração de Cristandade. Os diáconos perdem poder sobre os bens e sobre a pastoral, não só pelo número reduzido, mas também pela divisão administrativa e territorial imposta pelas circunstâncias políticas e administrativas.

Nesta circunstância deu-se um revezamento dos ministérios do diaconado permanente pelos presbíteros, que até aí se mantinham junto do bispo. Perante a nova disposição, passaram a conduzir as comunidades numa geografia determinada, e centralizadora de uma grande parte dos serviços. Outros serviços passaram para a supervisão de ordens menores. O diaconado foi-se desconfigurando pela perda de posição e visibilidade pastoral que passou para a esfera dos conventos e congregações religiosas. O declive do diaconado começa e configura o desaparecimento devido à disseminação dos seus ministérios. Constantino fica conhecido como o *Décimo Terceiro Apóstolo*.

O modelo de Igreja vai-se consolidando e a visibilidade do diácono continua a desconfigurar-se pela interposição de outros agentes nos serviços da ação social. No séc. VIII a Igreja está fragilizada na sua defesa. Carlos Magno protege o Papa Leão III depois de ter sido atacado pelos habitantes da cidade. É coroado imperador do Sacro Império Romano e concomitantemente denominado o *príncipe cristão*, enquanto o diaconado desaparece.

O Concílio de Trento retoma o tema do diaconado permanente. Esperava-se uma renovação, mas não foi além do diaconado de transição para o presbiterado. Segundo a narrativa história do Concílio deveu-se ao excesso de presbíteros, pois havia um sacerdote por cada 40 ou 50 leigos. A revolução francesa de 1789 quebra os vínculos entre a Igreja e o poder civil. A colaboração institucional da Igreja com o poder civil é interrompida. Leão XIII foca-se na unidade do corpo da Igreja que se diz no misterioso e no olhar sobre os mais

desfavorecidos. Seguro dessa responsabilidade, o Papa Leão XIII validou o movimento da Ação Católica, movimento de apoio aos mais necessitados. A diaconia continuava, de um modo desconfigurado, a cumprir a missão de Cristo Servo no seio de uma Igreja solícita.

Os movimentos solidários com os mais frágeis iam-se multiplicando, mas as necessidades provocadas pelas crises sociais como as guerras tornavam-se mais prementes. O percurso histórico do diaconado é desta maneira atribulado e objeto de várias mutações. Um percurso justificado, estudado e avaliado pelo Concílio Vaticano I em 1869, mas outros problemas como a unidade dos cristãos superaram este.

O Concílio Vaticano II acontece pela força dos sinais dos tempos que desafiavam a Igreja em suas diversas dimensões da pastoral. Só depois de um discernimento do momento e de uma exegese reconhecida pelos documentos *Dei Verbum*, Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. O Concílio Vaticano II, imerso na realidade espiritual e existencial dos sinais dos tempos, abriu as sessões de forma a contemplar o diaconado permanente. A Igreja sentiu-se mundo, mas também Povo de Deus conduzido pelo sopro do Espírito Santo. A *Lumen Gentium* 29 define a renovação do diaconado «não em ordem ao sacerdócio, mas ao ministério». Um ministério representativo de Cristo Servo em ordem ao seu bispo. O Papa Paulo VI publica a Carta Apostólica *Ad Pascendum* sob a forma de *Motu Proprio*, com as normas sobre a ordem sacra do diaconado. Normas que subsistiram até 1995.

Na revisão feita pela Congregação para a Educação Católica Congregação para o Clero saiu o *Diretório do Ministério da Vida dos Diáconos Permanentes*. Este diretório veio fortalecer a formação para o diaconado permanente através de critérios mais objetivos, tanto na formação teológico-pastoral como doutrinal, em que as dimensões espiritual, humana e litúrgica merecem referências concretas. Um diretório que imprime ao diaconado uma formação sólida e responsável.

No terceiro capítulo desta dissertação foi analisada a formação para o diaconado permanente baseado num estudo comparativo, entre dioceses, no sentido de avaliar as componentes qualitativas e quantitativas. Instrumentos valiosos para proposta de renovação para a formação de diáconos permanentes na Arquidiocese de Braga. Uma proposta baseada nos resultados obtidos a partir de uma avaliação individual de cada diocese.

Na conclusão registamos o que de diferente, e concomitantemente de positivo se apurou em ordem a um objetivo último, ou seja, criar as estruturas de um programa baseado no conhecimento relativo à forma e ao conteúdo. Conhecimento, que só a análise *SWOT*, em seus quatro quadrantes: Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças nos permitiu. Baseados nesse esquema, elegemos o ano propedêutico pela importância prática que lhe é atribuída no processo de formação nas quatro dioceses avaliadas. É relevante esclarecer que a Arquidiocese de Paris elegeu dois anos para a frequência do propedêutico. Uma outra lacuna importante está na falta do «ano pastoral». Uma estrutura fundamental e experiencial para o magistério. Um apontamento positivo ao estudo da Liturgia das Horas na Diocese de Aveiro: duas horas por semana num período de seis meses.

Para a melhor apreensão das diferenças e semelhanças entre as dioceses, e com o propósito de ajudar na elaboração de um programa para a renovação do diaconado em Braga, apresentamos neste trabalho um quadro referenciador das diferenças (cf. quadro 3).

BIBLIOGRAFIA

Magistério e Tradição

Acta Apostolicae Sedis. https://www.vatican.va/archive/aas/index_en.htm

Ambrósio de Milão. *Exposição sobre o Evangelho de Lucas*, VI. PL 15, 1667D-1698D.

Anónimo. «Didaqué». Em Secretariado Nacional de Liturgia. *Os Diáconos na Igreja: Fontes e Documentos*: 115. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2020.

Anónimo. «Didascália dos Apóstolos». Em Secretariado Nacional de Liturgia. *Os Diáconos na Igreja: Fontes e Documentos*: 116-120. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2020.

Benedictus XVI. Litterae Encyclicae «*Deus Caritas Est*» Episcopis, presbyteris et diaconis, viris et mulieribus consecratis omnibusque christifidelibus laicis. De christiano amore. *AAS* 98 (2006): 217-252.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2008.

Clemente de Roma. *Carta aos Coríntios I*. PG 1, 199A-328B.

Cipriano de Cartago. *Epístola III*, apêndice IV. PL 4, 1036A-1036D.

Codex Iuris Canonici. Acedido a 2 de fevereiro de 2022.

https://www.vatican.va/latin/latin_codex.html.

Código do Direito Canónico. Cord. Pedro Lombardia e Juan Ignacio Arrieta, trad. José A. Marques. Braga: Theológica, 1996.

Concílio de Calcedônia. Em Alberigo, Giuseppe (dir.). *Les Conciles Oecumeniques II. Os Decretos*: 178-233. Paris: Cerf, 1994.

Conférence Episcopale de France. «Norme pour la Formation (*Ratio*)». Acedido a 8 de setembro de 2021.

<https://diaconat.catholique.fr/wp-content/uploads/sites/5/2015/05/Normes-pour-la-Formation-Ratio.pdf>.

_____. «Norme pour la Formation (*Ratio*): Approbation du ST Siege». Acedido a 10 de janeiro de 2022.

<https://diaconat.catholique.fr/wp-content/uploads/sites/5/2015/05/Normes-pour-la-formation-Ratio-Approbation-du-St-Si%C3%A8ge.pdf>.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Pontifical Romano*. «Ordenação do Bispo dos Presbíteros e dos Diáconos». Acedido a 9 de dezembro de 2021.

<https://www.liturgia.pt/pontificais/Ordenacoes.pdf>.

_____. *Missal Romano*, 1969. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1992.

Congregação para os Bispos. *Diretório para o ministério Pastoral dos Bispos «Apostolorum Successores»*. Acedido a 17 de dezembro de 2021.

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cbishops/documents/rc_con_cbishops_doc_20040222_apostolorum-successores_po.html.

Congregação para a Educação Católica para o Clero. «Diretório do Ministério e da Vida dos Diáconos Permanentes». Acedido a 12 de janeiro de 2022.

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19980331_directorium-diaconi_po.html.

_____. «Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes». Acedido a 17 de dezembro de 2021.

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19980331_directorium-diaconi_po.html.

Conselho Pontifício Justiça e Paz. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São João do Estoril, Cascais: Principia, 2005.

Catechismus Catholicae Ecclesiae (1997). Acedido a 30 de janeiro de 2021.

https://www.vatican.va/archive/catechism_lt/index_lt.htm.

Didaké. Coleção Patrística 1. Comentários de Osvaldo Tosti. Lisboa: Edições Paulistas, 1960.

Eusébio de Cesareia. *Sobre a vida do beatíssimo Constantino 4*. PG 20, 909-1232.

Francisco. *Fratelli Tutti: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social*. Braga: Apostolado da Oração, 2020.

Hipólito de Roma. *Tradição Apostólica*. Sch 11.

Inácio de Antioquia. *Carta aos Esmirniotas*. PG 5, 708A-718C.

_____. *Carta aos Filadelfenses*. PG 5, 697A-705D.

_____. *Carta aos Magnésios*. PG 5, 757A-777A.

_____. *Carta aos Tralianos*. PG 5, 777B-800C.

Jerónimo de Estridão. *Carta 146 sobre o Evangelho*. PL 22, 1192-1195.

Justino. *Apologia I*. PG 6, 328A-440C..

Migne, J.P (Ed.). *Patrologia Cursus Completus*. Series Graeca.

_____. *Patrologia Cursus Completus*. Series Latina.

Orígenes de Alexandria. *Comentário a Mateus* (interpretação antiga). PG 13, 829A-1600C.

Paulus II. *Litterae Encyclicae «Redemptor Hominis»*. AAS 71 (1979): 257-324.

_____. *Audiência Geral*. «O diaconado, na comunhão ministerial e hierárquica da Igreja». Acedido a 16 de fevereiro de 2022.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1993/documents/hf_jp-ii_aud_1993_1006.html.

Paulus VI. *Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae «Ad Pascendum»*. AAS 64 (1972): 534-540.

_____. *Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae, «Sacrum Diaconatus Ordinem Generales normae de diaconatu permanenti in Ecclesia Latina restituendo feruntur»*, AAS 59 (1967): 697-704.

Policarpo de Esmirna. *Carta aos Filipenses*. PG 5, 1005A-1016A.

_____. *Carta aos Filipenses e Martírio do Santo*. PG 5, 1015B-1022A.

Pontificia Comisión Bíblica. «Unidad y Diversidad en la Iglesia». Em *Enquiridion Bíblico, Documentos de la Iglesia sobre la Sagrada Escritura* (Madrid: BAC, 2010): 1094-1192.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. *Decretum De Activitate Missionali Ecclesiae «Ad Gentes»*. AAS 58 (1966): 947-990.

_____. Constitutio Dogmatica De Divina Revelatione «*Dei Verbum*». *AAS* 58 (1966): 817-835.

_____. Constitutio Pastoralis de Ecclesia in Mundo Huius Temporis «*Gaudium et Spes*». *AAS* 58 (1966): 1025-1115.

_____. Constitutio Dogmatica de Ecclesia «*Lumen Gentium*». *AAS* 57 (1965): 5–71.

_____. Constitutio De Sacra Liturgia «*Sacrosanctum Concilium*». *AAS* 56 (1964): 97-138.

_____. Decretum De Oecumenismo «*Unitatis Redintegratio*». *AAS* 57 (1965): 90-112.

Secretariado Nacional da Liturgia. *Os Diáconos na Igreja: Fontes e Documentos*. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2020.

Sínodo Diocesano de Braga. *Propostas Sinodais*. Braga: s.ed., 1997.

Monografias

Almeida, Fortunato. *História da Igreja em Portugal I*. Porto: Portucalense Editora, 1930.

Araújo, Manuel Ferreira. *O Ministério do Diácono Permanente*. Porto: Comissão Episcopal do Clero Seminários e Vocações, 1990.

Arnau, Ramón. *Orden y Ministerios*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristãos, 1995.

Augustin, George. *Eu Sou Uma Missão: Testemunho Cristão da Vida*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019.

Bacq, Philippe e Theobalde, Christoph. *Uma nova Oportunidade para o Evangelho*. Águeda: Paulinas, 2013.

Bandinelli, Júlio César. *Diaconia da Palavra: O ministério e a missão do diácono permanente*. S. Paulo: Paulus, 2010.

Bergoglio, Jorge Mario. *Só Nele a Esperança*. Braga: Apostolado da Oração, 2013.

Borras, Alphonse. *O diaconado sob o risco da sua novidade*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2007.

- Brunetti, Aury Azélio. *Diaconato Permanente, visão histórica e situação atual*. S. Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- Carreira das Neves, Joaquim. *Testemunhos Neotestamentários sobre os Ministérios na Igreja*. Em *Igreja e Ministérios*. Semana de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa: 47-67. Lisboa: Rei dos Livros, s.d.
- Collins, John N. *Los diáconos y la Iglesia: Conexiones entre lo antiguo y lo nuevo*. Trad. Constantino Ruiz-Garrido. Barcelona: Editorial Herder, 2004.
- Comissão Teológica Internacional. *Diaconado Evolução e Perspetivas*. Lisboa: Editora Rei dos Livros, 2003.
- _____. «*O Diaconado: Evolução e Perspetivas*». Em Secretariado Nacional da Liturgia. *Os Diáconos na Igreja: Fontes e Documentos*: 445-530. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2020.
- Congresso Internacional sobre o Presbítero. *À Escuta da Palavra*. Prior Velho: Paulinas, 2011.
- Cunha, Jorge Teixeira. *Ética Teológica Fundamental*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2009.
- Damáσιο, António. *A Estranha Ordem das Coisas: A vida, os sentimentos e as Culturas Humanas*. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2017.
- Duque, João Manuel. *No Corpo do Tempo: Teologia Breve I*. Braga: Frente Verso, 2021.
- Falcão, Manuel Franco. «Diaconisas» na *Enciclopédia Católica Popular*: 132. Prior Velho: Paulinas, 2004.
- Ferreira, J. Augusto. *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga I*. Famalicão: Mitra Bracarense, 1928.
- Galvão, Henrique Noronha. *Deus Trindade, Comunidade, Ministérios*. Em *Igreja e Ministérios*. Semana de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa: 9-26. Lisboa: Rei dos Livros, s.d.
- Guimarães, Pedro. *A Comunicação da Igreja é um Encontro: a redescoberta da comunidade cristã como lugar de encontro na sociedade da informação*. Apelação: Paulus Editora, 2021.
- Halík, Tomás. *O Tempo das Igrejas Vazias*. Prior Velho: Inst. Miss. Filhas de S. Paulo, 2021.

- _____. *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*. Prior Velho: Inst. Miss. Filhas de S. Paulo, 2019.
- Hauke, Manfred. «O Diaconado». Em *Dicionário de Ecclesiologia*. Cord. José R. Vilar: 294. Madrid: Biblioteca de Autores Cristãos, 2016.
- Lima, José da Silva. *Teologia Prática Fundamental: Fazei Vós, Também*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.
- Magalhães, Vasco Pinto. *Onde Há Crise, Há Esperança*. Braga: Secretariado Nacional da Oração, 2008.
- Marcelino, António B. *Presente e Perspetivas do Diaconado Permanente*. Em *Igreja e Ministérios*. Semana de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa: 199-216. Lisboa: Rei dos Livros, s.d.
- Martini, Carlo Maria. *Caminhos laicais*. Lisboa: Inst. Miss. Filhas de S. Paulo, 1995.
- Miranda, Mário França. *A Igreja Numa Sociedade Fragmentada*. S. Paulo: Edições Loyola, 2006.
- Moreira Azevedo, Carlos A. *Estruturação dos Ministérios na Igreja Antiga*. Em *Igreja e Ministérios*. Semana de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa: 79-99. Lisboa: Rei dos Livros, s.d.
- Pié-Ninot, Salvador. *Ecclesiología: La Sacramentalidad de la Comunidad Cristiana*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2009.
- Pinho, José Eduardo Borges. *O Ministério Ordenado no Diálogo Ecuménico*. Em *Igreja e Ministérios*. Semana de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa: 143-175. Lisboa: Rei dos Livros, s.d.
- Ramos, Júlio A. *Teologia Pastoral*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristãos (BAC), 1995.
- Rodrigues, L.M. Figueiredo. *O Digital No Serviço da Fé, formar para uma oportunidade*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016.
- Rops, Daniel. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. S. Paulo: Quadrante, 1988.
- Rupnik, Tomás Spidlík Marko. *El conocimiento integral: La vía del símbolo*. Madrid: Biblioteca de Autores Católicos, 2013.

Varillon, François. *Alegria de Crer e de Viver*. Braga: Apostolado da Oração, 2013.

Vitali, Dario. *El Diaconado: Nuevas perspectivas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristãos, 2021.

Wright, Nicholas. T. *São Paulo*. Alfragide: Publicações D. Quixote, 2019.

Publicações Periódicas

Alves, João José Gonçalves Martins. «Estevão: Do Serviço ao Testemunho». *Cenáculo: caminhos Silenciosos* 2, n. 215 (dezembro 2020): 69-85.

Borras, Alphonse. «Perspectiva Actual de la Teología del Diaconado». *Selecciones de Teología*, n. 187: 200-216. Acedido a 13 de janeiro de 2021.
https://seleccionesdeteologia.net/selecciones/lilib/vol47/187/187_borras.pdf

Bracons, José Maria Ribas. «La Renovación del Diaconado». *Ius Canonicum* 9, n. 17: 239-258. Acedido a 11 de janeiro de 2021.

<https://dadun.unav.edu/handle/10171/14209>.

Ortiga, Jorge. «Igreja desafiada a acolher os diáconos sem medo», *Diário do Minho* 32842 (20 de maio de 2021): 15.

_____. «Significado histórico e eclesial do Diaconado Permanente». Conferência nas Jornadas de Teologia da UCP-Porto, a 15 de fevereiro de 2011. Acedido a 20 de setembro de 2021.
<https://agencia.ecclesia.pt/portal/significado-historico-e-eclesial-do-diaconado-permanente/>.

Pinto, Luciano Rocha. «O ministério das diaconisas: ensaio histórico-teológico sobre a diaconia das mulheres no primeiro milênio». *Coletânea* 17, n. 33: 123-144. Rio de Janeiro, jan./jun. 2018», DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v17i33-2018-7>. Acedido a 12 de janeiro de 2021.

<http://www.revistacoletanea.com.br/index.php/coletanea/article/view/141/111>.

Outras fontes

Abreu, Adélio Fernandes. «O diaconado permanente na Diocese do Porto. Situação para uma avaliação», *Igreja Portucalense*, n. 49 (2019): 139-47. Acedido a 8 de setembro de 2021. <https://diaconado-porto.blogspot.com/p/blog-page.html>.

Beraudy, Roger. «Comité National du Diaconat 1993: Note sur la Structure des Ministeres Oronnes». Acedido a 1 de maio de 2017.

<https://diaconat.catholique.fr/wp-content/uploads/sites/5/2017/02/Note-sur-la-structure-des-ministeres-ordonnes-Roger-BERAUDY.pdf>

Bettencourt, Estêvão. «Quem eram as diaconisas da Igreja Antiga?». Acedido a 11 de janeiro de 2021.

<https://cooperadoresdaverdade.com/quem-eram-as-diaconisas-da-igreja-antiga/>.

Diaconado Permanente da Diocese do Porto. «Calendário de Formação para Aspirantes 2021/2022». Acedido a 4 de fevereiro de 2022.

<https://diaconado-porto.blogspot.com/p/calendario.html>.

Diocese de Aveiro. *Diaconado Permanente de Aveiro na «Igreja Aveirense»*. Aveiro: s.ed., 2020.

_____. *Diaconado Permanente: Plano de Atividades e Formação 2018-2019*. Aveiro: s.ed., 2018.

Pani, Giancarlo. «As “mulheres diácono” na era Apostólica e subapostólica». Acedido a 23 de setembro de 2021.

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/571017-as-mulheres-diacono-na-era-apostolica-e-subapostolica-artigo-de-giancarlo-pani>.

Patriarcado de Lisboa. *Seleção e formação para o diaconado permanente: Normas de seleção e formação dos aspirantes e candidatos ao Diaconado Permanente no Patriarcado de Lisboa*. Lisboa: s.ed., 2011.

_____. *Seleção e formação para o diaconado permanente: Programa de Formação dos Aspirantes e Candidatos ao Diaconado Permanente no Patriarcado de Lisboa*. Lisboa: s.ed., 2011.

- Pereira, José Miguel. *Correspondência eletrónica*. Recebida e acedida a 14 de abril de 2021.
- _____. «Diaconado permanente: “uma mais-valia para a evangelização”». Acedido a 5 de setembro de 2021.
- https://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?cont_=40&id=7946&tem=410.
- Rocha, Georgino. «Mensagem do Padre Georgino Rocha», em Diocese de Aveiro, *Diaconado Permanente de Aveiro na «Igreja Aveirense»*: 5-6. Aveiro: s.ed., 2020.
- Santos, Joaquim António da Silva. «A alegria do serviço: Vinte e cinco anos de diaconado permanente no Porto». *Igreja Portucalense*, n. 43 (2017): 216-22. Acedido a 8 de setembro de 2021. <https://diaconado-porto.blogspot.com/p/blog-page.html>.
- _____. «Vocações Diaconais: dom e desafio, O diaconado permanente na Diocese do Porto», *Humanística e Teologia* 29, n. 2 (2008): 95-109. Acedido a 8 de setembro de 2021. <https://diaconado-porto.blogspot.com/p/blog-page.html>.
- Simon, Hippolyte. «Diacres pour un Diocese, Comité National du Diaconat», 1991. Acedido a 16 de agosto de 2021.
- <https://diaconat.catholique.fr/wp-content/uploads/sites/5/2017/02/Diacres-pour-un-diocese-H.-Simon-1991.pdf>.
- Souza, Vanderlúcio. «Ordenação de Diaconisas está descartada por enquanto, diz Papa Francisco em entrevista». Acedido a 12 de janeiro de 2021. <https://blogs.opovo.com.br/ancoradouro/2019/05/07/ordenacao-de-diaconisas-esta-de-scartada-diz-papa-francisco-em-entrevista/>.
- Universidade Católica Portuguesa. «Livro de Estilo da Faculdade de Teologia». Aprovado pelo Conselho Científico da Faculdade de Teologia (versão: Outubro de 2021). Último acesso a 22 de fevereiro de 2022, <https://ft.ucp.pt/asset/10171/file>.